

**TRABALHANDO PARA ACABAR  
COM A VIOLÊNCIA DE GÊNERO  
NO ÂMBITO ESCOLAR**

**ESCRITOS DOS REPRESENTANTES DE SINDICATOS DA EDUCAÇÃO  
DA ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E AUSTRAL**



# **TRABALHANDO PARA ACABAR COM A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO ÂMBITO ESCOLAR**

ESCRITOS DOS REPRESENTANTES DE  
SINDICATOS DA EDUCAÇÃO DA ÁFRICA  
ORIENTAL, OCIDENTAL E AUSTRAL

Publicado em Dezembro de 2019 pela **Gender at Work e Labour Research Service (LRS)** em parceria com **Global Affairs Canada, Iniciativa das Nações Unidas para a Educação das Raparigas (UNGEI)** e **Internacional da Educação (IE)**.

Edição: Shamim Meer

Tradução: Unaiti Costa

Desenho e Layout: Naadira Patel - StudioStudioWorkWork

Revisão: Nina Benjamin, Rex Fyles e Aayushi Aggarwal

As fotografias dos participantes foram tiradas durante o workshop.

Os pontos de vista, as opiniões e palavras escritas no artigo são exclusivamente da responsabilidade do autor. O artigo reflecte as palavras do autor no que se refere ao seu percurso, o ponto de vista e o progresso



Government  
of Canada

Gouvernement  
du Canada

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
OS SINDICATOS	17
ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS	18
ESCRITOS DE REPRESENTANTES DE SINDICATOS DA EDUCAÇÃO DA ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E AUSTRAL	
Com apoio, tudo é possível	21
Salimatu Sinneh Koroma <i>(Sindicato dos Professores da Serra Leoa)</i>	
Um casamento feito no inferno	25
Alieu Deen-Conteh <i>(Sindicato dos Professores da Serra Leoa)</i>	
Minha jornada na campanha anti-VGAE	30
Angela Chisanga <i>(Sindicato dos Professores da Educação Básica da Zâmbia)</i>	
Violência de género no âmbito escolar – Adoptando medidas	35
Kakunta Kabika Mbuyu <i>(Sindicato dos Professores do Ensino Básico da Zâmbia)</i>	
A história de Jatou	38
Saffie Nyassi <i>(Sindicato dos Professores da Gâmbia)</i>	
Sentença de morte por ser menina	41
Ebrima Sajaw <i>(Sindicato dos Professores da Gâmbia)</i>	
O poder da determinação	47
Destaye Tadesse <i>(Associação dos professores da Etiópia)</i>	
Acção contra a VGAE	52
Yohannes Benti <i>(Associação dos Professores da Etiópia)</i>	

<b>Ponto de viragem da Violência de Género no Âmbito Escolar:</b>	
<b>A história de uma vítima, perpetradora e agente de mudança</b> _____	56
Alice C. Tui. ( <i>Sindicato Nacional dos Professores do Quênia</i> )	
<b>O poder das palavras na luta contra a VGAE</b> _____	61
Winnie Namata ( <i>Sindicato Nacional dos Professores de Uganda</i> )	
<b>Longe vão os dias em que a violência de género no âmbito escolar passou despercebida</b> _____	69
Baguma Filbert Bates ( <i>Sindicato Nacional dos Professores de Uganda</i> )	
<b>Advocacia dos professores é a chave para a criação de um ambiente de aprendizado seguro para todos</b> _____	74
Tshwanelo Mmutlana ( <i>Organização Profissional Nacional dos Professores da África do Sul</i> )	
<b>Os desafios de um director jovem</b> _____	79
Aubrey Makhubedu ( <i>União Nacional dos Professores da África do Sul</i> )	
<b>Resolvendo casos de VGAE</b> _____	82
Leah Samakayi Kasaji ( <i>União Nacional de Professores da Zâmbia</i> )	
<b>Onde está o chefe da turma?</b> _____	87
Joe Kasaka ( <i>União Nacional dos Professores da Zâmbia</i> )	
<b>Ensinar é um acto de amor</b> _____	91
Mpule Dorcas Sekabate ( <i>Sindicato Democrático dos Professores Sul Africano</i> )	
<b>Incidentes de violência nas escolas - A resposta de um sindicato</b> _____	97
Khanyisile Mdziniso ( <i>Sindicato Democrático dos Professores da África do Sul</i> )	
<b>Sonhos destruídos</b> _____	103
Eringu Etonu ( <i>Escritório Regional África da IE</i> )	
<b>O infortúnio de Juliana</b> _____	107
Victor Issaka Kpandja ( <i>Escritório Regional África da IE</i> )	

## ESCRITOS DAS FACILITADORAS

**Reflexão da facilitadora: Métodos antigos, lições novas** \_\_\_\_\_ 112

Nina Benjamin (*Labour Research Service e Gender at Work*)

**Facilitando conversas difíceis** \_\_\_\_\_ 116

Mahlet Hailemariam (*Gender at Work*)

**Dilemas na facilitação: Como responder e sobre quem recaem as responsabilidades?** \_\_\_\_\_ 121

Michel Friedman (*Gender at Work*)

**O acto de reflexão é uma luta humana** \_\_\_\_\_ 128

Nosipho Twala (*Labour Research Service e Gender at Work*)







# INTRODUÇÃO

*A Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE) é uma violência que compromete a integridade física, os direitos humanos e a igualdade de género de todos os envolvidos na escola, mas principalmente a da criança em idade escolar.*

A iniciativa “*Sindicatos da Educação Intervêm para Acabar com a Violência de Género no Âmbito Escolar*” da Internacional da Educação<sup>1</sup> (EI), faz parte de um processo de mais de 30 anos de advocacia internacional com vista à promoção da igualdade de género na educação e nos sindicatos. Em 2016, sete sindicatos de professores nomeadamente, o SADTU<sup>2</sup> e a NAPTOSA<sup>3</sup> da África do Sul, o BETUZ<sup>4</sup> e o ZNUT<sup>5</sup> da Zâmbia, o UNATU<sup>6</sup> do Uganda, a ETA<sup>7</sup> da Etiópia e o KNUT<sup>8</sup> do Quênia participaram activamente num Processo de Acção e Aprendizagem em Género (AAG) da Gender at Work. Em 2018, o SLTU<sup>9</sup> da Serra Leoa, o GTU<sup>10</sup> da Gâmbia e os funcionários do Escritório Regional da Educação Internacional para África, com sede em Gana, juntaram-se ao grupo inicial. O processo de AAG tinha como objectivo principal a criação de um programa piloto participativo na África Austral, Oriental e Ocidental, centrado na capacidade individual dos professores e dos seus sindicatos para acabar com a VGAE<sup>11</sup>. Com o apoio das facilitadoras da Gender at Work<sup>12</sup>, os participantes reforçaram a sua compreensão sobre a desigualdade de género e a violência de género no contexto escolar. Ao longo deste processo, os participantes partilharam histórias de mudança inspiradoras.

No início do processo de AAG, foram realizados encontros designados “Ouvindo Nossas Histórias” (ONH) que criaram um espaço onde um grupo representativo de membros de cada um dos sindicatos participantes pôde partilhar as suas experiências sobre a violência de género nas suas escolas e nos seus sindicatos. Ao longo destes encontros de dois dias, as histórias contadas realçaram a dor e o sofrimento resultantes da VGAE, mas também a vontade e o poder de cada professor, como indivíduo e sindicalista, em tornar-se agente de mudança para acabar com a VGAE. Na sessão “Ouvindo Nossas Histórias”, cada sindicato escolheu um grupo de 4 ou 5 membros para formar uma equipa de mudança com vista a apoiar o sindicato a adoptar medidas para acabar com a VGAE.

O impacto das histórias contadas no encontro ONH foi crucial no trabalho das facilitadoras da Gender at Work e dos membros da equipa de mudança ao longo dos 18 meses do processo de AAG. As histórias tornaram-se parte de própria narrativa interior, próxima dos seus corações, orientando o grupo enquanto navegava a jornada conceitual e a prática para testar acções com vista a acabar com a VGAE. E mais, elas contribuíram para a criação de uma comunidade de educadores e activistas. Como o Deen do SLTU escreve em sua

história: As histórias são importantes porque cada um de nós procura respostas. E nós nos conectamos com histórias apropriadas e autênticas que nos ajudam a construir laços e pontes para superar os desafios da vida.

De 12 à 15 de Setembro de 2019, 19 activistas sindicais do sector da educação e 4 facilitadoras da Gender at Work participaram num encontro de escrita organizado pela Gender at Work. A facilitadora do encontro, Shamim Meer, orientou os participantes durante 4 dias num processo de escrita reflexiva e criativa com vista a produzir 23 histórias escritas. Escritas do coração, as histórias narram a dor mas também a paciência, solidariedade e a alegria que os participantes sentem quando trabalham para erradicar as normas sociais que perpetuam a violência de género nas escolas.

A Shamim criou um espaço seguro para os membros da equipa de mudança e as facilitadoras da Gender at Work e guiou-os, com recurso a uma série de técnicas de escrita, de modo a que cada pessoa compartilhasse uma das suas histórias, desta vez, na forma escrita. Ela introduziu técnicas que ajudaram a realçar o poder das suas ideias, técnicas para que se conectassem com o leitor, e momentos de troca de comentários construtivos para inspirar e reforçar a confiança na escrita por parte dos novos escritores. As facilitadoras da Gender at Work foram tanto participantes como co-facilitadoras da Shamim, apoiando e partilhando comentários.

Quando os escritores encontraram as suas vozes, foi como se uma barragem tivesse rebentado as suas margens. O espaço seguro que iniciou na sala de reuniões, estendeu-se até ao jardim. Os escritores dobraram-se sobre os seus cadernos, mastigando as suas canetas em profunda concentração. Cada escritor apreciava a quietude e o espaço para reflexão. Logo surgiram histórias cobrindo uma miríade de temas e abordagens de VGAE. A título de exemplo, a descoberta do seu poder interior para mudar tanto a si próprios como os que os rodeiam, as estratégias de utilização dos medias por parte dos seus sindicatos, a pesquisa e as mudanças de políticas, e o trabalho mais complexo de alteração das normas culturais profundas.

Estas são as histórias partilhadas neste documento. Esperamos que as imagens, os sons, os acontecimentos, as lágrimas, a alegria e os triunfos que giram à volta destas histórias o inspirem da mesma forma que nos inspiraram a continuar a criar escolas livres de VGAE.

Para uma visão geral da vasta gama de estratégias que os sindicatos educativos em África estão a utilizar para eliminar a VGAE, consulte o documento "Estratégias para Acabar Com a Violência de Género no Âmbito Escolar: A Experiência dos Sindicatos da Educação em África."

***Nina Benjamin,***  
***Associada Sénior da Gender at Work***

1. A Internacional da Educação é uma Federação Sindical Mundial que representa organizações de professores e outros funcionários da educação. É a maior e mais representativa organização global e sectorial de sindicatos do mundo, com mais de 32 milhões de membros em 391 organizações em 179 países e territórios.
2. South Africa Democratic Teachers' Union
3. National Professional Teachers' Association of South Africa
4. Basic Education Teachers' Union of Zambia
5. Zambia National Union of Teachers
6. Uganda National Teachers' Union
7. Ethiopia Teachers' Association
8. Kenya National Union of Teachers
9. Sierra Leone Teachers' Union
10. Gambia Teachers' Union
11. Os *Sindicatos da Educação Intervêm para Acabar com a VGAE* foi um programa conjunto da IE/UNGEI (Iniciativa das Nações Unidas para a Educação das Raparigas) implementado durante quatro anos, em sete países Africanos, que apoiou as organizações afiliadas da IE e os seus membros nos seus esforços para acabar com a VGAE através da capacitação dos professores como agentes activos de mudança. O programa foi financiado pelo Global Affairs Canada, com o apoio suplementar das organizações membros da IE: Federação Canadiana de Professores, Lärarförbundet/Suécia, e a Associação Nacional de Educação/EUA.
12. Gender at Work é uma rede internacional feminista. Os seus Associados já apoiaram mais de 100 organizações no combate à desigualdade de género e às normas sociais discriminatórias. Neste programa, a Gender at Work foi responsável por conceber e facilitar os processos de Acção e Aprendizagem em Género (AAG) com os sindicatos participantes, assim como coordenou a implementação do programa.

## **Reflexões de alguns dos participantes e das facilitadoras no último dia do encontro de escrita**

**Alice** – *Esta foi uma experiência maravilhosa. Eu fiz novos amigos. Eu nunca soube que podia escrever e aprendi muito.*

**Destaye** – *É um momento maravilhoso para mim. Eu escrevi a minha história graças a todos os coordenadores.*

**Kakunta** – *Esta foi uma boa experiência, pois o processo de escrita deu-nos uma chance de reflectir sobre o que fizemos. Estou ansioso pelo produto final.*

**Winnie** – *Sinto-me óptima e empoderada e sinto que posso escrever para além desta história. Irei continuar a usar a escrita livre.*

**Richard** – *Cheguei um pouco tarde o que criou-me alguma ansiedade. Também cheguei como substituto e não tinha a certeza se estaria à altura das expectativas do encontro. Surpreendi-me. Não tinha muita certeza sobre o que estava a escrever, mas ao ler a minha história, fez muito sentido porque vi muitas conexões mas também lacunas no que estamos a fazer. Ao tentar escrever esta história, apercebi-me quão grande é o desafio. Eu vou continuar a escrever.*

**Leah** – *Quando eu vinha de casa, perguntei-me: “Sobre o que irei escrever neste encontro?” Quando me falaram da escrita livre, gostei muito. Escrevi a história sobre uma menina e Nosipho fez alguns comentários, então percebi que não era a história que queria contar. Tenho me questionado sobre o que irá acontecer no final deste projecto sobre a VGAE e como outros irão dar continuidade. Agora, ao colocar a história no papel, outros irão lê-la e ter algumas ideias para seguir em frente.*

**Filbert** – *Muito obrigado, foi de facto uma experiência! Quando começamos não estava claro sobre o rumo que íamos tomar. À medida que avançamos, comecei a reflectir sobre o que escrevi no início, estava a escrever um relatório, mas depois voltei à experiência vivida e comecei a escrever realmente para que os outros lessem. Aprendi sobre a prática da escrita. Nos encontros ONHs, as facilitadoras da Gender at Work partilharam histórias escritas e encorajaram-nos a lê-las. Eu não sabia como tinham sido escritas. Nós vivemos e fazemos muitas coisas, mas não escrevemos as nossas histórias. Ninguém pode ler. Eu serei uma das pessoas mais felizes se pudermos ter cópias impressas deste livro que estamos a escrever para que outras pessoas o possam ler. Se for necessário contribuímos financeiramente para fazermos cópias impressas, então o faremos. Eu agora aprecio os esforços e desafios que as pessoas têm quando estão a escrever. Os professores têm o que é preciso para serem escritores, mas sentem-se incapacitados para seguir em frente.*

**Aubrey** – *Lembro-me sempre quando nos encontrámos na Etiópia para o evento sobre Aprendizagem e desafiámos a IE e a Gender at Work sobre a necessidade de produzir um livro sobre este projecto. Fico feliz por terem sido estratégicos e por as histórias terem vindo de nós, nós somos os autores. Se os membros dos nossos sindicatos tiverem desafios, eles terão algo como referência. O que está documentado aqui estará conosco para sempre e outros virão mais tarde para acrescentar ao que foi feito. A verdadeira história de uma criança africana será contada.*

**Tshwanelo** – *A minha reflexão é que as nossas vozes não vão acabar pois uma vez escritas, tornam-se parte da história. Chegamos aqui com diferentes graus de experiência na escrita. Estou grata e continuarei com a escrita livre, pois é importante documentar. Se não o fizermos, esquecemos o que é importante. Este livro não será uma estatística, escrito por uma ONG, mas sim por professores que estão preparados para fazer parte da mudança. Como professores, não somos apenas perpetradores, queremos fazer parte da mudança.*

**Dorcas** – *Quero começar pelo momento em que nos pediram para enviar nomes para este encontro. No início eu olhei para a minha agenda. Vi o Congresso, os meus exames e pensei que eu devia dar a oportunidade a outra pessoa. Mas por alguma razão eu submeti o meu nome para participar e não me arrependo de ter participado. Prefiro lidar com números e ir directo ao assunto. Não gosto de escrever. Tive dificuldades em fazer as minhas tarefas porque requeriam de mim escrever. Mas depois deste encontro eu tenho energia para escrever de novo. Enquanto escrevo esta história, gostaria de poder voltar à escola. Ao escrever a história, apercebi-me de muitas coisas erradas que estamos a fazer como educadores, de forma consciente ou inconsciente. Pensei que poderíamos fazer esta escrita num dia, pouco sabia eu o que o processo implicaria.*

**Deen** – *Para mim este processo é como um despertar religioso. Nos outros encontros de aprendizagem entre pares 1, 2 e 3, trabalhamos em diferentes países para o mesmo objectivo. Assim, quando nos reencontramos é um despertar, um despertar do espírito e da confiança. Mesmo quando penso que escrevo bem, aprendo novas coisas. Sempre que participo em algum dos programas sobre a VGAE, nunca mais volto o mesmo. Tenho um fogo, uma energia e espírito renovados.*

**Ebrima** – *Eu estava preocupado com a forma como ia escrever. Eu questioneei a escrita livre. Nunca pensei que pudesse partilhar a minha própria história abertamente. Era muito pessoal para mim e chorei porque queria proteger e não expor a minha família. Como homens, estamos na linha da frente da circuncisão feminina. A escrita livre ajudou-me a voltar para os meus colegas e para os alunos e a encorajá-los a falar, a escrever livremente as suas próprias histórias e a colocá-las numa caixa segura. Aqueles que tiveram a sorte de ler as histórias saberão que não são os únicos que ficaram traumatizados. Obrigada pela oportunidade de falar.*

**Saffie** – *Como gambianos, temos dificuldades em despedir-nos. O processo foi muito bom e eu sinto-me fortalecida. Quando eu vinha participar no encontro, perguntava-me sobre o que íamos fazer aqui. No aeroporto, até o oficial de imigração da África do Sul que verificou a minha carta convite perguntou-me sobre o que eu ia escrever. Esta escrita livre vai ajudar-me a escrever os meus relatórios rapidamente e em tempo útil. Iremos partilhar com os colegas. Volto para o Secretário Geral com a ideia de que “cada pessoa alcança outra pessoa e ensina outra pessoa” e vou escrever com os meus colegas porque temos muito por partilhar.*

**Victor** – *Gradualmente ganhei confiança para escrever a minha história.*

**Salimatu** – *Sinto-me afortunada por estar aqui, mesmo com todos os obstáculos que tivemos que enfrentar devido à questão dos vistos. No dia em que viemos para cá parecia que tínhamos chegado à América, mas agora sinto que é África. Espero que esta não seja a última oportunidade em que nos encontramos.*

**Yohannes** – *Eu não tinha certeza sobre o que escrever mas depois senti-me muito orgulhosa de estar aqui. Comemorei o meu aniversário e ano novo Etíope com todos neste encontro sobre a escrita. Passei tempo a escrever a minha tese por isso conheço o desafio de escrever. As perguntas que enfrentamos como professores são “como fazer justiça aos nossos alunos”; “como é que os nossos membros estão a fazer justiça aos nossos colegas professores?”*

**Nosipho** – *Esta semana foi muito emocionante e agradeço pelo facto de sentir-me segura e de estarmos todos abertos a partilhar as nossas histórias. Este processo é semelhante ao nascimento pois algo novo está a ser criado. Esta semana foi repleta de muitas coisas, nós criamos e nos conectamos com a natureza e com os nossos Deuses. As histórias realmente tocaram-me e estão gravadas no meu coração. Tudo centrou-se na nossa experiência. No início tivemos dificuldade em encontrar as nossas vozes, mas através da confiança, deixando de lado o controle, com humildade e abertura, encontramos as nossas vozes. Obrigada a todos por confiarem no processo.*

**Michel** – *Estou grata por ter feito parte de uma perspectiva diferente e alternativa sobre como colocar as nossas ideias na media. Aqui trabalhamos com as palavras, falamos da nossa prática e estas não são palavras vazias. Normalmente as coisas são muito planas, ou seja, trata-se de vítima ou perpetrador. Aqui estamos a mostrar uma realidade complexa.*

**Mahlet** – *Sinto-me tão grata por estar com todos vocês e pelo que alcançamos juntos. Obrigada por nos darem a oportunidade de facilitar.*

**Shamim** – *As histórias que lemos nos jornais sobre violência geralmente são apenas histórias sobre ódio. Aqui eu vi como os professores e os homens podem ser parte da solução. Estamos juntos e somos uma família.*





Fotografia: EML Events Ethiopia



Fotografia: EML Events Ethiopia

# OS SINDICATOS

## EM TODO O CONTINENTE

Gabinete Regional da IE – África



## GRUPO DE APRENDIZAGEM ENTRE PARES DA ÁFRICA ORIENTAL

### ETIÓPIA

ETA (Associação dos Professores da Etiópia)

### UGANDA

UNATU (Sindicato Nacional dos Professores do Uganda)

### QUÊNIA

KNUT (Sindicato Nacional dos Professores do Quênia)

## GRUPO DE APRENDIZAGEM ENTRE PARES DA ÁFRICA OCIDENTAL

### GÂMBIA

GTU (Sindicato dos Professores da Gâmbia)

### SERRA LEOA

SLTU (Sindicato dos Professores da Serra Leoa)

## GRUPO DE APRENDIZAGEM ENTRE PARES DA ÁFRICA AUSTRAL

### ÁFRICA DO SUL

NAPTOSA (Organização Profissional Nacional dos Professores da África do Sul)

SADTU (Sindicato Democrático dos Professores da África do Sul)

### ZÂMBIA

BETUZ (Sindicato Nacional dos Professores do Ensino Básico da Zâmbia)

ZNUT (Sindicato Nacional dos Professores da Zâmbia)



# ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS

A *Iniciativa das Nações Unidas para a Educação das Raparigas* (UNGEI) é uma parceria entre organizações comprometidas com a igualdade de género na educação e o empoderamento das meninas e mulheres jovens. Criada em 2000, a UNGEI é uma autoridade global sobre género e educação e fornece uma plataforma para que os parceiros possam trocar experiências e falar, numa só voz, para acelerar o progresso. O papel da UNGEI como organizador e gestor do conhecimento tem sido fundamental para reunir diversos actores e assegurar os recursos necessários para apoiar o programa *Sindicatos da Educação Intervêm para Acabar com a VGAE*. A UNGEI fornece a plataforma para compartilhar as lições emergentes do programa. Em 2013, a UNGEI identificou a VGAE como uma prioridade política e de advocacia e, desde então, ela tem apoiado iniciativas que demonstram o papel crítico que os professores e os sindicatos desempenham para acabar com a VGAE. Em 2014, a UNGEI convocou um Grupo de Trabalho Global para acabar com a VGAE através da advocacia conjunta, pesquisa e orientação global sobre a VGAE. A UNGEI também hospeda o centro de recursos eletrónicos para documentação sobre a VGAE, estando o seu Secretariado sediado na UNICEF.

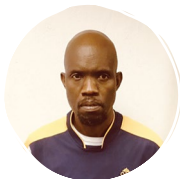
A Internacional da Educação (IE) representa organizações dos professores e outros trabalhadores da educação em todo o mundo. É a maior federação de sindicatos do mundo, representando 32 milhões de funcionários da educação em 400 organizações em 170 países e territórios. Desde a sua criação em 1993, a IE trabalha com vista a alcançar a igualdade de género nos sindicatos e na educação como uma prioridade política e programática. O 7º Congresso Mundial da IE em 2015, adoptou uma Resolução sobre a VGAE, criando um quadro institucional para endereçar a VGAE como uma prioridade de todos os seus membros. Neste programa, a IE é responsável pela ligação e coordenação dos sindicatos da educação participantes (todos eles membros da IE) e outros colaboradores, fornecendo apoio técnico através do Escritório Regional para África em Acra, Gana e do Secretariado da IE em Bruxelas, Bélgica.

A Gender at Work é uma rede internacional feminista que trabalha para acabar com a discriminação contra as mulheres e construir culturas de inclusão. Desde a sua criação em 2003, os membros associados já apoiaram mais de 100 organizações a combater a desigualdade de género e a endereçar as normas sociais discriminatórias. Neste programa, a Gender at Work é responsável por conceber e facilitar os processos de Acção e Aprendizagem em Género (AAG) com os sindicatos participantes, assim como em coordenar a implementação do programa.

O programa foi possível graças ao generoso apoio financeiro do Global Affairs Canada.



ESCRITOS DOS REPRESENTANTES  
DE SINDICATOS DA EDUCAÇÃO  
DA ÁFRICA ORIENTAL,  
OCIDENTAL E AUSTRAL







## COM APOIO, TUDO É POSSIVEL

Salimatu Sinneh Koroma

*SLTU (Sindicato dos Professores da Serra Leoa)*

A história que partilho é sobre a Isatu. Ela nasceu na mesma cidade e rua que eu e, na escola, era uma rapariga muito esperta. Por isso, todas as pessoas da comunidade queriam ser seus pais.

Aos catorze anos de idade a Isatu engravidou o que surpreendeu a todos na nossa comunidade. A maioria dos seus amigos aconselharam-na a misturar algumas ervas com vista a interromper a gravidez mas ela recusou. Até as suas tias, uma freira e a outra enfermeira, ambas trabalhavam no hospital público, queriam que ela fizesse um aborto. Um dia elas levaram-na ao hospital para interromper a gravidez mas Isatu fugiu do hospital pois tinha medo de perder a sua vida.

Por causa da gravidez, a Isatu foi estigmatizada e provocada por pessoas na rua quando se dirigia ao hospital para tratamento. Ela sentia vergonha, especialmente quando via as suas colegas de classe com os seus uniformes à caminho da escola. No entanto, alguns amigos encorajaram-na a não peder a esperança. Passados alguns meses ela adoeceu e foi internada no hospital. Por ser uma paciente com células falciformes, o médico aconselhou que ficasse no hospital até o nascimento da bebé.

Ao tomarem conhecimento que a Isatu havia sido internada no hospital, algumas pessoas da comunidade incluindo estudantes, especialmente os alunos da 10a classe, visitavam-lhe com frequência. Contudo, as suas visitas não visavam apoiar-lhe mas sim provocar-lhe.

Na graça de Deus, ela deu parto a uma bebé linda e cheia de saúde. Quando ouviram a notícia do seu parto, muitas pessoas foram ao hospital para vê-la, mas o médico já havia instruído as enfermeiras para que não permitissem a entrada de ninguém, excepto a dos seus pais. No mesmo dia ela foi transferida para uma enfermaria especial.

Após um ano, a Isatu pediu ao pai que a deixasse voltar para a escola. O seu pai convidou uma professora para ensiná-la em casa porque, se ela voltasse à escola, enfrentaria provocações por parte dos colegas. A Isatu era dedicada e muito empenhada, por isso estudou muito. Depois de dois anos, o seu pai encontrou uma escola primária para ela, e um ano depois, ela terminou o ensino geral. Ela passou nas cinco disciplinas, incluindo matemática e inglês. O pai perguntou o que ela gostaria de fazer a seguir e ela disse-lhe que queria ser professora. O pai concordou e comprou um formulário de exame de admissão para que ela fizesse um curso de formação de professores. A Isatu fez o exame e passou com distinção, ou seja, o que eu quero realmente dizer é que ela passou a todas as matérias.

A Isatu foi admitida ao Centro de formação em Makeni. Makeni fica há 24 quilómetros de Magburaka, onde ela morava. Durante o seu primeiro ano no centro de formação, ela adoeceu e foi internada no hospital público de Makeni após ter sido diagnosticada com uma apendicite e célula falciforme. Ela foi submetida a uma operação de apendicite e perdeu muitas semanas de aulas mas, devido ao apoio do seu pai e da sua mãe, ela conseguiu continuar os seus estudos e passou para o segundo ano. Ela continuou os seus estudos por mais três anos e completou o curso com boas notas.

A Isatu voltou à escola anterior e continuou a leccionar por mais três anos e, após esse período, pensou que deveria actualizar-se. Ela informou aos seus pais sobre a sua intenção de voltar aos estudos e eles ficaram muito felizes e a encorajaram a continuar.

Desta vez, ela mesma comprou o formulário e candidatou-se ao Curso Superior de Formação de Professores para o ensino secundário. Ela passou por desafios mas conseguiu terminar com sucesso o que também foi possível devido a ajuda dos seus pais. Porém, ela não pôde continuar a leccionar na sua cidade natal por causa da guerra civil no nosso país que na altura afectava gravemente as províncias, e teve que se mudar para a capital do país, Freetown.

Enquanto leccionava em Freetown, ela aderiu ao Sindicato dos Professores da Serra Leoa (SLTU) como activista no Comité de Mulheres. Devido ao seu compromisso com o trabalho do seu Sindicato, ela foi seleccionada para participar num workshop que teve lugar no Congresso dos Trabalhadores da Serra Leoa (SLLC) que é o órgão geral de todos os sindicatos do país. Durante a cerimónia de encerramento do workshop, a Isatu foi convidada a apresentar as notas de agradecimento. A sua apresentação fez com que uma das parceiras internacionais no workshop solicitasse o seu Curriculum Vitae (CV). Ela elaborou e entregou o CV à parceira. A parceira disse à Isatu “Você precisa actualizar o seu CV”.

Isso inspirou a Isatu e, a partir desse momento, ela estava ansiosa por continuar com a sua educação. Ela começou a trabalhar com ONGs locais na comunidade para arrecadar fundos para poder entrar na Universidade. Foi realmente um grande desafio para ela uma vez que agora era mãe e tinha que pagar um apartamento e as propinas escolares dos filhos. Como professora, o seu salário não era suficiente. Contudo, ela estava muito determinada e nada a impediu de alcançar o seu objectivo.

A Isatu casou-se com um homem que tinha dois filhos. Mas ele não se importava com a filha dela, então ela teve que enviar a sua filha de volta para casa dos seus pais. Ela e o seu marido tiveram dois filhos, um menino e uma menina e ela cuidou de todos os filhos, incluindo os do marido, sem distinção entre os seus filhos e os do marido. O seu marido não era um pai carinhoso e muita coisa aconteceu durante o seu casamento que resultou na separação deles.

A Isatu passou por muitos desafios, não só na vida pessoal, na sala de aulas, na comunidade mas também no seu sindicato. Ela era líder do Comité de Mulheres do seu distrito, devidamente eleita quando estava na província. Quando chegou à Freetown, começou como activista e foi eleita representante do Conselho de Escola da sua escola. Quando realizaram as eleições distritais ela concorreu para a posição do Comité de Mulheres no seu distrito e venceu. Terminado o mandato, houveram outras eleições mas desta vez ela concorreu para a posição no Comité de Mulheres Regional. Ela venceu sem oposição e ninguém contestou pois ela tinha estado a articular as questões das mulheres na sua região.

Em 2008, a Isatu candidatou-se para obter o título de Bacharel em Ciências na Universidade. Ela foi aceite e, novamente, as coisas foram difíceis para ela, especialmente porque o pai não estava lá para apoiá-la. O pai morreu em 1997 durante a guerra civil e a mãe tornou-se um cadáver vivo, o que fez com

que ela tivesse que cuidar da sua mãe enquanto fazia o curso. A mãe morreu em 2011, antes dela graduar em 2012 com um Bacharelato de Ciências em Desenvolvimento e Economia, com especialização em Planeamento e Gestão de Projectos.

A Isatu que nunca completou o terceiro ano do ensino secundário, é graduada. Na glória de Deus!

Quanto à filha, ela foi à escola e fez o exame de certificado da escola secundária da África Ocidental (WASSEC). Enquanto a mãe estava ocupada melhorando as suas capacidades, ela também estava na universidade a estudar. Ela actualmente tem 36 anos de idade.

Quando a Isatu visita a sua cidade natal, as pessoas admiram-na. Algumas pessoas da sua infância não conseguiam olhá-la nos olhos, mas ela sempre aproxima-se deles, para encorajá-las ou apoiá-las quando necessário. Com perseverança a Isatu pôde ultrapassar os desafios.

Como agente da equipa de mudança, eu estou a encorajar mais raparigas e mulheres a erradicar a violência de género no âmbito escolar e trabalho arduamente para liderar e amar os outros. As nossas meninas que são adolescentes nunca devem desistir na vida pois quando você cai, deve levantar-se, limpar a poeira e tentar de novo. Certamente irá alcançar os seus objectivos.

Aos nossos pais: Por favor apoiem os vossos filhos. Não existe um mau arbusto para deitar fora um mau filho pois não existe um mau filho. Tu, pai ou mãe, vais torná-lo mau.

À sociedade: Nunca julgue ninguém, especialmente uma rapariga. Se vir alguém a sofrer ou com um problema e caso tenha capacidade para ajudar, faça-o. Caso contrário, não aponte dedos. Tudo acontece por uma razão.

Esta história é dedicada aos pais de Isatu pelo seu apoio para que ela ultrapassasse os seus desafios para no fim brilhar. Com apoio, tudo é possível.



## UM CASAMENTO FEITO NO INFERNO

Alieu Deen-Conteh

*SLTU (Sindicato dos Professores da Serra Leoa)*

Existe um ditado inglês que diz que os casamentos são feitos no céu, mas a minha história é sobre casamentos que certamente não foram feitos no céu.

Eu nasci numa família polígama com muitos irmãos e irmãs. Nós podíamos facilmente perceber o brilhante potencial da minha irmã mais nova, a Mbalu. Ela era uma menina muito bonita e muitos a descreviam como a princesa da nossa aldeia - Mafaray. Para além da sua beleza, ela também era inteligente.

A Mbalu tinha 16 anos e estava na escola secundária e, de acordo com os seus professores, estava a sair-se muito bem nas aulas. Devido à sua beleza e inteligência, ela tornou-se o foco de atração para todos.

Numa fatídica tarde, a Mbalu estava sentada na varanda lendo os seus livros, quando viu um homem idoso, velho como o nosso pai, aproximando-se da nossa casa. Mal sabia ela que esse homem vinha ver o nosso pai numa missão sinistra. Os dois homens riram-se à porta, enquanto o nosso pai despedia-se dele.

Dias depois, o nosso pai chamou a Mbalu para uma conversa.

“Vem sentar-te perto de mim, minha princesa. Quero falar contigo”, disse o pai. “Tu sabes que nós somos pobres, eu estou a ficar velho e posso morrer a qualquer momento”.

“Sim Papa, eu sei. É por isso que eu quero estudar para poder cuidar de ti e da mamãe”, respondeu Mbalu.

Ela não imaginava o rumo que a conversa ia tomar. Ele disse-lhe que o velho que estava em nossa casa havia pedido a sua mão em casamento.

A Mbalu ficou chocada com a insensibilidade do pai. Ela insistiu que não se casaria com o velho pois ainda estava na escola. Lágrimas de raiva e frustração corriam pelo seu rosto.

O nosso pai tentou convencer os outros membros da família pois acreditava que, mesmo instruídas, as mulheres tinham que casar-se. E pensou, por que não fazê-lo agora, uma vez que as escolas são destinadas aos rapazes e não às raparigas? Ele acreditava que as mulheres da cidade, que se tornam demasiado educadas, acabam não se casando e não queria que a sua filha tivesse o mesmo destino. Ele dizia que qualquer mulher que não fosse casada era como uma casa bem construída, mas sem teto.

O passo seguinte foi tirar a nossa irmã da escola. Essa notícia foi devastadora para todos nós, incluindo a nossa mãe, que sempre manteve o seu silêncio e nunca quis ofender o seu marido. Particularmente porque ele a espancava cada vez que ela discordasse dos seus posicionamentos.

A minha adorada irmã, a princesa da aldeia, que desejava a liberdade de voltar à escola, acabou por aceitar casar-se com o velho Amadu.

Depois de casar-se, ela tornou-se a terceira esposa de Amadu e sofreu dois abortos espontâneos que quase lhe custaram a vida. Mbalu, porém, contemplou uma alternativa para lidar com a situação do seu lar conjugal.

Com o apoio de alguns vizinhos, ela conseguiu fugir para a capital, Freetown. Ela voltou para a escola e terminou a universidade.

Esta minha experiência de infância teve um impacto marcante na minha vida como activista da VGAE e membro da equipa de mudança do meu sindicato.

As palavras de conselho da minha mãe que permanecem comigo até hoje são que eu não deveria odiar o meu pai e nem a ninguém. Eu deveria amar todas as pessoas e cuidar daqueles que estão a sofrer. Acho que isto é importante no nosso trabalho sobre a VGAE para tentar dar voz aos que não têm voz.

A história do casamento prematuro de Mbalu e outras formas de abuso e violência doméstica são comuns nas nossas comunidades. O abuso doméstico destrói os destinos de muitos. Contudo, muitos destes casos não são relatados, principalmente por causa da cultura do silêncio na sociedade, muito comum nas



sociedades africanas. Mais, quando tais actos são cometidos, as famílias fazem acordos justificados na necessidade de manter boas relações e de preservar o bom nome da família. As vítimas carregam o estigma e, por vezes, também são obrigadas a sentir que fizeram algo de errado. Elas sentem a dor duas vezes.

A minha experiência como membro de uma equipa de mudança também ensinou-me que existe uma cultura de silêncio a nível sindical, nos escritórios do sindicato, entre os executivos e dos professores na sala de aula que às vezes são perpetradores. Os professores muitas vezes abusam das crianças de várias formas, mas nem sempre são adoptadas acções contra tais membros. Raras vezes ouvimos o sindicato a condenar tais actos.

A nossa profissão está a degradar-se aos olhos do público porque eles não ouvem muito sobre o que o sindicato está a fazer para responsabilizar os membros perpetradores.

Como editor da revista do nosso sindicato e também como formador em quase todos os nossos programas, tenho a vantagem e a oportunidade de lutar contra a VGAE. Mas como dizem, a caridade começa em casa e a luta tem de começar na nossa própria casa, no sindicato, e estender-se a toda a comunidade. Como denunciante, é preciso estar preparado para as consequências desta nobre luta. Pois a VGAE pode ripostar!

Juntamente com o Governo, o nosso sindicato está actualmente a rever o Código de Conduta dos professores, de modo a incluir nele questões emergentes, incluindo a VGAE. A Política de Género do nosso sindicato também está sendo analisada.

Durante as minhas formações, especialmente nos distritos, cheguei à conclusão de que muitas práticas como os castigos corporais, a violência doméstica, mutilação genital feminina (MGF), os casamentos prematuros e a gravidez precoce são considerados normais devido à nossa cultura e tradição.

O facto dos professores, que são pessoas educadas, por vezes agarrarem-se a estas práticas culturais negativas, representa um desafio.

No entanto, a meu ver, também oferece uma oportunidade para as equipas de mudança envolverem esses professores, apresentando os factos e números sobre os efeitos nocivos dessas práticas, não só para os indivíduos, mas para a sociedade em geral.

Os nossos professores são incentivados a contribuir com histórias para a revista sindical. A coluna sobre a VGAE ajuda a focalizar as referidas questões. As histórias ajudam-nos a reconhecer que as nossas próprias experiências não são necessariamente únicas, e ajudam-nos a entender que não estamos sozinhos enquanto navegamos nesta jornada chamada vida. As histórias também são importantes porque cada um de nós está a procura de respostas. E nós nos conectamos com histórias apropriadas e autênticas, que nos ajudam a construir laços e pontes para superar os desafios da vida.

Os programas de formação do nosso sindicato beneficiam não só os líderes sindicais, mas também os membros da base, especialmente as mulheres, através das estruturas dos comités de mulheres em todo o país. Estes grupos de líderes e professores do sindicato abrangem as crianças em idade escolar, especialmente raparigas, os seus colegas professores e à comunidade em geral. Os Comitês de Gestão Escolar, os Conselhos de Governadores e as Associações de Pais/Comunidade e Professores têm demonstrado um compromisso contínuo na cruzada contra a VGAE no nosso país.

De momento estou a trabalhar num comité conjunto criado pelo governo para examinar a legislação existente sobre a violência de género e o abuso de crianças. Isto porque existem problemas com as leis fracas ou incoerentes e com a sua ineficiente aplicação. Por exemplo, existe uma lei costumeira que confere legalidade a um casamento de uma menor de 18 anos, desde que os pais dêem o seu consentimento. Outra lei mais recente, refere que nenhuma menor de 18 anos deve casar-se, sem contudo fazer qualquer referência à lei costumeira anterior. Estas inconsistências entre leis também representam um desafio na luta contra a VGAE. Através da nossa advocacia, a Lei de Crimes Sexuais de 2012 está a ser revista pelo Parlamento para incluir a prisão perpétua para os casos de penetração sexual contra crianças (menores de 18 anos). A pena anterior era de 15 anos de prisão.

Eu estimo o trabalho de outros membros da nossa equipa de mudança que estão envolvidos na prevenção da VGAE. Isto inclui os clubes de teatro escolar, a sensibilização da comunidade e o trabalho em rede com outras partes interessadas, incluindo líderes religiosos.

A luta tem de ser concertada pois não existe uma abordagem, estratégia ou solução única que funcione. Precisamos de todas as mãos. E, é crucial que em tudo isso, nós os homens tomemos a linha de frente como campeões na luta.

O facto de o Presidente do nosso país, Dr. Julius Maada Bio, ter declarado o estado de emergência nacional em matéria de violação e outras formas de violência sexual, realça a gravidade da nossa situação. Mais, temos a campanha da primeira dama denominada “Tire as mãos das nossas meninas”, que é uma iniciativa das primeiras damas da sub-região da África Ocidental. Tudo isto consiste num alerta para os activistas da VGAE trabalharem em rede, não?

Cada vez que penso na fuga da minha irmã de um casamento forçado e abusivo, sinto muita, muita pena. Faz-me pensar nas outras pessoas que estão em situações semelhantes. Inspira-me a continuar a lutar contra todas as formas de violência de género.

O nosso plano de acção é continuar diminuindo a ameaça até atingirmos uma situação de zero por cento de casos, onde não haja mais choro e nem lamentação. Temos que ajudar a salvar os destinos das pessoas em todo o mundo.

A Luta Continua!



## MINHA JORNADA NA CAMPANHA ANTI-VGAE

Angela Chisanga

*BETUZ (Sindicato dos Professores da Educação Básica da Zâmbia)*

Na minha jornada como activista contra a Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE), conheci perpetradores e vítimas. O meu primeiro contacto com a VGAE, que se destaca na minha mente, foi anterior ao início da campanha contra a VGAE. Lembro-me que na escola onde leccionei aconteceu algo que me abriu os olhos.

Numa segunda-feira de manhã recebi uma mensagem no telefone celular que assustou-me. A mensagem era de um colega, o Sr. John, com quem eu leccionava e dizia: “pare de contar mentiras sobre mim.” Fiquei confusa porque não entendi o significado da mensagem, particularmente porque avisava-me para parar de falar sobre actos que ocorreram num dia em que eu não estava na escola. Mais tarde soube que o Sr. John enviou a mesma mensagem a outras pessoas que ele suspeitava saberem dos seus actos malignos na escola. E eles, como eu, ficaram igualmente ofendidos ao receberem a sua mensagem. Mal sabia eu que este era o início do meu conhecimento sobre o lado feio da nossa bela escola.

Quando a minha colega, Sra. Banda, reclamou amargamente da mensagem que recebeu, sugeri que trabalhássemos juntas para chegarmos ao fundo da história. Nós decidimos questionar os alunos se tinham conhecimento sobre algo estranho que estava a acontecer na escola. Na manhã seguinte, a escola disponibilizou-nos um escritório de professores.

Nós chamámos quatro alunas da 8ª classe para virem individualmente e, infelizmente, o que ouvimos delas chocou-nos bastante! Apesar de ter usado

as habilidades que aprendi num curso de Orientação e Aconselhamento, não conseguia suportar as interações com as alunas, pois era demasiado para aguentar.

O Sr. John abusou sexualmente das nossas meninas usando a sua posição de professor. O meu coração sangrou porque não acreditava no que elas diziam enquanto narravam como as suas duas amigas haviam sido vítimas. Eu chorei quando uma das meninas, de quinze anos, explicou que o Sr. John fez sexo com ela no seu carro Toyota, no seu escritório e, num alojamento, exactamente no último fim de semana. Segundo a rapariga, o Sr. John deu-lhe o equivalente a 3 dólares depois de cada encontro.

Em choque, nós perguntamos-lhe se ela diria o que tinha acabado de dizer-nos ao director da escola. Sem hesitar, ela disse que sim, acenando com a cabeça. De seguida, fomos ao gabinete do director, apresentamos o nosso caso, desde as mensagens de texto do Sr. John até as revelações das raparigas. Tal como nós, o director ficou igualmente chocado e explodiu: “Nos meus 25 anos como professor e director, este é o pior incidente de que tomei conhecimento”.

O director chamou o Sr. John e, ao ver-nos, ele ficou ansioso e gaguejou quando o director perguntou-lhe se conhecia a gravidade dos actos cometidos, e como havia piorado a situação ofendendo-me uma vez que sou a líder do sindicato e tenho o dever de protegê-lo.

No entanto, enquanto a minha colega insistia que denunciássemos o assunto às autoridades superiores, eu implorei-a para que não o fizéssemos. Senti pelo jovem professor, cuja esposa, colega na escola vizinha, estava a espera do seu terceiro filho. Convenci a minha colega a não denunciar e, em vez disso, perdoá-lo, falar com ele e aconselhar as meninas vítimas.

Na altura pensei que essa fosse a melhor resposta, mas agora penso diferente. Continuo a perguntar-me se o Sr. John continuou a fazer sexo com as alunas da escola para onde foi transferido. Além disso, eu também não dei apoio às meninas abusadas depois de ter sido transferida para outra escola.

Agora eu sei que a melhor maneira de lidar com tais casos é nunca apoiar os perpetradores de VGAE. O programa Sindicatos de Professores Intervém na Luta contra a Violência de Género no Âmbito Escolar moldou-me e agora, a minha organização e eu, sabemos lidar com tais casos. Quanto às vítimas, sem dúvidas precisam dos nossos conselhos. E, quanto aos perpetradores, eles devem receber o castigo que merecem.

O nosso apelo diário na minha organização é que todos devem juntar-se para combater a VGAE - professores, administradores, pais e alunos, líderes comunitários, legisladores, agentes da lei e todos os outros.

### **Combatendo a VGAE – Conflicto de Interesses**

Na minha luta e campanha contra a Violência de Género no Âmbito Escolar, prática esta que enfraquece o sistema educativo no meu país, tenho me deparado com alguns conflitos de interesses. Como activista de género, mãe e sindicalista, tendo trabalhado como chefe do departamento de Género na minha organização o Sindicato dos Professores de Educação Básica da Zâmbia (BETUZ) tive que tomar decisões difíceis. Como resultado, compreendi os meus direitos e aprendi a defender o que é correcto em termos de género e direitos humanos.

No entanto, isto foi testado no início do programa e da campanha “Sindicatos de Professores assumem a liderança no combate à Violência de Género no Âmbito Escolar”. Uma vez, um professor membro foi acusado como perpetrador de violência de género no âmbito escolar e a minha própria organização queria defendê-lo e protegê-lo a todo o custo. Outra vez, apareceram três professores no nosso escritório porque tinham sido acusados, e um deles à beira de ser demitido pelo Ministério da Educação, por ter abusado sexualmente e engravidado duas alunas da sétima classe. Os meus colegas e o nosso Secretário-geral apoiaram os perpetradores a redigir a defesa por escrito e contactaram várias pessoas para obter conselhos sobre o que fazer para que as acusações fossem retiradas. Uma manhã tomei uma posição corajosa e confrontei o meu colega que estava a ajudar os perpetradores. Disse-lhe: “Vou arranjar homens tão grandes e fortes quanto os que defendes e os mandarei engravidar as tuas filhas mais novas. Nessa altura, saberás e sentirás a dor que os pais das meninas vítimas sentem”.

Ele ficou furioso comigo e retorquiu: “Tu sabes que o salário que recibes aqui é desses mesmos professores que não queres defender”. Eles subestimaram a minha raiva e, em resposta, eu disse-lhes que preferia deixar o meu emprego se ser líder sindical significasse proteger e defender os perpetradores de VGAE para que saíam impunes.

Eu afastei-me porque estava com raiva, mas mais tarde percebi que precisava ficar calma para conquistar o coração dos meus colegas e conseguir que eles se juntassem a mim na luta contra a VGAE. Decidi envolver os meus colegas de forma individualizada, argumentando sobre os perigos de defender os perpetradores da VGAE. Eu disse-lhes que um dos perigos é de pôr em causa o nome da nossa

organização ao ajudarmos pessoas que nunca se arrependeram dos seus actos. Mais, tais actos têm efeitos negativos nas vítimas e têm um impacto negativo no nosso sistema educativo, uma vez que tornam as escolas espaços inseguros. Os alunos e professores abusados ficam traumatizados para o resto das suas vidas o que cria dificuldades para alcançarem os seus objectivos na vida.

Quando chegou a hora de criar a Equipa Nacional de Mudança para trabalhar comigo como chefe do Departamento de Género na luta contra a VGAE, convidei a Directora de Relações Públicas, a Directora de Recursos Humanos e uma professora de uma escola primária que também era membro do Comité Nacional de Mulheres.

O mais emocionante dos programas da nossa Equipa de Mudança foram as nossas intervenções com os clubes anti-VGAE nas escolas primárias e secundárias seleccionadas e os programas de rádio ao vivo onde falamos sobre a VGAE (em que consiste, seu impacto na educação e como erradicá-la), com os telefones abertos ao público para interagirem connosco.

Os clubes escolares anti-VGAE envolvem os membros da nossa equipa de referência, os professores de Orientação, outros professores e, claro, os alunos. O fundamental tem sido aumentar a sensibilização entre todos os interessados. Através do nosso estudo de base percebemos que tanto os professores como os alunos são perpetradores ou vítimas de VGAE e vice-versa.

Temos histórias para contar nas escolas onde os clubes escolares são activos. Na escola secundária Chinsali Girls, no norte da Zâmbia, temos um clube activo de raparigas que não se cansa de sensibilizar a comunidade contra a VGAE. Mesmo sob condições climáticas adversas, como as chuvas no Dia Internacional da Mulher, elas realizaram as suas acções, apresentando os seus poemas denunciando a VGAE. Estavam presentes dignitários de alto nível, como um funcionário do município, que comprometeu-se a pagar as mensalidades escolares durante um ano .

Outro clube escolar é dirigido por Bridget, membro da nossa equipa de mudança, na Escola Primária de Kabulonga. As crianças são sempre maravilhosas nas suas apresentações contra a VGAE, já que chamam a atenção até das pessoas mais velhas.

O programa rádio ao vivo é outra estratégia emocionante, pois sensibiliza as massas do país uma vez que utilizamos os serviços da estação da rádio nacional

que tem cobertura em todo o país, inclusive em áreas rurais e remotas. Recebemos chamadas das partes mais remotas do país e principalmente dos membros da comunidade, e não apenas dos professores.

Outra importante vitória na luta contra a VGAE é a criação de departamentos de Orientação e Aconselhamento em todas as escolas. O BETUZ através da Equipa Nacional de Mudança desempenhou um papel importante na criação daquele departamento, uma vez que resultou da nossa insistente interação com o governo sobre a importância de termos o referido departamento em todos os níveis da educação. Quando nos convidassem para que apresentássemos informação sobre o impacto dos altos níveis de prevalência de gravidez precoce nas escolas, certificávamo-nos de incluir na nossa apresentação a componente de Orientação e Aconselhamento como uma forma segura de combater a gravidez precoce nas escolas, bem como outras delinquências. Pouco tempo depois, foram estabelecidos os departamentos de Orientação e Aconselhamento em todas as nossas escolas.

Embora apreciemos o estabelecimento dos departamentos de Orientação e Aconselhamento, o nosso apelo agora é de garantir que esses departamentos tenham pessoal treinado e estejam bem equipados com os requisitos necessários para que funcionem sem problemas.

Em conclusão, sinto que os meus esforços e dos meus colegas na luta contra a VGAE alcançaram a maior parte dos nossos objectivos. Mas estou consciente que ainda temos um longo caminho a percorrer para mudar as mentes das pessoas, enquanto esperamos ansiosamente por um ambiente escolar livre de VGAE.





## VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO ÂMBITO ESCOLAR – ADOPTANDO MEDIDAS

Kakunta Kabika Mbuyu

*BETUZ (Sindicado dos Professores do Ensino Básico da Zâmbia)*

A primeira vez que ouvi falar sobre a Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE), fiquei defensivo, pois não queria acreditar que falavam sobre algo que podia ser verdadeiro. A minha opinião era de que havia uma “caça aos bruxos”, sendo estes os professores.

Quando a nossa coordenadora partilhou com o pessoal do Sindicato dos Professores da Educação Básica da Zâmbia (BETUZ) o conceito de VGAE e como este afectava o desempenho dos alunos, eu disse-lhe que as crianças nas escolas não sabem sobre género e que o conceito não existia nas nossas escolas na Zâmbia.

A minha posição e prioridade como sindicalista era de garantir e proteger a dignidade dos nossos professores, e tudo o que viesse à tona para mostrar que os professores estavam a agir de forma não profissional não seria tolerado pelos representantes dos professores - o sindicato.

Mas devido ao engajamento e a insistência da coordenadora de que as escolas precisavam de estar seguras e que muitos actos não profissionais aconteciam nas escolas, eu dei o benefício da dúvida. Referi que precisávamos de entender o conceito com clareza e que deveríamos garantir que os interesses dos nossos membros fossem protegidos.

Mais, referi ainda que precisávamos de provas empíricas para sermos estratégicos no nosso engajamento contra a VGAE. Mas, no fundo da minha mente, pensava que não poderíamos morder a mão que nos alimenta e que precisávamos de ganhar tempo. Assim, recomendei que fizéssemos um estudo de base para entender o conceito e, caso existisse nas nossas escolas, saberíamos como enfrentá-lo.

O estudo foi acordado e o sindicato desenvolveu os procedimentos e as ferramentas para tal, nomeadamente três questionários: para os directores, para os professores e para os alunos. As estruturas provinciais do sindicato lideraram o processo de recolha de dados e o mesmo foi realizado em todas as províncias da Zâmbia.

Os resultados foram chocantes pois mostraram que as diferentes formas de VGAE eram prevalentes na maioria das escolas zambianas, o que significou que a VGAE era real e que muitas coisas erradas estavam sendo feitas pelos nossos membros. Mais, ficou claro que os nossos membros estavam envolvidos em actos que violavam o código de conduta dos professores e que poderiam resultar na perda do seu emprego. O estudo mostrou claramente que a profissão docente estava em risco e que, como líderes sindicais dos professores, precisávamos tomar medidas para deter a VGAE.

Contudo, o estudo de base mostrou igualmente que a VGAE não afecta somente os alunos, mas também afecta alguns sindicalistas. Alguns professores indicaram que já não estavam interessados em ensinar nas suas escolas porque o ambiente de trabalho nas referidas escolas tinha-se tornado hostil.

As principais formas de VGAE identificadas no estudo incluíam: avanços sexuais de professores para alunos, avanços sexuais entre professores e administradores, vestimenta indecente, intimidação, linguagem abusiva de professores e administradores, entre outros. Estas revelações foram um testemunho claro de que a luta contra a VGAE era uma emergência para mim e para o meu sindicato.

Uma descoberta do estudo que tocou o meu coração foi a inexistência de um sistema de apoio confiável para as meninas quando estão menstruadas. Algumas meninas faltam à escola durante o período menstrual por medo de serem humilhadas por rapazes, quando se sujam devido à falta de pensos higiénicos, nos casos em que as escolas não fornecem em casos de emergência.

O estudo de base do BETUZ sobre a VGAE mostrou claramente que se a mesma não fosse combatida, o ensino e a aprendizagem de qualidade seriam difíceis

de alcançar. O estudo mostrou ainda que a VGAE afecta o desempenho dos professores e também prejudica a auto-estima dos alunos. As recomendações do estudo incluíram o estabelecimento de departamentos de orientação e aconselhamento funcionais em todas as escolas e que todos os intervenientes na educação tomassem medidas contra a VGAE.

Foi neste momento que assumi a VGAE como parte do meu trabalho sindical e envolvi-me mais na luta contra a mesma. Assumi a responsabilidade de libertar as nossas escolas da VGAE, tornando-as assim seguras para um ensino e aprendizagem de qualidade para todos.



## A HISTÓRIA DE JATOU

Saffie Nyassi

*GTU (Sindicato dos Professores da Gâmbia)*

Esta é a história de Jatou. Uma rapariga alta, bonita e magra que estava numa escola básica. Ela era uma boa estudante, atleta e costumava representar a sua região nos eventos desportivos nacionais. Por isso, ela era muito famosa e amada por quase todos na sua comunidade.

A história começa quando Jatou ia representar a sua região numa competição desportiva nacional. Todos os atletas da região normalmente hospedam-se no mesmo lugar durante tais eventos. No dia anterior ao evento, por volta das 20h, Jatou decidiu ir a uma loja próxima para comprar alguns chocolates. A área estava escura e ela estava sozinha.

Antes que ela pudesse chegar à loja, um homem não identificado veio de repente por trás dela e cobriu a sua boca com um pedaço de pano. Jatou estava indefesa. O homem empurrou-a para o chão com força e violou-a.

Quando ela conseguiu libertar-se, voltou para os seus pares. A sua saia castanha estava rasgada e tinha manchas de sangue. Ela foi rapidamente levada para o hospital pela sua professora, Sra. Njie, recebeu tratamento e teve alta uma semana depois.

Quando Jatou voltou à sua região e à escola, as notícias tinham-se espalhado, e foi difícil para ela estar naquele ambiente.

Como equipa de mudança da violência de género no âmbito escolar (VGAE), queríamos um ambiente livre de VGAE para garantir a plena participação de todos,

especialmente das mulheres e dos jovens. A nossa primeira responsabilidade agora era de aconselhar a Jatou.

Quando chegou ao nosso conhecimento que Jatou faltou às aulas durante alguns dias, decidimos enviar alguns membros da ala feminina do sindicato para visitá-la.

Durante a visita, falamos sobre as formas de aliviá-la do trauma, e ela preferiu mudar-se para a casa da sua tia numa região diferente. Como membro da equipa de mudança, decidi monitorar o seu progresso tanto na escola quanto na casa da tia. Jatou continuou com o seu bom desempenho escolar, mas decidiu deixar de participar nas actividades desportivas.

Para nossa surpresa, descobrimos que o pai queria que ela se casasse logo após o incidente do estupro, pois pensou que fosse a única opção para Jatou. Quando recebemos esta notícia da tia, decidimos falar com o pai dela.

A primeira visita não foi frutífera porque o pai de Jatou estava muito zangado conosco. Na nossa segunda visita, fomos com a tia de Jatou. Depois de um longo diálogo e pedidos, piadas e sorrisos, a missão foi frutífera, mas foi baseada nas seguintes condições:

- A equipa de mudança assumiria a responsabilidade de quaisquer outros efeitos negativos em Jatou.
- Jatou ia casar-se assim que terminasse o ensino geral.

Concordamos com as condições porque acreditamos que quando se educa uma mulher se educa uma nação.

A Jatou está agora no seu último ano da escola secundária. Ela continua sendo monitorada tanto na escola como em casa com relação ao seu desempenho. Existe uma comunicação eficaz entre o pai de Jatou e a equipa de mudança, com compreensão mútua, confiança e amizade. Continuamos a incentivar Jatou a continuar a sua educação na universidade.

A intervenção da nossa equipa de mudança foi oportuna e frutífera. Aprendi com este processo que é importante respeitar e confiar em nós mesmos para que os outros tenham confiança em nós. E que a orientação e o aconselhamento são uma ferramenta poderosa para lidar com a VGAE. Eu também percebi que o pai da Jatou não pensava nos efeitos do casamento prematuro. Assim, o diálogo com

o pai mostrou a importância de aumentar a consciencialização sobre a VGAE e de envolver todas as partes interessadas.

Como sindicato, a maioria das nossas actividades está centrada nas mulheres, raparigas e jovens, dado que são as mais vulneráveis. Mostramos-lhes como e onde procurar apoio quando são violadas. Mais, damos aos jovens plataformas como as associações de mulheres e as conferências de jovens para mostrarem o seu potencial e talento, e a oportunidade de expressarem as suas experiências sobre as questões de VGAE.



## SENTENÇA DE MORTE POR SER MENINA

Ebrima Sajaw

*GTU (Sindicato dos Professores da Gâmbia)*

A história que escrevo é sobre mim e a minha bela esposa da etnia Fula, Fatoumatta. Conheci a Fatoumatta em 1988, quando estava no posto de ensino na sua aldeia. A sua beleza atraiu-me e decidi aproximar-me dela. Eventualmente convidei-a para ser a rainha da minha vida, mas sob uma condição, ou seja, caso fossemos abençoados com uma menina, ela não deveria sofrer mutilação genital feminina (MGF). Esta é uma crença tradicional na nossa tribo e toda a criança deve ser submetida a um acto tão horrível e degradante. No entanto, a resposta dela foi: vamos esperar até que chegue o dia.

Nos casamos e mais tarde fomos abençoados com duas meninas, Gass e Abbie. Nós vivíamos felizes. Um dia estávamos juntos na cama, Gass tinha cinco anos e Abbie dois anos, e a minha esposa disse-me que tinha chegado a hora de circuncidar as nossas meninas. Fiquei em choque ao ouvi-la proferir tais palavras e pedi-lhe que nunca mais proferisse tais palavras. Ela começou a chorar. Eu não consegui dormir porque não esperava tal pronunciamento da parte dela. No entanto, eu estava preparado para o desafio.

Para minha surpresa, descobri que o dia da circuncisão das minhas filhas tinha sido marcado pela comunidade sem o meu conhecimento. Um dia, enquanto estava na aldeia, o meu amigo Ousman perguntou-me se eu já tinha finalizado os preparativos necessários para as minhas filhas. Isto porque em duas semanas, as suas filhas também iam ser circuncidadas e ele estava feliz por isso. Eu respondi-lhe dizendo que as minhas filhas não iam a lado nenhum. Ele disse-me que eu

era uma vergonha para a comunidade por não respeitar as práticas tradicionais. E, antes que eu pudesse responder, ele deu-me uma bofetada e foi-se embora.

Naquele momento dei-me conta que a verdadeira luta tinha começado. Quando cheguei à casa, toda a minha família estava a minha espera. A minha mãe, o meu pai, os meus sogros, vizinhos e parentes, vieram aconselhar-me a autorizar que as minhas filhas fossem circuncidadas, alegadamente porque as tornaria melhores mulheres quando crescessem. Eu perguntei à minha mulher Fatoumatta: “a circuncisão fez de ti uma mulher melhor? Tu passaste por uma série de operações, dores e quase morreste devido à complicações durante o parto de ambas nossas filhas. E agora já não podes conceber, porque senão perdes a tua vida.”

Eu referi que a prática não era saudável e que eu morreria pelas minhas filhas, independentemente das consequências. Eles chamaram-me de estúpido, ignorante, venenoso e disseram que eu era uma vergonha para a minha tribo. O meu pai disse que caso eu não permitisse que as minhas filhas fossem circuncidadas, os costumes e as normas de toda a minha família seriam extintos. Eu disse-lhes que fossem para o inferno com a tradição, e que se dependesse de mim, os outros também não permitiriam que as suas filhas fossem circuncidadas. Infelizmente eu não tenho o poder de os impedir. Mais, enfatizei que enquanto eu fosse vivo, as minhas filhas não iriam a lado nenhum.

Fatoumatta ficou frustrada por causa da pressão, porque as pessoas a culpavam por não conseguir convencer-me a autorizar a circuncisão. Ela decidiu insultar-me e recusava-se a cozinhar assumindo que, ao irritar-me, eu aceitaria. Uma noite eu estava a ler e um ancião da aldeia veio comunicar-me que eu deveria apresentar-me ao conselho de anciãos da aldeia. Isto porque a minha esposa informou-lhes que eu disse-lhe que a MGF não traz benefícios para as meninas e que na verdade ela causa mais mal do que bem. Disseram que o meu posicionamento era insultuoso e que eu era ignorante. Fatoumatta ficou feliz quando teve conhecimento de que eu iria responder aos anciãos pois assumiu que eu os obedeceria.

Quando cheguei aos mais velhos, pediram-me que repetisse as palavras exactas que tinha mencionado à Fatoumatta, e eu fiz. Chamaram uma rapariga, a Jainaba, para narrar os efeitos da MGF e ela mencionou que a operação faz com que o seu corpo não sinta nenhuma sensação por rapazes, a não ser que seja casada.

Eu disse-lhes que era um absurdo porque algumas raparigas que passaram pela MGF perderam a vida devido à complicações. Disse-lhes ainda que nas cidades,



90% das raparigas nunca passou por isso e elas são saudáveis e vivem bem. Porquê não podemos fazer o mesmo? Disse-lhes que eu achava que todos nós nascemos completos. “OOOOh! Não! oooh! Não!”, eles responderam. Eles concluíram que eu era louco, particularmente porque os homens da minha comunidade estão sempre na dianteira para verem como a MGF é feita e eu comportava-me de modo contrário.

Mais tarde, enquanto eu estava no serviço, o Ousman veio informar-me que ele tinha visto a minha esposa a levar as minhas filhas para serem circuncidadas. Eu quase desmaiei e rezei à Deus para que as protegesse enquanto eu não chegasse. Pedi permissão ao meu chefe e fui directo para a casa do meu sogro. Quando lá cheguei, pedi ao meu sogro, Kebba, que dissesse à mulher dele, Binta, a líder do grupo das anciãs que conduzia a MGF na comunidade, para que trouxesse as minhas filhas de volta sem que nada lhes acontecesse. Eu mandei o Kebba para o inferno com as suas crenças e ele disse-me que a Fatoumatta informou-lhes que eu consenti a circuncisão.

Imediatamente o Kebba mandou chamar a Binta e pediu-lhe para trazer Gass e Abbie imediatamente. Binda disse que ela e Fatoumatta tinham feito o sacrifício final e que as meninas estavam apenas esperando a sua vez e, nesse caso, não podia voltar para trás. Eu disse-lhe que se algo acontecesse às minhas filhas eu ia denunciá-la e à minha mulher, e ia matar-me.

A Binta não teve outra escolha senão ir buscar as minhas filhas, e senti que ela quase perdeu a própria vida por ter retirado as minhas filhas sorrateiramente. Fiquei surpreso por ver as minhas filhas nuas, mas sãs e salvas.

A Binta era a defensora da cruzada desses actos bárbaros infligidos à meninas inocentes, que desconheciam os seus direitos de resistir às decisões dos seus pais, devido à sua tenra idade e às crenças tradicionais. Muitas vezes, as raparigas perdem a vida no processo.

A Fatoumatta foi atormentada porque as nossas filhas eram motivo de riso na comunidade, tendo a maioria das pessoas distanciado-se da nossa família, especialmente da minha mulher. Ela chorava quase todos os dias devido à frustração. A maioria dos homens referiu que eu pensava que a minha família era melhor do que a deles por eu ter tido uma educação ocidental e que eu os via como incivilizados e ignorantes. Não importava a dor, o constrangimento, os insultos e a desconexão, eu mantive-me firme. Houve uma altura em que os

meus colegas pediram-me que saísse da aldeia e me mudasse para a cidade. Eu recusei-me porque queria ver a MGF erradicada paulatinamente.

A Abbie não entendia a razão pela qual eu não permitia que elas fossem circuncidadas, e a mãe disse-lhe que falasse comigo, particularmente quando estava depressiva.

Eu disse à Gass e Abbie que elas eram muito pequenas para entender, mas que quando crescessem iriam perceber. Na escola, os seus colegas diziam-lhes que elas ficariam sozinhas porque nenhum homem se casaria com elas, por não serem limpas e puras. Aconselhei-as a concentrarem-se nos seus estudos e a evitarem esse tipo de conversa.

A Binta, a minha sogra, sentia-se sob grande pressão por ser líder tradicional. Ela tinha herdado a circuncisão feminina em tenra idade da sua avó e foi iniciada pela comunidade, tendo-lhe sido dito que, caso traísse a causa, morreria miseravelmente. Alguns meses depois de ter ido buscar as minhas filhas, a Binta ficou gravemente doente, e a minha mulher disse-me que a sua mãe ia morrer por ter traído a causa, ao retirar as netas da MGF. No início pensei que fosse uma piada e não a queria visitar. Quando apercebi-me que era sério, fui visitá-la. Eu queria levá-la ao hospital da cidade para tratamento, mas ela disse-me que a sua doença não seria tratada por médicos. Ela segurou a minha mão, pediu-me que cuidasse bem da sua única filha e morreu. Senti a sua mão soltar-se da minha e perdi o controlo das minhas lágrimas.

Nunca pensei que estivesse a lutar por uma causa digna para Gass e Abbie até o dia em que ouvi algo nas notícias sobre violência de género (VG). Era uma conversa sobre os abusos infligidos às mulheres e meninas. Eu estava tão feliz e chamei as minhas filhas e a Fatoumatta para ouvirem, mas as minha filhas não entenderam do que se tratava. A mensagem motivou-me a fazer mais para salvar as meninas da MGF. Eu sabia que não seria fácil, devido às crenças que foram estabelecidas pelos nossos antepassados, mas temos que adoptar melhores práticas.

Felizmente para mim, fui convidado a participar num encontro sobre a VGAE. No início questionei-me sobre o que se pretendia mas depois fui abençoado por saber que sou um ativista. Mais se espera de mim agora que sou um membro da equipa de aprendizagem e mudança, mas também tenho mais apoio do que alguma vez tive.

A VGAE nas nossas escolas está afectar os alunos, professores, as comunidades e na maioria das vezes é posta de lado devido à pobreza, à estigmatização e às barreiras culturais. Assim, com os conhecimentos adquiridos, decidi ser a voz dos sem voz para combater os horrores da MGF.

Além disso, comecei a sensibilizar a Fatoumatta, e fiquei surpreendido quando um dia ela abraçou-me e disse-me que gostaria que eu tivesse sido o seu pai quando ela era jovem para protegê-la da MGF. Ela lembrou-se de duas colegas suas que morreram no processo porque sangraram até à morte. Mais, disse-me que celebravam a MGF porque ignoravam as más práticas devido às crenças tradicionais, e pediu-me desculpas e às meninas por não ter percebido mais cedo.

Fatoumatta juntou-se a mim na luta para combater as más práticas da MGF juntamente com Gass e Abbie, sem ter medo dos desafios na comunidade. Quando iniciamos a sensibilização contra a MGF, fomos insultados, mas eu tinha preparado a minha família para tudo.

O GTU criou centros de aconselhamento para mulheres e crianças com membros da equipa de mudança treinados. Foram igualmente treinados representantes do GTU nas escolas em questões de VGAE, que por sua vez formaram clubes escolares que apresentam peças teatrais e cantam canções locais para os alunos e os membros da comunidade sobre os efeitos da VGAE. As escolas também têm caixas secretas onde os professores e alunos podem depositar notas escritas sobre as suas dificuldades na escola e na comunidade. As caixas são abertas semanalmente, e os casos são reportados aos membros da equipa de mudança. Mais, existe um espaço, o bantaba, onde as pessoas reúnem-se para falar abertamente sobre as suas preocupações após terem sido sensibilizadas, e onde é providenciado aconselhamento às vítimas e aos perpetradores de VGAE. Envolvermos os meios de comunicação através da sensibilização e estes por sua vez divulgaram as mensagens na media eletrónica como na media impressa. A título de exemplo, contratamos a Televisão Nacional (GRTS), que deu à equipa de mudança vários espaços garantindo uma cobertura mais ampla.

Eu uso os encontros da escola às segundas e sextas-feiras para abordar as formas de VGAE. Eu dou exemplos como os castigos corporais, chamar as meninas de “minha esposa”, práticas como sugerir que as meninas façam trabalhos domésticos.

Da mesma forma, influencio a mudança de comportamento dos perpetradores para que parem com a MGF das nossas meninas. Para minha surpresa, ajudei os

homens a tomarem a iniciativa de dizer às esposas para pararem de encorajar as outras mulheres a envolverem-se em tais práticas.

Eu sei que ainda agora começamos, mas sei também que um dia seremos vitoriosos. Este é o meu propósito - quebrar a cultura do silêncio, quebrar as fronteiras e combater a estigmatização da menina em relação a todos os aspectos da VGAE.



## O PODER DA DETERMINAÇÃO

Destaye Tadesse

*ETA (Associação dos professores da Etiópia)*

Esta é a história de uma professora que nasceu e foi criada em Adis Abeba. Ela frequentou escolas primárias e secundárias em Adis Abeba, tendo completado o ensino geral e universitário com excelentes notas. Devido às suas excelentes realizações na Universidade, ela foi contratada como assistente de pós-graduação numa das Universidades localizadas a 300 Km de Adis Abeba.

Ela era uma professora muito forte, confiante e competente. Enquanto leccionava na Universidade, o vice-presidente académico aproximou-se dela e disse-lhe que estava interessado nela. Por mais que ela tentasse dizer-lhe que não estava interessada, ele continuava a insistir e começou a assediá-la. Enquanto isso, ele dizia as outras pessoas que queria casar com ela. Ela continuou a expressar claramente que não estava interessada em tornar-se sua esposa. Ela explicou-lhe que o seu propósito na Universidade não era de se casar, mas sim de continuar a sua educação. Ele nunca entendeu que a recusa dela significava “NÃO!”. Pelo contrário, ele continuou com o seu assédio, ao ponto de ter utilizado a sua posição para mobilizar os seus colegas para obrigá-la a aceitar o pedido. Os colegas começaram a pressioná-la através de telefonemas e mensagens que incluíam ameaças à sua vida. Ela nunca sucumbiu às pressões, e continuou a sua luta. Entretanto, ela passou no concurso de admissão para o mestrado numa das Universidades do país.

Enquanto estudava, ela teve que dar aulas no programa de verão na mesma universidade donde ela veio. E, quando os professores leccionam no programa de verão, eles recebem um pagamento adicional sobre os seus salários. No entanto,

depois de completar a sua tarefa, enquanto os outros professores como ela receberam os seus salários, o chefe do Escritório de Administração e Finanças, que é um amigo íntimo e parente do Vice-Presidente Académico, recusou-se a pagar o seu salário. A situação tornou-se cada vez mais difícil particularmente porque os chefes de outros departamentos permaneceram em silêncio com medo de represálias caso dissessem a verdade. Ela continuou a lutar pelos seus direitos em condições insuportáveis.

Depois de terminar o mestrado, ela voltou à Universidade e estava sob a supervisão directa do Vice-Presidente Académico. Ela solicitou a renovação do seu contrato com o devido aumento salarial e o Vice-Presidente Académico encaminhou o seu pedido ao departamento de Administração e Finanças e ao Departamento de Recursos Humanos. Contudo, ele instruiu-lhes oralmente para que não dessem seguimento do seu processo. Como resultado, o seu pedido formal foi ignorado e não foi incluído no seu processo pessoal, o que forçou-a a trabalhar sem salário por muitos meses. Nalgum momento, ela chamou a atenção da Administração da Universidade para a questão, mas sem sucesso. Pelo contrário, o número de pessoas que a pressionavam e aconselhavam a considerar o pedido do vice-presidente, para que este a ajudasse, aumentou. Alguns até a aconselharam a casar-se com ele uma vez que ela teria um estilo de vida e prestígio que não conseguiria obter sozinha. Em face desta situação, ela levou o seu caso, com as devidas provas, à atenção da Associação dos Professores da Etiópia.

Na altura, a ETA ainda não tinha estabelecido o seu gabinete de representação na Universidade uma vez que esta era nova. Assim, ela veio directamente ao Gabinete e apresentou pessoalmente o seu caso ao Presidente da ETA. Como membro da equipa de mudança criada através da iniciativa da IE facilitada pela Gender at Work, o Presidente levou o assunto ao Gabinete de Género da ETA. A equipa de mudança entendeu que a situação influenciava negativamente o esforço nacional de aumentar a presença das mulheres na academia e agiu rapidamente e com determinação. O Gabinete de Género da ETA escreveu uma carta ao Gabinete de Género do Ministério da Educação, exigindo a solução imediata do problema. Devido à demora na resposta por parte do Ministério, o Gabinete de Género da ETA, após reunir todas as provas, escreveu uma segunda carta ao Ministro da Educação.

O Ministro respondeu imediatamente organizando uma comissão interina com a responsabilidade de investigar a situação e fornecer recomendações para acção.

Entretanto, o presidente da comissão não incluiu um representante da ETA na respectiva comissão e foi directamente à Universidade para investigar a questão.

Na altura, dois erros foram cometidos durante o processo de investigação. O primeiro erro foi o facto de a investigação ter ocorrido na ausência da professora que submeteu a queixa, e o segundo foi o de excluir a ETA do processo. Quando a investigação foi concluída, a ETA solicitou à Comissão que partilhasse o seu relatório incluindo as recomendações, mas o pedido foi rejeitado pelo chefe da Comissão. Reconhecendo a gravidade da situação, a ETA escreveu uma carta adicional para o Gabinete de Género do Ministério da Educação. Além disso, o presidente da ETA discutiu a questão directamente com o Ministro da Educação, e disse-lhe que se a mesma não fosse resolvida imediatamente a ETA levaria a questão ao tribunal. A vítima foi transferida para uma universidade da sua escolha e o Vice Presidente Académico foi demitido do seu cargo. Gostaria de salientar a confiança e perseverança que a vítima demonstrou, pois sem a sua força de vontade e o apoio da sua família e da ETA, tais abusos teriam passado despercebidos.

### ***Por que escrevo esta história?***

Actualmente, um número crescente de mulheres está a ingressar nas Universidades e instituições de ensino superior na Etiópia. Estas jovens mulheres entram nas respectivas instituições sem a informação apropriada sobre como lidar com situações de abuso. Elas não sabem quando, para onde ir e como denunciar tais casos. Gostaria de enviar-lhes uma mensagem e dizer-lhes que não estão sozinhas e que devem denunciar tais abusos. Elas devem discutir abertamente e buscar o apoio dos seus alunos e das suas famílias.

Em todas as instituições de ensino superiores e escolas, existe um Comité organizado com o objectivo de prevenir a Violência de Género. O Comité é organizado com base na “Directriz para Prevenir a Violência de Género nas Escolas”, que foi desenvolvida através da colaboração entre o Ministério da Educação e os representantes de género da ETA.

O Comité tem dois representantes da ETA em cada escola. Mais, nas escolas secundárias, o “índice de violência de género” destina-se à medir os níveis de violência nas escolas, o que é feito duas vezes por ano, com o objectivo de reunir professores, pais e pessoal de apoio, a fim de consciencializá-los e chamar à atenção para a problemática da VGAE.

### ***A minha mensagem para a comunidade escolar***

Uma comunidade escolar significa aqueles que directa ou indirectamente envolvem-se no processo de aprendizagem. A comunidade escolar desempenha um papel importante e central na prevenção da violência e no estabelecimento de um ambiente escolar seguro e protegido. Portanto,

- A. Instituições de ensino:** Assegurar-se que o ambiente escolar esteja livre de influências desnecessárias (bares, discotecas, drogas...). As escolas devem ter vedação, ter casas de banho apropriadas, separadas e limpas, onde, especialmente as meninas, usam livremente. Deve haver um espaço onde os alunos podem brincar, sentar-se livremente, ler e discutir.
- B. Pais:** Além de comprarem o material escolar, têm a responsabilidade de ter discussões livres com os seus filhos. Têm que orientar os seus filhos sobre como lidar com a violência de género, a pressão dos colegas, entre outros. Têm de compreender e apoiar os seus filhos.
- C. Professores:** São os guardiões do conhecimento. Os pais confiaram-lhes os seus filhos e, por isso, por favor, considerem as crianças como se fossem seus próprios filhos, filhas, irmãos e irmãs. Pode ser que se apaixonem pelas alunas, no entanto, devem lembrar-se que, caso abusem-nas, pagarão um preço muito alto. Por favor, respeitem a vossa profissão, sejam disciplinados e evitem ser uma vergonha para esta profissão sagrada.
- D. Estudantes:** A educação é o vosso futuro. A educação é destinada a capacitá-los. Vocês têm que saber que as influências negativas irão interromper a vossa educação e o alcance dos vossos objectivos. Quando entrarem para as universidades, encontrarão muitos desafios. A pressão dos colegas e o vício afectam a vossa educação. Concentrem-se nos vossos objectivos e lidem com os desafios que podem ser obstáculos à vossa educação.
- E. Pessoal de apoio:** Vocês são essenciais para o sucesso dos objectivos do processo de ensino e aprendizagem. Não usem as vossas posições para convidar as estudantes para sair e abusá-las. O estudo que a ETA realizou em 2014 mostra que o pessoal de apoio também contribuiu para a VGAE. Vocês também são responsáveis na luta contra a VGAE.



- F. Governo:** O esforço para oferecer uma educação de qualidade acessível para todos é louvável. No entanto, o apoio legal oferecido e a atenção prestada à VGAE não são tão fortes quanto deveriam ser. A morosidade do processo de investigação e a deficiente interpretação das provas por parte de algumas pessoas resulta na impunidade dos perpetradores. O governo deve encontrar uma solução que ajude as vítimas a obter justiça em tempo útil e incluir a VGAE nas leis penais do país.
- G. Sindicato dos professores:** A única forma de provar que o ensino é uma profissão sagrada é respeitando o código de ética dos professores. Os alunos de hoje são os professores de amanhã. Os nossos membros devem ser encorajados e ter apoio para cumprir as normas profissionais. Os sindicatos devem adoptar medidas rigorosas àqueles que não respeitam o código de ética.



## ACÇÃO CONTRA A VGAE

Yohannes Benti

*ETA (Associação dos Professores da Etiópia)*

Uma das razões pela qual escrevo esta história é para ampliar a consciência sobre a complexidade da VGAE. Outra razão é para que saibam que é possível medir a violência e tomar acções estratégicas correspondentes ao nível de violência identificado.

A violência de género no âmbito escolar (VGAE) requer esforços concertados sob a liderança das organizações dos professores. Estas, os oficiais da educação e os intervenientes comunitários e locais, precisam perceber as dificuldades envolvidas na questão da VGAE e também devem assumir a sua responsabilidade social de agir, individual e colectivamente, para acabar com a violência nas escolas e a violência contra as mulheres na sociedade em geral.

A Associação dos Professores da Etiópia (ETA), além de defender a educação e os direitos dos membros, também trata das questões estudantis com base nos princípios previstos nos seus estatutos. Em outras palavras, espera-se que a ETA crie ambientes de aprendizagem propícios para os estudantes em geral, e para as meninas em particular. A violência de género no âmbito escolar é uma das questões que preocupa a ETA a fim de criar um ambiente de aprendizagem propício para os estudantes.

A VGAE é uma questão tão ampla que pode ser visível e invisível. O desafio consiste na capacidade de enumerar exaustivamente os tipos de violência que ocorrem nas escolas e ao redor. Isto porque, por um lado, os alunos não relatam claramente a violência que sofrem. E, por outro lado, existem tipos de violência considerados normais pelo facto de existirem desde a antiguidade e por terem

raízes profundas na cultura da sociedade. Assim, torna-se necessário mobilizar a comunidade escolar e os intervenientes locais, uma vez que existem práticas culturais na comunidade.

A ETA decidiu que o ponto de partida para abordar a VGAE seria pesquisar os tipos de violência existentes e como a comunidade escolar entende a mesma. Para tal, foram contratados dois funcionários universitários para realizar uma pesquisa em sete escolas secundárias seleccionadas aleatoriamente dentre as 32 escolas do projecto piloto ao nível nacional. Três critérios de seleccionamento foram pré-determinados nomeadamente: escolas lideradas por directoras ou directoras adjuntas, violência denunciada e o número de estudantes femininas.

Os investigadores apresentaram várias recomendações, dentre as quais, duas que solicitaram uma acção imediata. Uma era a necessidade de realizar uma auto-avaliação da situação da violência nas escolas e a outra consistia na elaboração de um Manual de Habilidades de Vida com vista a permitir que os alunos sejam assertivos e se defendam.

No que se refere à medição da situação de violência, houve um debate em que participaram membros da ETA e intervenientes interessados que foram convidados para validar a pesquisa. Uma das questões debatidas foi sobre se era possível medir a violência. Muito embora não tenha havido consenso entre os participantes, a liderança da ETA pressionou para que se realizasse uma nova consulta. Nesse processo, foram contratados peritos para encontrar uma solução para o desafio, o que resultou na elaboração de um manual designado Índice de Violência Escolar (SVI) que permite medir a situação da violência nas escolas. O manual incorpora quatro dimensões, cada uma delas constituindo ferramentas mensuráveis extraídas da pesquisa.

Três grupos da comunidade escolar - alunos, professores e administração escolar - foram treinados para medir a violência e, após a avaliação, os três grupos reuniram-se e discutiram com vista a alcançar um consenso.

Porém, medir a situação da violência não é suficiente. A comunidade em geral precisa apoiar a escola a mitigar o problema. Assim, a situação da violência na escola foi apresentada aos intervenientes locais relevantes, a fim de os sensibilizar e obter o seu empenho para a mitigação do problema. As partes interessadas consistiam no líder da associação dos pais e professores, o responsável da educação local, a polícia, os oficiais da justiça, as crianças, os jovens e as mulheres, e os oficiais da comunicação. Estes concordaram em reunir-

se trimestralmente para avaliar as melhorias feitas na mitigação da violência de género no âmbito escolar.

Embora a actividade da ETA para combater a VGAE tenha sido realizada antes da iniciativa da IE e Gender at Work, o conceito “equipa de mudança” que surgiu durante o encontro “Ouvindo Nossas Histórias” ajudou a intensificar a actividade. Além disso, as sessões de aprendizagem entre pares aprofundaram o meu conhecimento e permitiram-me aprender dos outros contextos. O nosso trabalho na área da VGAE foi institucionalizado através das equipas de mudança estabelecidas desde o nível nacional até o local. A equipa de mudança da ETA era constituída por quatro pessoas das quais duas eram da sede da ETA, uma do Ministério da Educação e uma professora da Universidade Metropolitana. A equipa orientou o processo de estabelecimento de um sistema/estratégia para agir contra a VGAE.

Os dois manuais, o SVI e as Habilidades de Vida, foram partilhados com a ETA e as estruturas dos gabinetes da educação, incluindo algumas escolas. O manual SVI foi compartilhado amplamente, inclusive com o Grupo de Trabalho Internacional para acabar com a VGAE.

As actividades implementadas resultaram em diversas histórias de sucesso. A título de exemplo, os directores das escolas comprometeram-se a incluir as questões de VGAE no seu plano escolar anual e a alocar os recursos necessários para mitigar o problema. Outro exemplo consiste no facto de a polícia e os juízes com quem trabalhamos terem mudado de percepção com relação à questão. A este respeito, um polícia confessou que tinha cometido uma injustiça ao convencer uma vítima, num casamento forçado, a permanecer casada em vez de levar o assunto a um advogado. Mais, um juiz que fez parte de um encontro em que se discutiu o SVI numa escola, chegou à conclusão que tinha dado sentenças mínimas aos perpetradores de violência devido a sua percepção sobre a questão. Os funcionários da Infância, Juventude e Mulher prometeram, em frente aos participantes do encontro, reunir-se trimestralmente com o Director da escola para identificar uma agenda comum e agir em conjunto.

A ETA assinou um memorando de entendimento com o Ministro do Ensino Superior em Novembro de 2014. O memorando visa contribuir para a prevenção da violência de género, estabelecendo no seu artigo 6.2.9. “Acompanhar e criar condições favoráveis, assim como prevenir a violência de género contra professoras e meninas”. Esta disposição é muito importante uma vez que as

lideranças das duas instituições irão planificar em conjunto e tomar as medidas necessárias para endereçar o problema. Ademais, dá às vítimas a oportunidade de levarem os casos denunciados às autoridades competentes. A ETA segue o princípio da “tolerância zero” a este respeito.



## PONTO DE VIRAGEM DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO ÂMBITO ESCOLAR: A HISTÓRIA DE UMA VÍTIMA, PERPETRADORA E AGENTE DE MUDANÇA

Alice C. Tuei. Coordenadora de Género

*KNUT (Sindicato Nacional dos Professores do Quénia)*

Depois de ter leccionado durante 10 anos, fui eleita tesoureira do Sindicato Nacional dos Professores do Quénia (KNUT) e mais tarde membro do Conselho Executivo Nacional (NEC). Em 2016, tive a oportunidade de participar numa reunião regional de mulheres, onde a coordenadora de Género e os oficiais da Secretaria Nacional de Género facilitaram uma discussão sobre a VGAE.

Estiveram presentes 25 representantes de mulheres de filiais da Região do Vale do Rift. No encontro, as mulheres compartilharam as suas experiências dando exemplos de formas de VGAE tais como o uso de linguagem abusiva, abuso sexual e discriminação, entre outros. Este momento consistiu no ponto de viragem pois levou-me de volta ao passado e a reflectir sobre como eu tinha tratado os meus alunos na escola. Descobri que, inconscientemente, tinha sido uma perpetradora de VGAE.

Percebi igualmente que muito embora eu fosse uma vítima, eu não deveria ter projectado os meus sentimentos de raiva e vingança nos alunos e até mesmo nos meus filhos.

A minha vida como vítima começou na minha infância, sendo a quarta filha numa família constituída por 18 irmãos com um pai muito duro. O meu pai costumava

bater-nos sempre que cometéssemos um pequeno erro e nem as minhas duas mães estavam seguras.

Por isso, cresci acreditando ser “normal” que os homens batessem nas mulheres e crianças. Lembro-me vividamente quando, aos 12 anos de idade, na 6ª classe, o meu professor de música, Sr. Omari, entrou majestosamente na nossa classe. O seu primeiro comando após saudar-nos, foi cantar o hino nacional. Eu adorava música e cantava o melhor que podia.

Para meu espanto, ouvi uma voz alta: “Alice, que voz é essa? Está desafinada e sequer pode ser comparada a um sapo! Sua estúpida, você acha que é bonita?”

Eu desmaiei. Quando recuperei a consciência, estava sentada na minha mesa, com o vestido enopado em lágrimas. A minha amiga Sarah, tentou consolar-me, sem sucesso. Fui para casa queixando-me de uma dor de cabeça. Por sorte, encontrei a minha mãe em casa e contei o que tinha acontecido. Ela encorajou-me, citando alguns versículos bíblicos, de tal forma que parecia que Deus estava a falar directamente comigo. As suas palavras foram muito fortes e ajudaram-me a sentir-me melhor muito embora, até hoje, eu não consiga cantar uma simples canção. Isto porque, sempre que canto, essa mesma voz volta a minha mente e eu paro imediatamente de cantar. Mas agradeço à Deus porque, com a ajuda da minha mãe, não me senti estúpida, como disse o professor.

Na oitava classe, muitas colegas da escola desistiram devido às gravidezes indesejadas e aos casamentos prematuros. Eu senti-me mal porque elas eram muito novas para entender as responsabilidades que vinham com a maternidade e porque também teve um impacto negativo na turma pois ficamos apenas duas meninas - minha prima e eu - e nove meninos. Dizia-se na aldeia que alguns dos nossos professores eram os responsáveis, mas nunca foi tomada nenhuma medida contra eles.

Os professores tratavam-nos mal, pois tínhamos que preparar comida para eles e, as vezes, lavar as suas roupas durante o intervalo ou na hora dos jogos. Os nove rapazes ou jogavam ou faziam os seus deveres da escola. A pior experiência que tive foi numa tarde, quando a minha prima estava ausente da escola e eu era a única que ajudava os professores a preparar a comida. Infelizmente, sendo uma sexta-feira, a maioria dos professores estava ausente e havia apenas um professor. Depois de preparar a comida e servi-lo, quando ia sair, o professor agarrou a minha mão tão forte de modo que não consegui libertar-me. De seguida puxou-me para mais perto dele e disse-me que queria mostrar-me o quanto me amava.

Eu estava muito assustada e não sabia o que ele queria. Eu só gritei, “Oh meu Deus!” e, assim que o fiz, bateram à porta. O professor largou a minha mão para verificar quem estava a bater a porta. Era o chefe da minha turma que tinha sido enviado pelo director da escola para ir recolher o esquema de pontuação. Ele foi o meu salvador. Imaginei o que teria acontecido comigo, tendo em mente as coisas pelas quais as minhas colegas de turma tinham passado e que as levaram a desistir da escola. A partir daquele momento, sempre que eles me procuravam, eu escondia-me com os alunos mais novos para que não me encontrassem.

Quando terminei a escola secundária, entrei para um instituto de formação de professores. Após a graduação, fui colocada na mesma escola primária da minha aldeia natal. Felizmente, os professores que me abusaram tinham saído. Mas, eu também tornei-me uma perpetradora, aplicando castigos corporais aos alunos. Apliquei erroneamente o ditado, “uma vassoura nova varre melhor”, porque eu queria mostrar que podia disciplinar os alunos. Quando eu estava de serviço, eu punia os atrasados severamente.

Quando eu leccionava inglês na sétima classe, tinha seis alunos que acabavam de regressar da circuncisão. Eu os punia severamente quando não conseguissem responder às perguntas e dizia-lhes que as meninas eram melhor do que eles. Também atribuía-lhes actividades tradicionalmente femininas, como a limpeza da sala. Um dos rapazes ficou tão magoado que nunca mais voltou à escola.

Para mim era normal, porque o castigo corporal era a ordem do dia. Também projectei nos meninos da escola o que vi e sofri do meu pai nos espancando em casa, e o que os professores tinham feito comigo. Eu castigava os rapazes de forma mais severa comparativamente às raparigas.

Um dos resultados de ser uma perpetradora é a dor que sinto sempre que vejo o rapaz que abandonou a escola. Ele é um trabalhador casual, dependendo do trabalho manual para cuidar da sua família. Eu choro silenciosamente, porque eu sou a responsável pela sua situação actual. Um dia a irmã dele, que agora é uma colega professora, disse-me sarcasticamente: “algumas pessoas dizem que são líderes, mas arruinaram a vida dos seus alunos ao fazê-los desistir da escola”.

Às vezes eu tenho vontade de pedir desculpas, mas como isso irá ajudar?

Após 5 anos de casada, eu enfrentei outro desafio, quando o meu filho de quatro anos perguntou-me:

“Mãe, és mesmo a minha mãe?”



“Sim”, respondi.

“Deste à luz como Martat?”, referindo-se a nossa vaca que tinha acabado de parir.

Então questionei-me sobre as razões por detrás das perguntas que ele me fazia. Depois lembrei-me que o tinha esbofeteado até ele desmaiar no dia anterior, por ter quebrado a porta de vidro de uma peça de mobília. Eu também já o tinha punido severamente antes, por causa de pequenos erros.

Nessa altura, percebi que o tinha maltratado. E por isso, ele se perguntava se eu era realmente a sua mãe. Eu olhei para ele e disse que sim, que eu era a sua mãe. Ele saiu para brincar com as outras crianças. A partir daquele dia, fiz muita reflexão e introspecção, o que resultou numa mudança na minha forma de disciplinar. Também tomei cuidado com as minhas palavras.

Apesar de ser uma perpetradora na escola, os alunos apresentavam melhores resultados nas minhas disciplinas. Eu estava empenhada no meu trabalho e ensinava as minhas disciplinas com paixão. Isso fez-me pensar que o castigo corporal fazia maravilhas.

Depois de frequentar a reunião regional das mulheres em 2016, comecei a reflectir profundamente. Perguntei-me: quantos alunos teriam tido sucesso na sua educação se não tivessem sido castigados por mim? Reflecti sobre as perguntas feitas pelo meu filho e pela irmã do rapaz que abandonou a escola.

Eu arrependi-me das minhas acções anteriores e comecei a conversar com os outros professores sobre formas alternativas de punição. Às vezes, os professores abusavam dos alunos, mas eu os corrigia, uma vez que afectava negativamente o desempenho escolar dos alunos.

Quando comecei a fazer isso, os professores acusaram-me de representar os alunos em vez dos professores. Eu tinha que ter tacto ao lidar com estas questões. Eu mudei a minha abordagem e contei as minhas experiências em forma de histórias o que ajudou muito. Os professores começaram a usar métodos alternativos para disciplinar em vez de castigos corporais. Por exemplo, proibindo que os alunos saíssem durante o intervalo.

Percebi das minhas experiências como vítima e como agressora, que qualquer tipo de VGAE na escola pode ter um impacto negativo nos alunos afectando o seu futuro.

Mais, ela pode deixar uma marca permanente nalguns enquanto outros, como eu, podem ter a sorte de ter a oportunidade de mudar.

Quando fui à sede do KNUT no ano passado (em 2018) como Coordenadora Assistente de Género, aprendi muito com os quatro professores da equipa de mudança de VGAE de Muranga (Mwangi), Makueni (Mary), Mombaça (Grace) e Bungoma (Kenneth). Durante a iniciativa Sindicatos Intervêm para Acabar com a VGAE da IE, Gender@Work e da UNGEI, e com o apoio da Associação Nacional da Educação (NEA), o KNUT tentou abranger o maior número possível de professores, através da sua participação em fóruns e treinamentos para sensibilizá-los sobre a VGAE.

O Comité de Direcção Nacional do KNUT, liderado pelo Secretário-Geral, também fez muito para apoiar o programa e usou os fóruns de professores para sensibilizá-los sobre a VGAE.

Os professores da Equipa de Mudança têm experiências realmente comoventes, como se pode ver pelas citações abaixo.

*“A iniciativa da VGAE contribuiu para que eu usasse as sessões formais e informais para abordar e consciencializar os professores. Como resultado, eles agora aplicam outras medidas punitivas como exigir que os alunos corrijam o erro escrevendo o número de vezes necessárias até preencherem uma página A4 ao invés de castigos corporais.”*

*– Kenneth Waswa, (Equipa de mudança Bungoma)*

*“Eu passei por uma mudança de paradigma no meu pensamento. Isto fez-me embarcar na sensibilização da administração, dos tutores, estudantes e do pessoal não docente sobre a VGAE e as suas implicações. A cultura do assédio parou, os alunos estão felizes e há uma atmosfera pacífica na escola até hoje.*

*– Grace Alwala, (Equipa de mudança Mombasa)*

Estes são certamente alguns dos frutos do programa de VGAE do KNUT. Concluindo, cada educador, pai, prestador de cuidados e qualquer pessoa encarregada de cuidar dos alunos em qualquer nível deve tentar, tanto quanto possível, proporcionar um ambiente livre de VGAE para permitir que todos os alunos atinjam o seu potencial.

Como diz o ditado, as crianças são flores cultivadas em jardins de betão e, portanto, precisam de nutrientes adequados.



# O PODER DAS PALAVRAS NA LUTA CONTRA A VGAE

Winnie Namata

*UNATU (Sindicato Nacional dos Professores de Uganda)*

“Para sempre” é suposto ser algo bonito. Ou seja, as pessoas declaram aos seus entes queridos: “Eu vou amar-te para sempre.” Hoje até temos gírias como BFF para significar “Melhores Amigos para Sempre”. É uma sensação tão bonita quando as pessoas e coisas que amamos nos asseguram que essas boas vibrações nunca irão acabar.

Caminhando nesta jornada, descobrindo e desembulhando camada após camada sobre o que é a Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE), o meu coração fica subitamente cheio de emoções. “Talvez nem tudo deva durar para sempre.” Estes encontros levaram-me numa viagem pela memória e fizeram-me reviver emoções que eu pensava ter escondido cuidadosamente no fundo da minha mente e deixado dentro das paredes da escola. Finalmente percebi que apesar de não ser física, eu e os meus amigos fomos de certa forma vítimas de VGAE. Não podemos mais falar sobre essas “pobres raparigas”, porque nós fazemos parte das estatísticas. Nós somos uma delas, essas raparigas somos nós!

É um sentimento triste, agravado pelo facto de se alguma vez tivéssemos a oportunidade de enfrentarmos os responsáveis, eles rapidamente desqualificariam a nossa dor. Afinal de contas, eram apenas “PALAVRAS”.

É importante que os nossos professores saibam que, muito embora se orgulhem de influenciar a eternidade através das suas palavras, da mesma forma, algumas das suas palavras podem deixar uma ferida incurável na vida dos alunos.

Eu tive o privilégio de frequentar as melhores escolas, desde o Jardim de Infância. Nasci e fui criada na capital, Kampala, e a vida escolar era fácil.

Casos de estupro, profanação, castigos corporais eram coisas que ouvia falar nas notícias ou quando os meus pais discutiam o assunto durante o jantar. Afinal, não tinha nada com que me preocupar porque os meus professores eram os mais qualificados, os melhores das suas turmas e reconhecidos como “especialistas” na maioria dos assuntos. Eles eram autores de livros didáticos que eram usados por seus colegas como guias de ensino. Estes professores eram bons educadores, mas também eram bons noutras coisas, tais como “incutir medo” e abuso verbal. Eu não sei se eles usavam o “medo” para fazer-nos respeitar a sua “grandeza” ou simplesmente pensavam que podiam dizer e fazer o que quisessem porque eram “intocáveis”. Eles “fabricavam” os melhores alunos do país tão facilmente quanto a Coca-Cola fabrica refrigerantes. Eles tinham a fórmula secreta da educação de qualidade e eram, portanto, invencíveis.

Se ao menos os nossos professores soubessem o poder das suas palavras. Se ao menos eles soubessem que alguns de nós hoje nos comportamos de uma maneira que é influenciada pelas suas palavras mas NÃO de uma maneira positiva.

Lembro-me claramente da nossa aula inaugural na sétima classe. Voltávamos de um longo feriado, prontos para aprender e terminar o nosso último ano na escola primária. Tínhamos ouvido histórias sobre o nosso professor, um disciplinador rigoroso que não admitia disparates. Lembro-me que quando ele entrou, só de olhar para a sua camisa e as suas calças bem apertadas, pensei que todas as histórias que tínhamos ouvido sobre ele tinham alguma verdade. Ele era alto e moreno, com óculos de aro grosso, e me lembrava os detectives que víamos nos filmes de investigação criminal.

Ele entrou com uma bengala e só com esse gesto, a turma ficou em silêncio. A sua presença não só era intimidadora, mas de algum modo também preocupante. A maneira como ele olhava para nós através dos seus óculos, sentimos como se ele pudesse ver através da nossa alma e saber exatamente o que estávamos a pensar sobre ele. Ele parecia gostar do facto de que todos nós parecíamos assustados com ele.

Quando ele falou, começou com algumas regras, algumas das quais permanecem comigo ainda que ele já tenha ido ao encontro do nosso criador. Ele disse: “Na minha aula, não tolero muitas coisas! Aqueles que não querem cumprir, podem mudar de turma”.

“Nenhuma rapariga da minha turma pode usar jóias. A escola permite, mas eu não admito.” Ele explicou que as meninas que usam brincos e pulseiras são apenas tentações para seduzir os “seus” rapazes e fazê-los chumbar nos exames finais.

“Todas as raparigas devem usar o uniforme escolar todos os dias, incluindo aos sábados. A escola permite o uso casual para as aulas de fim de semana, mas é inaceitável na minha aula.” Segundo ele, todas as outras roupas, excepto o uniforme escolar, seriam outra forma de distração para os “seus” rapazes.

Cabelo trançado, maquiagem, esmaltes eram inaceitáveis na sua aula, o que era muito estranho porque estas coisas eram normais para qualquer criança nascida na cidade. As nossas próprias mães tinham prazer em levar-nos à salões de cabeleireiro para arranjarmos o cabelo e as unhas.

Todas as quartas-feiras foi instituído um exame de saúde pelo mesmo professor para garantir que esta regra específica do cabelo e das unhas fosse cumprida. Claro que ele estava ciente de que algumas meninas seriam tentadas a usar esmaltes incolores, afinal de contas, ele ensinava há mais de 10 anos.

Ele continuou a ensinar as raparigas da forma mais rigorosa possível, e disse que teríamos problemas se decidíssemos ignorar as suas regras. Fez-nos acreditar que os rapazes estavam numa idade crítica e que, naquela fase, geralmente as meninas é que “criam” problemas para eles.

Mas, onde estavam as regras para os rapazes? Nós não éramos as “suas” raparigas? Não tínhamos ido à escola para trabalhar no nosso futuro. O que é que a nossa roupa tinha a ver com a nossa educação? Honestamente, eu tinha tantas perguntas, mas nenhuma resposta. Uma das coisas que ficou clara para mim é que eu não queria ter problemas. Nessa mesma noite, a minha mãe levou-me à barbearia e cortou-me o cabelo. Eu adorava o meu cabelo, muito escuro, longo e bonito quando alisado, mas encolhia para um afro grosso e peludo quando era lavado.

A situação piorou porque ele também era nosso professor de ciências e as lições de ciências que deveriam ser esclarecedoras sobre o crescimento e a maturidade, transformaram-se em sessões de “zombaria” para as meninas.

Quando ele leccionava sobre as mudanças do corpo das meninas durante a puberdade, ele fazia questão de lembrar-nos que agora estávamos maduras e que se não tivéssemos cuidado, nos colocaríamos em apuros como as infelizes meninas cujas histórias circulavam nas notícias. Em suma, homens e rapazes

violam raparigas que se vestem e se comportam de uma certa maneira. Ele continuou a insistir dizendo que as meninas não deveriam ser “muito bonitas” ou “muito espertas”, e deviam manter um perfil discreto, caso quisessem sobreviver neste mundo.

Podemos pensar que este professor nunca nos tocou, mas oh ele tocou....

Ele fez-me acreditar que antes de tomar qualquer acção, eu devia primeiro ter o sexo oposto em mente. Até hoje, eu não uso maquiagem por medo de ser “demasiado bonita” e atrair alguém que pode fazer-me mal. Não uso vestidos justos pela mesma razão, prefiro calças largas. Eu prefiro um visual simples porque sinto-me mais segura. Pergunto-me constantemente: “Será que este penteado dá a impressão de estar à procura de atenção?” “Estes brincos chamam atenção?” Eu sempre sonhei em tornar-me uma aeromoça, mas o facto delas sempre terem maquiagem, fez-me optar por uma carreira que mantém-me escondida atrás de um computador!

Infelizmente, também cresci a julgar as colegas que usam maquilhagem “pesada”. Costumo rotulá-las como “exibicionistas” e “procuradoras de atenção”, mas na realidade, não há nada de errado em ficar linda!

Eu olho para a minha filha que tem apenas oito meses e pergunto-me se a vida dela será diferente. Às vezes, por hábito, tenho a tendência de vesti-la com roupas monótonas, quase sempre cinzentas e pretas, como se tentasse garantir que ela não se destaque. A minha mente diz-me que é sábio ensinar-lhe desde cedo a proteger-se, sobre como ser sutil e não atrair muita atenção para si mesma, caso contrário ela terá problemas.

Uma das minhas amigas teve problemas. Num sábado, a família dela tinha uma recepção de casamento e os pais iriam buscá-la depois da aula. Ela estava tão animada que usou o vestido de festa debaixo do uniforme, mas esqueceu-se de tirar os brincos enquanto entrava na aula. E então o professor viu-a...

Ele chamou-a e disse: “Olhem para esta prostituta. Estás a tentar atrair a atenção de quem com esses brincos?” Este incidente espalhou-se pela escola e à hora do almoço, todos sabiam do incidente e ela teve que se esconder porque toda a escola estava à procura da “prostituta”. Será que ela alguma vez esquecerá este incidente? Imagine ser rotulada de prostituta por usar um par de brincos!

Nós tínhamos professores de aconselhamento e orientação pois era política do governo que cada escola designasse uma professora para lidar com estas

questões. Contudo, na minha própria experiência, a professora de aconselhamento e orientação que tínhamos na escola primária era muito dura e inacessível. Na verdade, ela era tão rigorosa que pedir-lhe ajuda tinha que ser por uma questão de “vida ou morte”. A título de exemplo, um dos momentos que poderíamos fazer uso dos respectivos serviços era quando começava o período sem que estivéssemos preparadas. Mas todas nós sabíamos que era melhor fingir estar doente e ir para casa do que ir à conselheira para pedir absorventes higiénicos.

Odeio a forma como a menstruação foi ensinada como sendo algo “sujo”, uma coisa vergonhosa. Algo que as meninas tinham que esconder desesperadamente por medo do ridículo, especialmente dos meninos e professores que nos provocavam dizendo: “Esta cresceu e agora pode engravidar.” Se por acaso manchássemos o uniforme e tivéssemos de amarrar uma camisola à volta da cintura, a provocação continuaria até ao fim do dia. Por esta altura, já teríamos chorado e amaldiçoado o dia em que nascemos mulher! Eu lembro-me como rezava à Deus todos os dias para que o meu primeiro período começasse depois dos exames finais.

Estou agradecida a quem inventou as camisolas, pois elas nos providenciaram a tão necessária “cobertura” para os nossos sinais de maturidade. Lembro-me como as minhas amigas, quando os seios começaram a desabrochar, não tiravam as camisolas por muito quente que estivesse. Ainda vejo este hábito entre as raparigas mais velhas das escolas primárias à volta da minha casa em Kampala.

Donde começou este período de vergonha? Tudo começou com aquele professor e como ele o explicou durante as nossas aulas de ciências. As suas palavras não nos ajudaram a perceber os períodos como “normais”, mas sim a vê-los como uma espécie de desafio que as raparigas tinham de suportar mensalmente. Eu não quero que a minha filha cresça com esta mentalidade, então a mudança começa comigo.

Como Oficial de Comunicação e Advocacia trabalhando com o Sindicato Nacional dos Professores do Uganda (UNATU), estou bem posicionada para usar as plataformas, tais como as reuniões, formações, sessões de sensibilização comunitária, os programas de rádio, informação, a comunicação e os materiais educacionais disponíveis para falar com os professores sobre a violência de género no âmbito escolar. Temos integrado a VGAE nos nossos programas escolares, tais como “Páre o Trabalho Infantil e os Casamentos Prematuros”, “Acção dos Professores para Raparigas” e na formação contínua dos professores. A unidade de comunicação que lidero desenvolveu um conjunto de materiais

dignos de crédito, como cartazes, panfletos, brochuras, spots de rádio e boletins informativos, todos abordando diferentes questões em torno da VGAE identificadas na respectiva escola ou comunidade de intervenção.

Na minha opinião, o UNATU tem feito muito em termos de advocacia e sensibilização dos professores sobre questões relativas à VGAE, incluindo um apelo firme e constante aos professores para que se comprometam novamente com a profissão, aderindo tanto aos códigos de conduta profissionais como aos códigos de conduta do sindicato.

Os encontros sobre a VGAE organizados pela UNGEI, Gender at Work e IE, particularmente através das sessões “Ouvindo Nossas Histórias”, resultaram numa reflexão individual sobre o que mais pode ser feito. Isto foi possível através da partilha da minha própria história e da escuta das histórias dos outros. Como sindicato, e como defensora, há muito trabalho a ser feito em torno da questão da linguagem utilizada nas escolas. Os nossos professores devem compreender que a VGAE não se refere apenas ao abuso “físico”. O abuso emocional, mesmo que a intenção seja uma brincadeira, é abuso e pode ter efeitos duradouros para os nossos alunos, tanto rapazes como raparigas.

Permita-me explicar.....

Quando dizemos às nossas filhas que elas devem ter cuidado para não serem violadas vestindo-se de uma certa maneira, estamos a dizer às nossas filhas que elas são culpadas pelo estupro, e estamos a dizer, ainda que indirectamente, aos nossos filhos que não há problema em abusar uma menina ou mulher, dependendo do que ela tenha vestido.

Ensinemos os nossos filhos que não importa a roupa da menina, o estupro é errado e o sexo deve ser consentido. Usar uma saia curta, vestido ou calças não é um convite. Ela não está “pedindo por isso”. Ensinemos os nossos filhos sobre o autocontrole e relacionamentos respeitosos.

Quando estivermos a leccionar sobre as mudanças no corpo, não usemos palavras que tornem a experiência vergonhosa. Crescer é uma coisa bonita. Usemos palavras que encorajem tanto os meninos quanto as meninas a abraçar as mudanças dos seus próprios corpos. Criemos um espaço aberto na sala de aula onde estas questões são discutidas. Nunca é correcto destacarmos alguém para usarmos como exemplo para demonstrar as diferentes mudanças que estão ocorrendo. Não podemos dizer: “Vejam esta, os seus quadris estão a expandir e



seus seios a florescer!” Quando fazemos isso, contribuímos para que as meninas se sintam mal. Mais, também estamos a ensinar os rapazes que não há problema em objectificar as mulheres.

Os rapazes também passam por mudanças, mas os professores nunca as apontam e quando o fazem geralmente é de uma forma positiva. Por que os nossos professores não podem criar a mesma experiência para as nossas filhas? Usemos palavras que ponham fim à vergonha do período. Lembro-me quando a Procter and Gamble, fabricante dos pensos higiénicos Always Sanitary, fez uma promoção na minha escola. Todas as meninas foram convocadas para uma reunião “especial” e receberam pensos higiénicos grátis. Aceitámos de bom agrado os pensos, mas o enigma continuava a ser como “contrabandear-los” da sala de reuniões de volta para a sala de aula. O mesmo ainda acontece hoje. A menstruação é normal e os professores podem apoiar na partilha desta mensagem.

Professores, nunca é bom usar os seus próprios estereótipos e as suas crenças para julgar os nossos alunos. Quando os nossos filhos e filhas se vestem de uma certa maneira, não é correcto julgá-los, a menos que isso vá além dos padrões normais de decência. Chamar as nossas filhas de “prostitutas” ou “mimadas” por causa das suas roupas é errado. Se a nossa religião opõe-se aos cabelos trançados, jóias e maquilhagem, não é correcto impô-la aos nossos alunos. Ensinemos os nossos filhos e as nossas filhas sobre decência e tenhamos confiança que as informações partilhadas sejam suficientes para que eles façam as melhores escolhas.

Mais, não importa o quanto você conhece a mãe ou a avó de alguém, nunca é certo dizer: “Tu és tão burra quanto a tua mãe!” “Rapariga estúpida, também vais acabar por engravidar cedo como a tua mãe.” Nós somos todos diferentes. Cada jovem tem as suas qualidades e aspirações únicas. Quanto mais os comparamos aos parentes, mais diminuímos as suas esperanças de quebrar o ciclo e de tornarem-se melhores. Ao fazer isso, também ensinamos os nossos filhos que desrespeitar as mulheres é bom. Usemos palavras que encorajem tanto as nossas filhas como os nossos filhos a darem o seu melhor na escola. Vivemos num mundo onde temos mulheres inspiradoras nas nossas próprias comunidades que podem servir de bons exemplos para as nossas filhas.

Finalmente, é importante que os professores compreendam o seu papel crítico no apoio aos alunos para lidarem com as dificuldades relativas à saúde mental. A capacidade dos alunos de permanecerem na escola, competirem favoravelmente e desfrutarem da sua experiência é afectada pelo seu bem-estar mental. Numa

das sessões do encontro de VGAE, um dos participantes compartilhou uma história horrível sobre uma jovem que foi expulsa das aulas porque o seu uniforme estava manchado com sangue. A vergonha foi tão grande que levou a que ela se suicidasse! Uma vida jovem perdida, assim sem mais nem menos. Enche-me de pavor imaginar a minha filha a passar pelo mesmo. As famílias e as escolas são as instituições sociais mais fortes na vida de uma criança, o que significa que tanto os pais como os professores têm um papel a desempenhar, oferecendo o apoio necessário e os mecanismos de sobrevivência.

Nalguns casos, as salas de aconselhamento e orientação são usadas mais como espaços punitivos do que de apoio, e para onde são enviadas as crianças problemáticas. Nalgumas escolas, os professores com a tarefa de aconselhamento e orientação não têm os conhecimentos necessários para ajudar os alunos. Como podem tais alunos lidar com o desamparo em face de crises? A quem recorrem quando os professores também são a fonte da frustração?

Como professores, as nossas palavras têm poder. Elas podem curar mas também podem magoar. Elas podem construir, mas também destruir. Elas podem construir ou destruir o futuro dos alunos. Temos que ter cuidado com as sementes que estamos a plantar através das nossas palavras.



# LONGE VÃO OS DIAS EM QUE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO ÂMBITO ESCOLAR PASSOU DESPERCEBIDA

Baguma Filbert Bates

*UNATU (Sindicato Nacional dos Professores de Uganda)*

Eu sou o Secretário Geral do Sindicato Nacional dos Professores do Uganda (UNATU). Nasci em Kigezi, a célebre Suíça da África, e cresci numa localidade rural típica onde frequentei a escola. O ambiente à minha volta era pautado por todo o tipo de Violência de Género que se pode imaginar.

Os homens acordavam para ir à bares enquanto as mulheres faziam todo o trabalho e cuidavam das suas famílias. Imagine uma mulher carregando um bebé nas costas, um cesto de batata doce na cabeça e um pouco de lenha e, puxando uma cabra numa corda. Como se isto não bastasse, os homens vendiam as colheitas das suas esposas para irem beber e, qualquer mulher que questionasse esse comportamento era espancada e expulsa de casa por uma ou mais noites. Esta era a agonia das mulheres da aldeia.

Foi assim que aprendi que as mulheres e as raparigas deviam fazer todo o trabalho doméstico, enquanto o trabalho dos homens era de beber álcool e bater nas mulheres ao seu belo prazer. Eu acreditava que as mulheres deviam sentar-se em tapetes enquanto os bancos e as cadeiras eram para os homens. Sendo rapaz, comecei a imitar o que observava à minha volta, e recusava-me a sentar no tapete. Sempre que me diziam para ir colocar lenha no fogão, eu fazia-o hesitantemente porque sabia que era trabalho de mulheres e raparigas.

Sempre que estivéssemos em casa, as tarefas de cozinhar, varrer, lavar e alimentar a família eram das mulheres e raparigas, enquanto que como rapaz, eu tinha a responsabilidade de ir buscar água, apanhar lenha e pastar as cabras.

Contudo, quando comecei a estudar, eu achava que na maioria dos casos meninos e meninas eram tratados de forma igual, excepto quando se tratava de castigos corporais pois estes recebiam mais espancamentos do que as meninas.

Durante as aulas de educação física, os rapazes tiravam as camisas e as raparigas tiravam os vestidos. Quando algumas meninas não tinham cuecas, elas permaneciam com os vestidos. Isto era mau porque todos sabiam que elas não tinham cuecas.

No entanto, quando eu estava na quinta classe do ensino primário, fui cúmplice de Violência de Género no Âmbito Escolar. Eu era um menino pequeno, jovem e inocente, e dois professores costumavam mandar-me levar as meninas mais velhas da sala de aula para os seus aposentos. Esta era uma rotina diária e os professores mudavam de raparigas todos os dias.

Eu não conhecia o jogo que eles estavam a jogar. Naquela época, eu sequer pensava que um professor fosse capaz de ter relações sexuais com uma aluna. Só quando estávamos na sexta classe, apercebi-me do que estava a acontecer porque as meninas começaram a revelar que alguns dos professores não podiam castigá-las porque eram seus amigos. E de facto, se alguém cometesse um erro com uma dessas meninas, os professores ou o puniam ou o advertiam para não repetir o erro.

Ainda na sexta classe, eu fazia parte do coro da escola e participávamos de competições tendo sido qualificados para competir a nível distrital. Nessa altura, fui torturado psicologicamente pelo nosso maestro de coro, pois substituiu três de nós, rapazes do coro, por três “namoradas” que não faziam parte do coro com o pretexto de que iam cozinhar para o coro apesar de a escola ter contratado cozinheiros.

Na sétima classe, o mesmo professor forçou-me a entrar para o coro e eu recusei. Por me ter recusado, ele castigou-me corporalmente durante cinco dias consecutivos, em frente aos meus colegas. No entanto, por não ter cedido, ele acabou desistindo. Foi uma experiência dolorosa pois na altura eu era um bom dramaturga e cantor, mas desde então, sempre que ouço a palavra “coro”, sinto dor e as lágrimas percorrem dentro do meu corpo. O meu talento foi suprimido como resultado da Violência de Género no Âmbito Escolar por causa de um professor.

O mesmo aconteceu com algumas raparigas que foram obrigadas a abandonar a escola no início do ensino secundário pelo facto de os professores as terem explorado, o que destruiu o seu futuro. Se na altura eu tivesse sido empoderado para denunciar estes casos às autoridades escolares, teria salvado o futuro delas.

Chamar atenção ao facto de, muito embora na escola secundária, a exploração das raparigas pelos professores fosse uma prática comum, os alunos das classes avançadas também abusavam das raparigas das classes abaixo. Imagine as jovens inocentes entusiasmadas por terem ingressado na escola secundária, apenas para serem acolhidas pela tortura da VGAE.

Quando terminei o ensino secundário geral entrei para o Instituto de Formação de Professores. Para meu choque total, o maestro de coro com quem tive uma experiência desagradável na escola primária, ensinava música, dança e teatro no Insituto.

Ele conhecia as minhas capacidades e colocou-me na lista dos membros do coro. Desta vez eu temi ser expulso e participei num concurso de teatro intitulado "A Hidra". Era sobre o HIV/SIDA e nessa altura, ele já era um paciente com SIDA. O maestro explorou muitas estudantes durante as visitas a outros institutos para apresentações das peças teatrais.

Porém, ele não era o único professor que explorava estudantes inocentes. Outro professor quis impor-nos a sua namorada como chefe dos desportos, mas eu liderei uma campanha e nós rejeitámo-la. Ele ficou chateado, e para vingar-se, deu-me uma má nota. Felizmente eu tive boas notas no exame final e a nota que ele me deu não influenciou o resultado final. Que lições aprendemos com tais professores? Temos tais professores nas nossas instituições de ensino? Cuidado, os nossos filhos podem ser vítimas se não estiverem preparados.

Depois do instituto de formação de professores, entrei para o meu primeiro local de trabalho e fui alocado ao departamento de inglês. Aqui, os alunos que falassem a sua língua materna eram identificados pelos seus pares e todas as sextas-feiras às 14:00h era um inferno para eles, pois eram punidos por falarem a sua língua materna. Só mais tarde apercebi-me que era castigo corporal, e era horrível.

Também tivemos um caso de um professor que tinha o hábito de tocar as partes íntimas das estudantes. Quando os rumores sobre o que ele fazia espalharam-se pela escola, ele foi transferido para outra escola. Mas, o hábito continuou e ele engravidou uma aluna na escola onde ele era director. Ele foi preso.

Naquela altura, eu era líder sindical no distrito e o caso foi-me apresentado para que eu o ajudasse uma vez que ele era sindicalista. Eu disse à sua família que o sindicato não protege delinquentes e esta subornou os pais da menina, que viviam na pobreza absoluta, para que ela não fosse ao tribunal. O professor ficou em prisão preventiva durante cerca de dois anos e, mais tarde, o tribunal o liberou porque a denunciante não se apresentou no tribunal. O distrito reformou-o no interesse público. Ele acusou-me de, como membro do sindicato, não o ter ajudado e alegou que eu queria que os seus filhos sofressem sem educação e morressem miseravelmente. Perguntei-lhe se a estudante que ele tinha engravidado não era uma criança com os mesmos direitos que os seus filhos.

Nessa altura, ainda que lutasse contra a VGAE, o conceito não me era familiar. A Violência de Género no Âmbito Escolar não era um tema importante na agenda do nosso sindicato, embora este oferecesse actividades de empoderamento para as mulheres afiliadas. Eu só defendia as colegas por ser defensor dos direitos humanos e sindicalista. Era um trabalho emocionante. Como líder sindical, as professoras confiavam em mim e narravam o que lhes acontecia no seu local de trabalho.

O mesmo ocorreu quando eu era presidente da filial no Distrito de Kabale, em que uma professora foi transferida de escolas cinco vezes num único mandato pelo inspector das escolas. Ele sugeriu-lhe que tivesse uma relação amorosa com ele e ela recusou. Quando tive conhecimento da situação através de amigos, liguei-lhe e disse-lhe que queria intervir. Ela pediu-me que não o fizesse sob pena de agravar a situação. Como líder e sem o consentimento dela, confrontei o inspector das escolas. Ele recusou ter praticado tal acto e acusou-a de ineficiência, mas nunca mais a perseguiu. Ela foi aceite por uma escola e instalou-se lá.

Noutro caso, algumas professoras pediram para serem transferidas. Alguns funcionários do departamento de educação aproveitaram-se da sua posição e as convidaram para ir ao escritório durante o fim de semana. Adivinhem o que se seguiu!

Mais, algumas alunas e professoras eram convidadas para encontros, seminários, conferências e reuniões apenas para serem exploradas sob o pretexto de lhes dar uma oportunidade. Eles deram-lhes títulos como “pronto à levar” ou “prato à parte”. Estes foram alguns, dentre muitos casos desta natureza.

Em 2015, o UNATU seleccionou professores/membros de todas as regiões do Uganda para participarem no encontro “Ouvindo Nossas Histórias” sobre a VGAE.

Durante as sessões, houveram muitos testemunhos e, em face das revelações percebi que, de facto, tinha feito muito trabalho no campo da luta contra a VGAE.

Fui nomeado membro da equipa de mudança e continuei o meu trabalho de luta contra a VGAE. Tive a oportunidade de interagir com muitos membros durante as nossas actividades sindicais e sempre que tenho a oportunidade de falar, menciono a VGAE.

Os sindicatos devem destacar-se e assumir a liderança na luta contra a VGAE. Nesta luta devemos igualmente publicar os nomes e envergonhar os perpetradores e seus simpatizantes. Eu escolhi ser um campeão e um embaixador e, nessa qualidade, estou a mobilizar outros líderes sindicais para juntarem-se à campanha contra comportamentos imorais e perversos contra as meninas e as mães deste mundo.

Digam “não” à VGAE e salvem as vidas das potenciais vítimas de VGAE. As meninas e as mães do mundo merecem melhor tratamento como seres humanos dignos, com direitos ao respeito e à protecção.

É agora. Não hesite! Salve as almas inocentes. Cabe-nos, a ti e a mim, impulsionar a mudança que gostaríamos de ver. Temos de ser vistos a agir mais e a falar menos. VGAE é real, tem atormentado muitos. É um monstro.

Juntos, podemos eliminar a VGAE!



## ADVOCACIA DOS PROFESSORES É A CHAVE PARA A CRIAÇÃO DE UM AMBIENTE DE APRENDIZADO SEGURO PARA TODOS

Tshwanelo Mmutlana

NAPTOSA (*Organização Profissional Nacional dos Professores da África do Sul*)

“Como é que a VGAE não foi presa, julgada, considerada culpada e condenada a cumprir pena pelo seu crime contra a humanidade?” Eu pergunto-me. “Como é que a VGAE pode reinar e atormentar a vida de tantos, em particular das crianças?” Ela torna as escolas inseguras para a aprendizagem e o ensino.

Eu não pedi para fazer parte da equipa de mudança da VGAE, no entanto, como funcionária leal do sindicato eu não tive escolha a não ser defender esta iniciativa da VGAE no nosso sindicato. Como membro da equipa de mudança, o meu papel era de coordenar as actividades do sindicato e escrever os relatórios. Mal sabia eu, que também ficaria pessoalmente tocada pela iniciativa.

A primeira actividade que fiz, foi organizar um encontro nacional “Ouvindo Nossas Histórias” para um grupo seleccionado de membros do sindicato, em especial jovens líderes. Muitos, inclusive eu, estavam curiosos em saber do que se tratava este “Ouvindo Nossas Histórias”. No final do encontro, percebi como era importante ouvir as histórias dos membros do sindicato, pois ficou claro que haviam muitas histórias de VGAE e que, em muitos casos, não havia nenhuma acção de apoio para as vítimas.

No encontro, não recebemos uma abordagem com roteiro, mas cabia-nos desenvolver um programa para tentar erradicar a VGAE. Percebi rapidamente que a abordagem “Ouvindo Nossas Histórias” era a melhor.



Primeiro temos que identificar um problema específico antes de tentar resolvê-lo. Sim, existem pesquisas sobre a questão, mas a experiência prova que as vítimas e os perpetradores devem ter uma plataforma para falar.

Ao viajar de uma província para outra ouvi muitas histórias de VGAE e todas as histórias eram importantes e igualmente dolorosas. Mas, houve uma história particular contada por uma jovem adolescente chamada Siba, de uma pequena aldeia designada Kamanyazane, na província de Mpumalanga, que jamais esquecerei.

Lembro-me de estar a ler o jornal, e deparei-me com um artigo alarmante sobre a elevada taxa de gravidez na adolescência em Mpumalanga. Num ano, cerca de 5.000 jovens adolescentes tinham-se tornado mães e o artigo indicava que os números tinham aumentado em 87% num só ano.

De imediato liguei para um colega em Mpumalanga para discutir esta informação. Fiquei muito perturbada com o artigo e perguntei-me até que ponto o ensino e a aprendizagem de qualidade seriam possíveis nessas condições. Até que ponto a VGAE era um factor contribuinte para a elevada taxa de gravidez na adolescência? Como seria o futuro para as mães adolescentes e para as crianças? Como assegurar o futuro da criança adolescente, se for permitido que isto continue? Eu apercebi-me imediatamente que cabia às comunidades afectadas mudar a narrativa.

O encontro “Ouvindo nossas histórias”, foi realizado no dia 16 de junho que é o dia da Juventude, comemorado anualmente, onde a Siba contou a sua história de VGAE. Enquanto ouvia a Siba contar a sua história, percebi que havia muito pouco para ela celebrar. Estava claro, pela corrente de lágrimas percorrendo as suas bochechas, que ela ainda estava de luto pela morte prematura de sua melhor amiga, Nandi.

Lembro-me vividamente de como a Siba respirava e suspirava fundo e permanecia em silêncio por um tempo, para se recompor antes de continuar a contar a sua história. O seu suspiro pesado foi seguido por um silêncio ensurdecedor. Na sala, estavam colegas adolescentes, pais, membros do Corpo Directivo da Escola, um funcionário do departamento de educação e professores. A Siba balançou a cabeça como se dissesse, eu mudei de ideia, não quero falar, não tenho força, vocês não se importam, que diferença fará a minha história.

Eu olhei para os seus olhos e o meu olhar assegurou-lhe que aquele era um espaço seguro e que ela poderia falar. Siba contou-nos como uma adolescente grávida, sua amiga Nandi, foi pontapeada e espancada até à morte na casa de banho da escola pelos amigos do seu namorado por se ter recusado a interromper a gravidez. Acredita-se que o alvo era o feto em gestação e penso que a Nandi foi apenas um dano colateral. A Nandi foi enterrada e a vida na escola continuou como habitualmente. Ou seja, a sua curta vida terminou na instituição que deveria dar-lhe um futuro e os seus colegas de escola foram responsáveis por tirar-lhe a vida. E, estes seguiam a sua vida tranquilamente e percorriam os corredores da escola livremente e sem vergonha. A falta de consequências apenas aterrorizou a Siba. A sua melhor amiga tinha desaparecido e ninguém se importava.

A Siba deixou de contar a sua história e chorou amargamente. Todos na sala estavam paralisados pela sua dor e pela história que acabavam de ouvir. Eu rapidamente corri para o lado de Siba e abracei-a. Eu pedi à comunidade para ir abraçá-la porque eu sabia que ela precisava mais do apoio deles do que do meu. Eu ia deixá-los, mas eles tinham que continuar e encontrar uma maneira de dar à sua amiga e ao seu filho por nascer a justiça que eles mereciam.

Havia uma crise grave naquela comunidade. Eu deixei Kamanyazane com a esperança de ter inspirado a comunidade para tomar uma posição contra a VGAE, para que fosse feita justiça para Nandi, e os corredores e as casas de banho das escolas fossem seguros para todos os alunos. Ficou claro que os alunos, professores, pais e o departamento da educação da comunidade Kamanyazane precisavam reunir-se de modo a encontrar soluções para os altos níveis de gravidez na adolescência e de violência nas escolas. A comunidade de Kamanyazane deveria encontrar espaços seguros de apoio social para que os jovens pais adolescentes possam obter ajuda quando enfrentam desafios.

A minha jornada como agente de mudança da VGAE continuou. Como equipa, usamos todas as oportunidades onde os professores reúnem-se para falarmos sobre a VGAE, e usamos a mídia impressa e o rádio para atingirmos os membros do sindicato e membros da comunidade. Isto porque os bons professores não estavam mais dispostos a suportar a degradação da nossa nobre profissão. A advocacia levada à cabo por professores restaura a dignidade da profissão de docente e cria um ambiente de aprendizagem seguro para todos os alunos.

A minha jornada como agente de mudança levou-me de volta à minha comunidade na Província do Noroeste, onde tinha passado a minha adolescência como bolsista. Depois da minha apresentação, alguns dos meus antigos professores que estavam na sala vieram cumprimentar-me. Imediatamente percebi que o destino me havia colocado cara à cara com professores que poderiam ser activistas na minha antiga escola para advogar contra a VGAE.

Ter visto os meus ex-professores provocou uma mistura de emoções sobre os meus dias na escola. Isto porque naquela época, na minha escola e comunidade, era normal que os professores tivessem relações sexuais com os alunos, tendo algumas dessas relações resultado em casamento. Quando jovem, eu nunca tive coragem de me posicionar contra algo que eu pensava ser fundamentalmente errado.

Quando estava no internato, ouvi muitas histórias de jovens cujo primeiro acto sexual foi com um professor. Os professores abusavam sexualmente das meninas, violando a confiança que os pais depositavam neles, e ninguém condenava as relações sexuais entre professores e alunos ou responsabilizava os perpetradores pelos seus crimes. Eu sabia que era errado, sentia-me insegura, e o meu respeito e a confiança pelos professores foi reduzindo, pois os perpetradores de VGAE estavam em posições de poder. Também pensava que se falasse sobre o assunto ninguém iria ouvir. A falta de acção dos que estavam no poder não só normalizou a VGAE, como sufocou a voz dos activistas e daqueles que acreditavam que a VGAE tinha de ser combatida.

Agora eu sabia que o silêncio não era mais uma opção e que eu tinha uma oportunidade de posicionar-me contra a VGAE.

No meu trabalho podia ver almas oprimidas que conheciam e partilhavam as minhas opiniões sobre a VGAE. Agora elas podiam juntar-se a mim para condenar a VGAE. Estas reuniões tornaram-se espaços onde nasceram agentes de mudança contra o flagelo da VGAE. A pena perpétua do silêncio foi finalmente abolida.

Os meus líderes sindicais juntaram-se à equipa para advogar contra a VGAE. Esperava-se que o pronunciamento dos líderes sindicais dissuadisse os professores perpetradores de continuarem a abusar dos alunos. Fiquei emocionada com o apoio que recebemos dos líderes do sindicato, pois tornaram-se porta-vozes da iniciativa da VGAE.

A iniciativa da VGAE devolveu a minha voz neste espaço de aprendizagem e permitiu-me e a outros professores rejeitar actos que procuravam desumanizar-nos. Espero que, ao continuar a advogar contra a VGAE, eu inspire muitos mais activistas para que encontrem as suas vozes. Eu acredito que quando as vozes dos activistas juntarem-se, o ciclo vicioso da VGAE será quebrado e as escolas ficarão livres da VGAE.



## OS DESAFIOS DE UM DIRECTOR JOVEM

Aubrey Makhubedu

*SADTU (União Nacional dos Professores da África do Sul)*

A minha participação no projecto sobre a Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE) ajudou-me a enfrentar os meus próprios desafios como director da escola.

Os directores das escolas também são vítimas de violência. E, quando sofrem violência, tornam as escolas disfuncionais e incapazes de garantir que o aprendizado e o ensino aconteçam num ambiente seguro. Emocionalmente feridos, os directores são incapazes de apoiar os professores, e estes que supostamente deveriam ser os pais para os alunos, são incapazes de o fazer porque eles próprios necessitam de ajuda.

Os directores das escolas precisam de apoio do Departamento de Educação, mas quando precisei, nunca tive apoio. Mais, deveria existir uma colaboração entre os Departamentos de Desenvolvimento Social, Polícia, Justiça e Educação, o que de momento não acontece. Os órgãos directivos das escolas não sabem como apoiar os alunos e os professores que se deparam com situações de risco de vida. A VGAE continua a aumentar nas nossas escolas e as vozes dos alunos e dos professores são marginalizadas.

O Departamento de Educação oferece um programa de bem-estar aos funcionários mas este não é acessível a todos os educadores que precisam dele, em qualquer parte do país. Os funcionários do Departamento de Educação não abrangem todas as escolas para oferecer apoio. Até que haja mais apoio, continuaremos a ter um elevado número de directores emocionalmente feridos, sob pressão e desvalorizados.

Quando fui nomeado director de escola, pensei que por ser jovem teria motivação para trabalhar duro na escola secundária de Mahlareng, uma escola com 800 alunos. Infelizmente, não foi o que aconteceu. Exerço a função de director há seis anos na instituição, mas o abuso emocional, a agressão e vitimização estão na ordem do dia, o que resultou em traumas emocionais, doenças psicológicas e falta de auto-estima.

A título de exemplo, dois anos depois de ter sido nomeado director, um professor veio ao meu escritório para dialogar sobre o seu absentismo. Durante a conversa exaltamo-nos e o professor agrediu-me em frente a outros dois professores.

O assunto foi reportado às autoridades e o professor foi multado em R10.000, depois de um dos professores ter testemunhado. O segundo professor recusou-se a depor.

Para minha surpresa, todos os outros professores contribuíram com doações para ajudar o professor a pagar a sua multa de R10.000. Eu fiquei sozinho, assustado, sem aconselhamento e tive que voltar para a escola para trabalhar com o mesmo professor.

Três meses depois, chamei outro professor ao meu escritório para falar sobre o seu absentismo. Ele também agrediu-me. Eu reportei ao Departamento e o professor foi aconselhado, pelo seu sindicato, a demitir-se antes que o assunto fosse transferido para a Unidade de Gestão de Disputas.

De novo, fiquei sozinho, sem apoio e sem aconselhamento.

Eu não tinha com quem falar, não tinha para onde ir e ninguém queria ouvir os meus desafios. Não confiava em ninguém na instituição, no departamento e até mesmo na minha própria família.

Pensei que este fosse o fim do abuso emocional, mas quatro meses depois o meu escritório foi incendiado. Nenhum professor pronunciou-se quando os investigadores entrevistaram os funcionários. Estava emocional e fisicamente esgotado.

Enquanto eu tentava recompor-me, uma estudante veio ao meu escritório para denunciar o seu professor de ciências por beijá-la no laboratório de ciências. De acordo com as políticas do Departamento, isto constitui uma má conduta grave. Para minha surpresa, embora o director adjunto tenha relatado este assunto ao Departamento, a avó da jovem e o professor fizeram um acordo em que o professor pagou a avó. A rapariga não recebeu nenhum apoio ou aconselhamento

e o professor voltou à escola para continuar o seu trabalho como se nada tivesse acontecido. Este incidente contribuiu para o aumento da minha desconfiança com relação aos meus colegas.

Depois de todas estas experiências, senti que não havia ninguém que me ouvisse e senti a minha alma quebrar-se. Decidi então falar com a minha família, e a minha irmã, que é médica, fez os arranjos necessários para que eu fosse internado num hospital psiquiátrico por três meses. Durante o tempo que lá estive tive sessões com psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais que ajudaram-me a desenvolver a minha capacidade para sobreviver em qualquer ambiente de trabalho.

Percebi que devemos ser capazes de partilhar os nossos desafios com outras pessoas que enfrentam situações semelhantes, pois ajuda-nos a superar os medos que temos. Cursos curtos podem ajudar-nos a lidar com as questões equipando-nos com habilidades para estabelecer limites, sermos assertivos, trabalharmos a auto-confiança, a auto-estima e auto-aceitação, e a compreendermos as nossas fraquezas. Mais, ajudam-nos a identificar os diferentes estilos de gestão, a desenvolvermos um estilo de vida alimentar saudável, a fazermos exercício, a separarmos os pensamentos negativos dos positivos e a deixarmos o passado para trás de modo a podermos avançar.

Informar a família sobre como se sente numa determinada situação ajuda, particularmente porque muitas vezes a jornada é dolorosa, mas no final do túnel haverá uma luz.

Que as dolorosas vozes dos directores mais jovens sejam OUVIDAS por todos. Vamos intervir para acabar com o VGAE NAS NOSSAS ESCOLAS.



## RESOLVENDO CASOS DE VGAE

Leah Samakayi Kasaji

*ZNUT (União Nacional de Professores da Zâmbia)*

Numa manhã de segunda-feira, em março de 2017, eu, Juliet e Sombo, estávamos muito ocupadas na sala de reuniões do Sindicato Nacional dos Professores da Zâmbia (ZNUT) a embalar camisas para as celebrações do Dia Internacional da Mulher. Nós tínhamos que garantir que as mesmas chegassem às 10 províncias no dia seguinte, a tempo de serem usadas no Dia Internacional da Mulher.

Quando terminamos, chamei Ndundi, o ajudante do escritório, para que levasse todos os pacotes para a terminal de autocarros interurbanos de Lusaka para enviá-las às respectivas províncias. Nessa altura, recebi um telefonema do Secretário Geral do ZNUT solicitando a minha atenção urgente, o que preocupou-me e assustou-me ao mesmo tempo. Rapidamente corri para o escritório do Secretário Geral que me viu entrar em estado de pânico. As minhas colegas Juliet e Sombo seguiram-me até ao Gabinete do Secretário Geral. O Secretário Geral então disse: “Por que vocês estão em pânico? E eu respondi: “O que é que está errado, Chefe?” Ele disse-nos que tinha recebido um telefonema do Herbert, que é um dos membros da equipa nacional de mudança que reside na parte sul da Zâmbia. Isto assustou-me ainda mais. O que me veio à cabeça foi que ele tinha sofrido um acidente de viação pois normalmente viaja para os programas de VGAE dentro daquela província. Sombo então gritou “qual é o problema?”. Juliet disse: “Está tudo bem?”

Ele respondeu: “Eu só queria informar à Leah, a líder da equipa de mudança, que recebi um telefonema de um dos membros da equipa de mudança sobre um caso de VGAE na escola Katondu. A escola está ao lado da escola que o



Herbert lecciona, e envolve uma menina. Então por curiosidade eu perguntei, “ela foi morta, estuprada pelo professor? O que aconteceu?” Antes da resposta do Secretário Geral, Juliet ligou para Herbert.

Quando falamos com Herbert, ele explicou-nos que o caso envolvia uma rapariga da 5ª classe chamada Jane, muito inteligente, nunca faltou às aulas e estava no topo da classe. Disse ainda que haviam outros casos de VGAE que afectavam alunos e professores e que ele tinha capacidade para lidar com eles. No entanto, o caso de Jane parecia um pouco complicado e a escola tinha relatado vários casos da mesma natureza de modo que ele precisava do apoio da equipa de mudança para intervir e trabalhar com ele. Após a explicação de Herbert, convoquei uma rápida reunião com os meus companheiros da equipa de mudança para que pudéssemos chegar a um acordo sobre como avançarmos para a Escola de Katondu para trabalhar com o nosso colega.

Após concertarmos as nossas ideias, fomos ao escritório do Secretário Geral para obter permissão para viajar. Pedi autorização para viajar com o Auster, que era um dos membros da equipa de mudança e chefe do Departamento de Educação dos Trabalhadores. Ele tinha uma rubrica orçamental para a Educação e Formação, enquanto que o meu departamento de Género tinha uma rubrica orçamental para actividades relacionadas com o género. O meu principal objectivo era de ir realizar reuniões com os alunos, professores e membros do Comité de Pais e Professores daquela escola de modo a torná-la uma escola piloto. Assim, poderíamos desenhar estratégias de como combater e deter a VGAE na província. Foi-nos concedida a permissão para viajar e, Auster e eu, seguimos a viagem.

Na manhã de terça-feira de Março de 2017, Auster e eu chegámos à escola primária de Katondu. Enquanto cumprimentávamos o director adjunto da Escola, Sr. Chintu, e o pedíamos que nos dirigisse ao gabinete do director, apareceu Jane que parecia muito solitária e infeliz. Mas, quando ela ouviu a voz e viu Herbert, veio a correr de tal maneira que Auster e eu pensamos que ela fosse filha do director adjunto, do Herbert ou fosse parente de um deles. No entanto, quando ela aproximou-se, percebemos que a menina estava a tremer e tinha lágrimas nos olhos. Antes que a pudéssemos perguntar qualquer coisa, Jane gritou: “Senhor, eles fizeram isso de novo, castigue-os, castigue-os.” Olhei para o director adjunto, e depois para Jane, e ela continuava a gritar e a tremer, “castigue-os, castigue-os.” Isto chamou a atenção dos outros alunos que estavam a ir para suas salas de aulas. Eles pareciam preocupados, mas não disseram nada e continuaram a caminhar conversando entre si em voz baixa.

Nesta altura, o Sr. Chuntu, Herbert, Auster, Jane e eu, fomos ao gabinete do director, e Herbert pediu à rapariga para narrar a história sobre o que tinha acontecido. O director não parecia estar muito preocupado com o que estava a acontecer, particularmente considerando que a situação envolvia uma rapariga pequena na 5ª classe. Contudo, a nossa presença fez com que ele se sentasse, ouvisse-nos e à menina. Ela informou-nos que tais casos são normalmente tratados pelo gabinete do Professor Sénior, e não pelo director adjunto porque envolviam os jovens. Agradei-lhe por nos ter concedido o seu tempo com vista à discutirmos assuntos que afectavam os alunos, os professores e o seu gabinete como director da escola para garantir um bom ambiente de aprendizagem e ensino livre e seguro.

A Jane contou que quando foi à casa de banho da escola, ela ouviu as vozes de dois meninos da 6º classe rindo e dizendo “nós vimos tudo, nós vimos tudo.” Ela levantou-se, vestiu-se e saiu da casa de banho. Enquanto isso, os rapazes já a tinham visto nua e a seguiram, gritando e provocando-a. Com lágrimas nos olhos, Jane foi reportar à professora que também não mostrou nenhuma preocupação. A professora disse-lhe que era normal e que os rapazes eram assim em todo o lado. Enquanto Jane contava a sua história, os seus olhos encheram-se de lágrimas.

Foi uma situação comovente até mesmo para o director que, no início, não tinha dado muita importância à situação. Houve um momento de silêncio e eu imaginei como me sentiria se acontecesse à minha filha ou a mim mesma, estando na casa de banho e um menino ou um homem viesse para ver a minha nudez. Tenho a certeza que tais pensamentos correram pela mente de todos presentes.

A escola era rural e só tinha uma casa de banho de relva velha para as raparigas do 1º ao 7º ano e outra semelhante para rapazes dos respectivos anos. Os sanitários de palha eram muito velhos e a relva nas portas tinha sido consumida pelas térmitas de modo que se alguém estivesse lá dentro e outra pessoa estivesse por fora, mas perto o suficiente para espreitar, ela conseguiria ver quem estava lá dentro.

Auster, Herbert e eu pedimos para termos reuniões com os alunos, professores, e com os pais. O director da escola organizou as reuniões e estivemos na Escola Primária de Katundu durante três dias consecutivos. Durante esse período, alunos e alunas, a escola inteira e a comunidade em que vivem, foram sensibilizados sobre as formas de VGAE, os efeitos negativos da VGAE sobre as vítimas e a necessidade de acabar com ela.

Os alunos gostaram da reunião e muitas meninas confirmaram que era um hábito comum dos meninos daquela escola espreitarem as casas de banho das meninas. Muitas das meninas mais velhas faltavam às aulas quando estavam menstruadas porque não podiam usar as casas de banho para trocar os seus pensos higiénicos. Isto porque ir à casa de banho significava expor a sua nudez aos meninos. As meninas também mencionaram que este assunto não era levado a sério quando denunciavam aos professores mas somente quando Herbert tinha conhecimento. A reunião mudou a disposição e a atitude dos alunos e de alguns professores que estavam presentes para que assistissem e ouvissem os seus alunos.

Depois da reunião, tivemos um encontro com os funcionários da escola que estavam ansiosos por perceber a questão da VGAE, da qual todos os alunos estavam a falar. Durante a reunião, observei desconforto por parte de alguns professores, olhando para baixo como se fossem culpados. Outros acenando a cabeça e outros olhando directamente nos meus olhos como se quisessem fazer uma pergunta. No final do dia, a equipa de mudança alcançou o seu objectivo porque conseguiu sensibilizar os alunos, os professores e a administração da escola.

Eu aconselhei a administração da escola a organizar uma reunião para o Comité de Pais e Professores, e para os membros da comunidade. Em seguida, o director da escola enviou avisos da reunião para os pais através dos alunos e disse-lhes que cada um deveria vir à escola com os seus pais no dia seguinte. Às 6:00 da manhã, eu estava na escola e fiquei entusiasmada por ver quase todas as crianças a entrar com os pais. Às 07:30 da manhã começou o nosso encontro com os pais. Nós informamos aos pais que éramos do Sindicato Nacional dos Professores da Zâmbia (ZNUT) e que, como sindicato, o nosso dever é de acabar com a violência de género no âmbito escolar, para garantir que as escolas se tornem lugares seguros para aprender e ensinar. Expliquei o que é a VGAE, as formas que pode assumir e contamos-lhes a história de Jane. Os pais ficaram chocados e um dos pais, que era um homem de negócios, voluntariou-se para construir uma casa de banho para as meninas. Depois das discussões, foi tomada a resolução de que a comunidade assumiria a responsabilidade de construir casas de banho para a escola, e todos comprometeram-se a trabalhar para acabar com a VGAE na escola. Foi uma missão de sucesso.

Dois meses depois, viajei para a província do sul para um programa diferente, mas decidi passar pela escola de Katondu para confirmar a boa notícia que recebi do Herbert, e também as promessas que ouvi dos professores e dos pais. Encontrei

cinco casas de banho modernas (três para meninas e duas para meninos), com sanitários construídos com blocos e chapas de ferro, com portas de madeira e um bom piso. As casas de banho foram construídas a partir do trabalho voluntário da comunidade, liderado pelo Comité de Pais e Professores da Escola, e trouxeram dignidade para os alunos, especialmente para as meninas. Este é um exemplo de que os casos VGAE podem ser reduzidos, se não erradicados, quando são adoptadas medidas concretas.

LIDE COM QUALQUER FORMA DE VGAE AGORA! TORNE A ESCOLA UM LUGAR SEGURO PARA APRENDER E ENSINAR.



## ONDE ESTÁ O CHEFE DA TURMA?

Joe Kasaka

*ZNUT (União Nacional dos Professores da Zâmbia)*

Depois dos meus colegas da sede do ZNUT e eu termos ido às escolas em Kitwe para sensibilizar os professores sobre os males da Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE), um incidente desagradável aconteceu numa das escolas, envolvendo quatro alunos.

O Peter era um menino de sete anos, calmo, bonito, inteligente e muito esperto. Ele estava na primeira classe, amado e admirado por muitos dos seus amigos, colegas de classe e professores. O Peter era chefe da turma. Sempre pontual, bem vestido com o uniforme cinzento da escola, sempre limpo em comparação às crianças da sua idade, que sempre sujavam os uniformes. Seu uniforme parecia importado de uma empresa internacional de confecção de uniformes, quando na verdade foi costurado por sua mãe que reside no complexo de Kwacha, na cidade de Kitwe, na Zâmbia.

O Peter era oriundo de uma família de renda média, em que os seus pais não ganhavam o suficiente para pagar as contas. A mãe vendia tomate em frente à casa de dois quartos que arrendavam a um professor aposentado, enquanto o pai era um mineiro subterrâneo que trabalhava longas horas cavando cobre numa mina pertencente a uma empresa sul-africana. A empresa não lhe pagava bem, apesar das longas horas de trabalho duro. O pai não podia deixar o emprego, pois não tinha alternativas, dada a sua baixa qualificação por ter abandonado a escola sem terminar a 12ª classe.

Na segunda-feira, 6 de maio de 2019, na reabertura do segundo período escolar, o Director apresentou vários assuntos dentre os quais a necessidade de os estudantes comportarem-se bem na escola, evitarem confronto entre si e respeitar os seus professores. Este posicionamento resultou das várias reuniões de sensibilização que conduzimos na escola na sequência das discussões das questões sobre Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE).

Após a entrada das crianças na sala de aula, o professor do Peter entrou rapidamente na sala de aula e nomeou-o para chefe da turma. O Peter deveria anotar o nome dos alunos barulhentos enquanto ele se ausentava para resolver um problema com um dos pais que tinha vindo à escola. Após a saída do professor, dois rapazes e uma rapariga começaram a brincar na sala de aula e fizeram um barulho tão forte, que o professor encurtou a discussão com os pais e correu para a sala de aula. O professor perguntou ao Peter quem estava a fazer barulho e este indicou o trio responsável. O professor pediu aos três culpados para que não saíssem da escola no final daquele dia, pois estavam de castigo. E, de acordo com as regras da escola, quem estivesse de castigo, deveria varrer as salas de aulas depois das mesmas terminarem.

Depois das aulas terminarem, o trio varreu a sala muito rapidamente e depois saiu a correr para encontrar o Peter com vista à confrontá-lo sobre a razão pela qual ele os havia denunciado. Em face do questionamento, o Peter permaneceu em silêncio e, como resultado, os colegas agitados começaram a agredi-lo. Ele foi dominado pelos três colegas de turma e espancado como um rato. Quando os três viram que o Peter estava impotente e não reagia, eles terminaram a luta e fugiram para as suas casas, deixando Peter deitado no chão.

Nessa altura, a notícia espalhou-se até ao recinto escolar e os membros da comunidade próxima correram para o local onde encontraram o Peter deitado no chão com dificuldades em respirar. Um dos vizinhos levou o menino para a sua residência.

O pai do Peter já estava a trabalhar no subsolo da mina e a mãe estava em casa, ocupada a preparar a comida, antecipando a breve chegada do Peter depois da escola. A mãe do Peter gostava de ouvir música zambiana em som alto, particularmente da banda Masasu por retratar os estilos de vida de muitos povos zambianos, enquanto fazia as tarefas domésticas. Ela também dançava e cantava enquanto a comida cozinha no fogão à carvão atrás da sua casa. Às vezes ela esquecia que estava a cozinhar e a comida ficava empapada.

De repente, ela ouviu uma forte batida na porta e foi abrir a porta animada. Assim que o fez, o seu humor mudou e ela quase desmaiou quando viu o estado do filho. De imediato, chamou um taxi para levá-lo ao hospital. O taxista conduziu como se de uma ambulância se tratasse, a percorrer o trânsito pesado de Kitwe, com pressa de chegar ao hospital. Ele levou 15 minutos a chegar ao hospital, o que normalmente faria em 30 minutos.

A comunidade onde a família do Peter residia começou a inquirir sobre as crianças que o agrediram e uma vez identificadas, os seus pais foram solicitados a contribuir para os custos médicos do Peter.

No hospital, o Peter foi imediatamente levado para a sala de emergências, onde o médico começou a cuidar dele e, devido à gravidade do seu quadro, foi colocado em máquinas de oxigénio. Horas depois, os médicos asseguraram à mãe que ele estava a responder à medicação e que ficaria bem, tendo a mãe dado um suspiro de alívio.

Enquanto isso, o pai do Peter tinha acabado de sair da mina e recebeu a notícia sobre a admissão do seu filho ao hospital, por causa da suposta agressão por parte dos seus colegas de turma. Ele rapidamente chamou um taxi, foi ao hospital onde encontrou o Peter recuperando, com uma máscara de oxigênio sobre o rosto. Ele sentiu-se extremamente exausto e entristecido, mas os médicos garantiram-lhe que tudo ficaria bem e que não havia necessidade de se preocupar.

Dois dias depois, o estado do Peter melhorou muito e o pai estava feliz pelo filho em breve poder ter alta do hospital e continuar com as aulas. Os membros da comunidade e os professores ficaram felizes com a notícia e a maioria das pessoas cantava e louvava a Deus pela recuperação do Peter, esperando com grande alegria que ele voltasse às aulas. Esta foi uma boa notícia.

Como resultado deste incidente, os professores falaram com os alunos sobre os males da VGAE, e advertiram-nos que lutar na escola não era uma coisa boa. O Comité de VGAE da escola também sensibilizou os professores sobre o facto da VGAE consistir num crime e que todos os professores deveriam evitá-lo a todo o custo. Eles enfatizaram ainda que o espancamento do Peter pelos colegas de turma deveria servir de exemplo para que tais actos criminosos não fossem cometidos.

No quinto dia de internamento do Peter, os médicos observaram o paciente e disseram que não havia razão para o manter internado porque havia recuperado bem. Então, ele teve alta naquela manhã e foi para casa com a mãe.

Contudo, naquela mesma noite, a condição do Peter piorou. Os seus pais leváram-no de volta ao hospital e por volta das 03:14, no início da manhã do sexto dia da doença, o Peter morreu. Por volta das 9:00, o corpo foi levado para o médico legista e depois para a morgue. O relatório da autópsia declarou que o Peter morreu de hemorragia interna como resultado da severa agressão sofrida pelos seus colegas de turma.

Após a morte do Peter, a polícia entrou em acção para prender os perpetradores deste hediondo homicídio. No início, a polícia pensou que os membros da comunidade mentiam sobre o facto de o Peter ter sido morto por três crianças com menos de dez anos de idade. Após investigações minuciosas, a polícia descobriu que na verdade foram os menores de dez anos que conspiraram para matar o seu colega de turma por ele ter sido nomeado chefe de turma e os ter denunciado ao professor por terem feito barulho na sala de aula.

O trio não podia ser responsabilizado criminalmente, pois a lei Zambiana não criminaliza menores de dez anos e, por isso, a escola e a comunidade também não podiam fazer nada aos menores.

Alguns dias depois da morte do Peter, os meus colegas e eu visitamos a escola para conversar com os professores sobre os efeitos da violência de género no âmbito escolar (VGAE). Foi nesse momento que percebi o quanto os nossos professores ficaram traumatizados após a morte do Peter e como, a partir dessa experiência, comprometeram-se a lutar contra a Violência de Género no Âmbito Escolar.

A lição é que precisamos nos unir como escola, como comunidade e como país e combater a Violência de Género no Âmbito Escolar sempre que ela se manifestar pois ela tem o potencial de acabar com a vida, como no caso do Peter. A VGAE não tem limite de idade e pode ser perpetrada por qualquer pessoa em qualquer idade. Vamos manter os olhos abertos para evitar a Violência de Género no Âmbito Escolar.





## ENSINAR É UM ACTO DE AMOR

Mpule Dorcas Sekabate

*SADTU (Sindicato Democrático dos Professores Sul Africano)*

Na escola, fomos convidados a pensar nas profissões que gostaríamos de seguir depois de graduarmos. Na altura estudava matemática e ciências e queria ser engenheira química e, caso não conseguisse, seria dentista. Ensinar foi a última opção, quando tudo o resto falhou. Acho que o universo tinha outros planos para mim. Na minha formação como professora, nunca pensei que o acto de ensinar requeresse apenas interagir com os alunos na sala de aula. Isto porque, se um professor vai influenciar mudanças significativas na vida de uma criança, deve relacionar-se com os alunos fora da sala de aula. Exige que o professor ou a professora compreenda os alunos e o ambiente de onde eles vêm.

Eu comecei a ensinar aos 21 anos de idade. O ânimo, e ao mesmo tempo a ansiedade, eram avassaladores pois questionava-me se seria uma boa professora. Ao longo dos meus anos de formação, disse a mim mesma que não seria aquela professora com quem os alunos têm medo de falar, mesmo quando têm problemas ou desafios com a disciplina que lecciono. Quando conheci a minha turma pela primeira vez, dei-lhes regras de comportamento. Dentre várias, esperava respeito uns pelos outros, dedicação ao trabalho escolar, apoio uns dos outros e, mais importante, disciplina em todos os momentos. Eu garanti-lhes que não era somente a sua professora, mas também era irmã, mãe e, o mais importante, a sua melhor amiga.

Eu dedicava tempo para entender cada um dos meus alunos, monitorando o comportamento e o seu desempenho nas diferentes disciplinas. Eu era a professora de matemática, mas era importante para mim que eles tivessem um bom desempenho em todas as disciplinas.

Na escola onde sou Directora Adjunta, havia uma menina na minha turma que era muito hiperactiva e boa na escola. Vou chamá-la de Lee. Nunca vi Lee usando uma saia e nunca a vi na companhia de outras meninas, excepto quando ela estava com a sua melhor amiga. Eu tinha algo em comum com a Lee, que é o amor pelo futebol. Ela era a melhor jogadora de futebol e passava os fins-de-semana a jogar futebol no bairro.

A única coisa negativa sobre Lee, era que ela fazia coisas maliciosas com os rapazes, como fumar, o que irritava alguns dos meus colegas que faziam comentários desagradáveis sobre ela questionando se era ela menina ou menino. Eu não gostava dos comentários que os meus colegas faziam sobre Lee pois não faziam os mesmos comentários sobre os rapazes que também se comportavam mal. Para mim, aquele comportamento era esperado de qualquer criança, mas aos olhos dos meus colegas, o pecado de Lee era que ela não se comportava como uma rapariga típica e nem como a sociedade espera que as raparigas se comportem. Ela preferia fazer jardinagem à varrer a sala de aula, e vestir calças em vez de saias.

A nossa escola tem uma política que de Janeiro à Maio as meninas só podem usar saias, e não calças. O Comité de Uniformes sempre garantiu que a regra fosse respeitada, ficando no portão para monitorar o uso do uniforme escolar adequado. Meninas com saias azuis e camisas amarelas e meninos com calças azuis e camisas amarelas. Aqueles que não usassem o uniforme apropriado não entravam no pátio da escola. O Comité também ia de classe em classe para verificar os alunos que chegavam mais cedo à escola para ter aulas suplementares.

Quando o Comité entrava na sala de aula da Lee, reclamava dela. Ela tentou o seu melhor para defender o seu caso, mas o Comité não quis ouvi-la. A professora da Lee veio ao meu gabinete para defender o caso dela e disse que ela estava a chorar histericamente porque não tinha uma saia em casa, o que significava que poderia ter que desistir das aulas. A professora pediu-me para intervir.

Pedi-lhe que mandasse a Lee ao meu gabinete. Quando ela chegou, pedi-lhe que fosse para casa e pedisse à mãe para escrever uma carta explicando que ela não tinha saia e que nunca usou saia desde que começou a frequentar a escola. Lee correu rapidamente para casa e voltou com a carta assinada pela sua mãe. Eu disse-lhe para voltar para a sala de aula e se alguém lhe perguntasse sobre o seu uniforme, ela deveria encaminhar para mim. O próximo obstáculo foi comunicar a minha decisão ao Director da escola pois conhecia a opinião dele

sobre os alunos que se apresentavam como a Lee. Eu sabia que se eu o tivesse envolvido antes de tomar uma decisão, não teríamos concordado com a minha maneira de lidar com o assunto. Fui ao seu gabinete e disse: "Senhor, sei que não vamos concordar mas eu já tomei uma decisão. Mas, antes de dizer-lhe o que eu fiz, gostaria de pedir-lhe um favor. Tem uma rapariga da 10ª classe que usa calças e os outros alunos estão a reclamar. Por favor, vá até a sala de aulas e apenas observe".

Ele acedeu ao meu pedido e foi para a sala. Depois de um tempo, ele voltou e deu-me o retorno. Ele disse que quando chegou à sala, pediu ao chefe da turma que lhe dissesse o número total de alunos da turma. Havia 44 estudantes sendo 28 meninas e 16 meninos. Naquele dia em particular, todos eles estavam presentes. Depois, pediu a todos que fossem para frente da sala de aula e instruiu todas as meninas a sentar-se. Quando ele contou, eram 27 e não 28. Ele mudou a sua estratégia e pediu aos meninos para sentar-se e às meninas para se levantarem. Quando ele contou os alunos que estavam sentados, eles eram 17 em vez de 16. Ele olhou para todos os alunos que estavam sentados e tudo o que ele podia ver eram rapazes. Ele então perguntou à classe quem era a pessoa extra sentada com os meninos. Eles disseram-lhe que era a Lee. O Director deixou a turma sem dizer nada.

Após a explicação do que havia acontecido, o Director perguntou-me se eu tinha a certeza de que Lee era uma menina e eu assegurei-lhe que sim. Eu contei-lhe o que tinha feito antes e que o meu objectivo era de proteger esta jovem rapariga. Eu disse-lhe que se a obrigássemos a usar uma saia, ela desistiria da escola e que era nossa responsabilidade garantir que ela terminasse a escola. Felizmente, ele concordou e pusemos uma nota no seu processo.

Num fim-de-semana recebemos equipas desportivas de uma escola visitante. Um dos desportos era o futebol feminino, obviamente a Lee ia jogar. Quando chegou a hora, por ela ser muito boa, as nossas adversárias tiveram dificuldades, pois não conseguiam contê-la quando ela tinha a bola. Isto resultou nalguns golos para a nossa equipa. Do lado do campo onde eu estava sentada, algumas das jogadoras da equipa visitante murmuravam e reclamavam que a nossa escola as fazia jogar contra um rapaz. Eu tentei convencer-lhes que a Lee era uma menina, mas pude ver pela sua linguagem corporal que elas não acreditaram em mim.

Nós ganhámos o jogo graças à Lee. Como Directora, estava ansiosa por felicitar a nossa equipa mas não tive a oportunidade pois o campo estava um caos. Mais

tarde, disseram-me que as jogadoras da equipa visitantes perseguiram a Lee. Elas queriam que a Lee provasse que era uma rapariga e para tal pretendiam despí-la para conferir as suas partes íntimas. Graças a Deus, a Lee também era uma velocista pelo que não a conseguiram apanhar, caso contrário, ela teria sido despida em público. Essa teria sido a pior forma de VGAE e o pior foi que, como educadores, não fizemos nada para proteger a Lee dessa humilhação. Nenhum de nós preocupou-se em parar a loucura e, em vez disso, rimo-nos da situação.

O incidente lembrou-me uma situação similar numa escola vizinha. Num sábado estava num campo de futebol a ver um jogo. Uma rapariga, com cerca de 14 ou 15 anos de idade, veio sentar-se ao meu lado. Ela era estudante noutra escola, e eu já a tinha visto mas nunca tinha falado com ela antes. Acabamos falando sobre futebol e a perguntei sobre as suas aulas. Ela chamava-se Brenda e contou-me que gostava de correr com os rapazes e de importunar os professores, ao que respondi que não era bom comportar-se mal. Ela referiu que um dia o Director e o Director Adjunto chamaram-lhe para o escritório. Ela pensou que ia ser repreendida pelo seu mau comportamento e ficou surpresa quando a mandaram despir porque queriam ter a certeza que ela era menina. Eu fiquei chocada ao ouvir esta história. Como podem os adultos submeter uma criança a uma humilhação tão grande?

Com o passar do tempo, percebi que o desempenho da Lee nalgumas disciplinas estava a baixar. Ela tornou-se mais reservada, faltava às aulas e não era a rapariga vibrante que eu conhecia. Eu tentei falar com ela sobre as mudanças no seu comportamento e ela não me deu uma resposta convincente, mas prometeu que iria mudar. No entanto, o seu comportamento não mudou, em vez disso, piorou. Quando a Lee não veio à escola durante uma semana inteira, perguntei à amiga o que tinha acontecido e a amiga disse-me que ela estava em casa e que não voltaria à escola.

Eu fui à casa da Lee, encontrei-a em casa com a mãe. Expliquei a razão da minha visita e a mãe disse-me que tinha pedido à Lee para voltar para a escola, mas ela recusou. Disse ainda que a Lee tinha mudado e que se tinha tornado mal-humorada. Quando terminei a conversa com a mãe, pedi à Lee para acompanhar-me até ao carro. Eu queria criar um espaço seguro para ela e esperava que ela fosse capaz de abrir-se e falar livremente. Com lágrimas nos olhos, ela perguntou-me por que ela tinha que sofrer assim. Por que tanto ódio? Eu a olhava indefesa, sem palavras para consolá-la. Ela chorava descontroladamente e disse-me que os seus amigos a violaram. Eles fizeram isto para mostrar-lhe que ela não era um rapaz.

A violação tinha realmente afectado a sua auto-estima. Ela sentiu que todos na escola iriam rir-se dela. Ela disse-me que não via nenhuma razão para estar viva se era a isso que ela tinha de estar sujeita. Era tão insuportável ver a dor nos seus olhos. Eu garanti-lhe o meu apoio e a minha protecção. Eu percebi que tínhamos falhado em proteger esta pobre alma e fiz o meu melhor para encorajá-la a não desistir da sua educação. Não conseguia suportar a ideia de uma mente tão brilhante fosse ser desperdiçada por causa dos preconceitos das pessoas. Eu fiquei grata por ela ter confiado em mim e estava determinada a salvá-la. Mas eu sabia que a tarefa não seria fácil, pois precisava que os meus colegas pusessem as suas mentes estereotipadas de lado e vissem essa pobre rapariga como uma criança que precisa de orientação e carinho. As vezes trazemos os nossos medos e preconceitos para as escolas e, no processo, destruímos o potencial dos nossos alunos.

Em setembro de 2009, fui eleita para o Escritório Nacional do Sindicato e a minha presença na escola tornou-se mínima. Isto significou menor contato com a Lee. Em 2010, quando visitei a escola, informaram-me que ela estava a repetir uma disciplina mas que estava a ir bem nos seus estudos. Disseram-me ainda que ela não vinha à escola regularmente e havia suspeita de que estava a consumir drogas. Mais tarde, o seu vício levou-a a desistir da escola. A dor que senti ao ouvir esta notícia foi insuportável. A falta de apoio da nossa parte, transformou a Lee numa estatística. Quem sabe no que ela poderia ter-se tornado se a escola fosse um espaço seguro para ela. Talvez ela se tivesse tornado uma jogadora profissional na equipa nacional. Talvez ela se tivesse tornado uma pessoa importante.

O meu trabalho sobre a VGAE e as questões de género em geral fez-me perceber que temos prejudicado muitos alunos e muitos deles abandonam a escola por essa razão. O assédio a que estão sujeitos é tão intenso que alguns não conseguem suportar.

Existe uma grande necessidade de sensibilizar os educadores e a sociedade sobre as questões de sexualidade e género, pois algumas das nossas acções são fruto da ignorância. A cultura e a religião não podem ser usadas para discriminar e excluir os outros. Seres humanos são seres humanos, independentemente da sua raça, sexo, nacionalidade ou sexualidade. Temos de aprender a coexistir. As escolas são instituições de aprendizagem e, portanto, devem ser usadas para informar, educar e criar talentos. A religião ensina o amor e ela não pode ser usada para odiar.

Estou feliz pelo facto de o meu sindicato ter assinado um acordo colectivo para proteger as crianças durante as audiências sobre abuso sexual. Dantes, esperava-se que os alunos depusessem ou fossem testemunhas em três ocasiões diferentes. Como resultado, as vítimas eram sujeitas a traumas secundários e muitas vezes acabavam por não comparecer à audiência. Consequentemente, perpetradores saíam impunes pela inexistência de provas que poderiam ser fornecidas pelas testemunhas.

Alunas como a Lee nunca deveriam ter que desistir da escola por causa do ódio e da discriminação. Ensinar é uma acto de amor e esse amor deve ser dado a todas as crianças. Os educadores devem tratar todos os alunos como se fossem seus próprios filhos.



## INCIDENTES DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS - A RESPOSTA DE UM SINDICATO

Khanyisile Mdziniso

*SADTU (Sindicato Democrático dos Professores da África do Sul)*

A partir de 2016, verificou-se um aumento do flagelo global da violência de género (VG) em muitas sociedades, e as comunidades escolares não são excepção. Todos os canais de notícias: TV nacional, rádio local, jornais e medias sociais têm reportado incidências da VG. Quando a mesma ocorre nas escolas, é designada de Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE).

Eu comecei a trabalhar nestas questões depois de participar no encontro “Ouvindo Nossas Histórias” em Joanesburgo, África do Sul, sobre o tema da VGAE, organizado pela Gender at Work. Participaram no encontro líderes sindicais provinciais de género e da educação, um professor de cada província, três funcionários sindicais do nosso departamento de pesquisa, incluindo eu própria, na qualidade de observadores. A facilitadora explicou que a reunião consistia numa oportunidade para o sindicato ouvir as suas próprias histórias de VGAE. No início, os participantes olharam para ela com uma expressão de surpresa, como se não fizessem ideia do que ela estava a falar. Depois, um de cada vez, começou a relembrar das histórias.

Após termos partilhado as histórias, reflectimos sobre as diferentes atrocidades que foram partilhadas. Ficámos completamente chocados pela variedade de violência cometida por diferentes membros da comunidade e pelo facto de a cometerem de forma impune uma vez que ninguém diz nada. Por exemplo, os Directores das escolas sofrem violência por parte dos alunos; as professoras por parte dos rapazes adolescentes da escola; as raparigas jovens por parte

dos professores; e, por vezes, os alunos são violados por professoras. A reunião também fez uma reflexão sobre o impacto que a VGAE tem no ambiente de ensino e aprendizagem.

Cada delegação provincial foi convidada a identificar as escolas piloto afectadas pela VGAE nas quais poderiam implementar programas de mudança. Eles tinham que descrever os tipos de problemas que ouviram falar na escola e as razões pelas quais gostariam que a referida escola fosse piloto. O papel da equipa de pesquisa era de ouvir as discussões e apresentar as questões de pesquisa para orientar a implementação da mesma.

Eu tive particular interesse na elaboração do questionário da pesquisa e na formulação das perguntas. A questão que tinha em mente era sobre como tudo começa. Com certeza um professor ou aluno não acorda e decide violar outro aluno ou professor? Em segundo lugar, eu sabia que não seria fácil para os líderes pensar que a VGAE era um grande problema nas suas áreas de acção, uma vez que esses incidentes normalmente não são relatados, até que eles fossem confrontados com incidentes que lhes dessem um rosto. Eu queria que o questionário identificasse as formas de VGAE que ocorrem nas escolas, bem como onde elas ocorreram, para que os professores que preenchessem a pesquisa vissem por si mesmos. A pesquisa também questionou a existência ou não de políticas que protegem ou promovem a VGAE na escola.

Nós concordamos em realizar uma pesquisa piloto numa escola. Conheci a liderança regional e os membros da equipa de mudança para começar a trabalhar no piloto. Participaram, do sindicato, o encarregado de formação, o encarregado de género, o presidente regional, o vice-secretário e alguns colegas. Também estavam presentes 4 professores (3 senhoras e 1 homem) que eram membros da equipa de mudança da escola onde o piloto seria realizado. Havia um total de 10 educadores, incluindo os líderes, na sala. Após uma breve introdução feita pelo presidente regional sobre o novo programa sobre Violência de Género no Âmbito Escolar, expliquei que devíamos compreender o contexto escolar e estabelecer as prioridades do programa pois precisávamos que os professores aderissem ao programa. Para tal, tínhamos que identificar algumas questões nomeadamente, quais as formas de VGAE, caso existam, que ocorrem na escola; o que provoca e/ou impulsiona os casos de VGAE? Quem são os perpetradores? Quais são os factores que propiciam a sua ocorrência - são estruturais ou sistémicos? Mais, que organizações existem na comunidade que podemos cooptar para fazer parte da solução de modo a que a equipa de mudança da nossa escola possa ajudar



a resolver estas questões? Que políticas existem para promover uma cultura pró-segurança na escola que possa ser implementada para erradicar a VGAE? Que políticas precisam de ser desenvolvidas? Existem mudanças estruturais que podem ser recomendadas à direção da escola?

Eu expliquei que tínhamos elaborado um questionário para ajudar a analisar se a VGAE era um problema na respectiva região. Eu queria que eles fossem os primeiros a usar o questionário, mas precisava da sua contribuição para determinar se as perguntas reflectiam a situação nas suas respectivas escolas e sugestões sobre como melhorar o questionário. Eles ficaram felizes em preencher o questionário imediatamente.

Todos eles começaram a preencher o questionário em silêncio, como se fosse um exame. A sala ficou muito silenciosa. Quando eu disse: “Ei, não é um exame!” todos riram-se. Quando terminaram, recolhi as pesquisas. Eu pedi-lhes que escrevessem a primeira coisa que lhes viesse à cabeça.

Quando terminaram, perguntei-lhes: “Então, por favor, digam-me numa palavra como foi? Eu só quero as vossas primeiras impressões!”

Três deles responderam em coro: “Somos todos perpetradores!” Os outros também ecoaram este sentimento, um por um: “Com certeza, somos todos perpetradores, e eu nem estava ciente! disse outro professor.

Eles adicionaram dizendo, “por já não ser permitido o castigo corporal, estamos acostumados a chamar nomes aos alunos, yewena nhlokenkulu (ei, cabeça grande) ou “ubhala ngathi ubhala ngelunyawo” (a tua caligrafia parece de alguém que escreve com o pé). Eles explicaram que percebiam que aquilo era abuso verbal e deixava os alunos com raiva. Outro disse: “os professores também fazem comentários sexistas sobre a maneira como algumas alunas se vestem”.

O organizador deu o questionário aos colegas da escola piloto. Cerca de 38 questionários foram recebidos por parte deles, e da sua análise, apresentaram as seguintes questões:

- Assédio entre os alunos;
- Alunos que usam armas perigosas como facas em lutas escolares;
- Falta de segurança nos portões, qualquer um pode ir e vir como bem entender;
- Ausência de uma política de segurança escolar e ausência de monitoria/verificação do que os alunos levam para a escola.

Quando fomos encontrar-nos com o Director da escola, ele expressou apreço pelos nossos esforços. Também tivemos uma reunião com a direcção da escola, os líderes sindicais do SADTU aos níveis regional e local e, na sequência desta, uma reunião com o pessoal da escola.

A direcção comprometeu-se em apoiar o programa. Os professores referiram que muitas vezes tornam-se impacientes e intolerantes com os erros dos alunos por causa dos seus problemas pessoais. Disseram ainda que precisavam de sessões informativas sobre como lidar com o stress emocional, o luto e as questões gerais de bem-estar. Eles reconheceram que a falta de disciplina dos alunos os deixa impotentes, e assim reafirmaram a necessidade de implementar políticas escolares.

A escola decidiu formar uma equipa de mudança para elaborar uma estratégia e realizar uma reunião para o pessoal. Saímos da escola com um sentimento de esperança e, em certa medida, de realização, uma vez que a escola parecia preparada para enfrentar esta questão com vista a promover um bom ambiente de aprendizagem e ensino.

A equipa de mudança também partilhou o quão difícil é a questão da VGAE. Quando nos encontramos na segunda sessão “Ouvindo Nossas Histórias” liderada pela IE e Gender at Work, ficamos chocados ao ouvir uma história contada por uma mulher membro da equipa de mudança provincial. Um professor que participou numa sessão anterior como membro da equipa de mudança foi suspenso porque estava implicado num caso como perpetrador de VGAE. Recordei-me de ter interagido com esse professor na sessão anterior. Ele parecia ser um homem respeitável, alto, formalmente vestido, participando calmamente nas actividades da sessão. Agora ouvimos que ele tinha violado e engravidado uma menina da escola primária. Os meus pensamentos ficaram confusos. Será que ele já tinha feito isso quando sentou-se connosco naquela reunião sobre a VGAE? Pensei para comigo mesma como era difícil entender o que um homem é capaz de fazer. Eu estava tão zangada. Alguém que víamos como parte da solução era parte do problema.

Os casos abaixo são alguns exemplos das formas de VGAE que o sindicato foi chamado a intervir.

**Caso nº 1:**

Uns rapazes encontraram um cartão de memória de um professor no chão da escola. Quando eles acederam ao cartão, encontraram um vídeo do professor a ter relações sexuais com uma colega que eles reconheceram. No vídeo era evidente que a aluna estava grávida e passivamente permitia o acto sexual. O vídeo tornou-se viral em todo o país. Neste caso, o sindicato assumiu a liderança na abordagem da questão e realizou campanhas sobre a VGAE na respectiva área. O professor foi suspenso.

No entanto, nos meses seguintes soubemos que a situação entre o professor e a família da rapariga mudou. O professor disse que a menina era sua noiva e apresentou queixa contra o Departamento de Educação.

**Caso nº 2:**

Foi reportado um caso em que um homem da comunidade entrou numa escola e perguntou por um professor. Sem esperar que o professor fosse chamado, ele foi até a sala onde o professor se encontrava e disparou mortalmente no professor, em frente aos alunos. Depois ele saiu da escola.

**Caso nº 3:**

Uma manhã acordámos com a notícia de que um jovem professor tinha sido morto. O que assustou-nos foi o facto de o assassino ter sido um seu ex-aluno. A notícia dizia que o estudante foi à casa do professor após a publicação dos resultados da matrícula e esfaqueou o professor até a morte. Ele referiu que o professor foi a razão do seu fracasso. O professor ainda era jovem, tinha menos de 30 anos, e tinha uma longa carreira e vida pela frente. Senti-me tão desamparada enquanto ondas de choque passavam por mim. Eu perguntei-me sobre qual poderia ter sido a causa que justifique este acto premeditado por parte do estudante que resultou num fim tão trágico para ambos. Morte prematura para o professor e vida na prisão para o ex-estudante.

**Caso nº 4:**

Um vídeo que ficou viral nas redes sociais (WhatsApp), mostrou um rapaz da escola primária entre os 10 aos 12 anos de idade, apontando o dedo à cara de um professor formalmente vestido. O rapaz gritou para o professor, “quem pensas que és...” enquanto puxava-o pela gravata e dava-lhe pontapés. Outros dois rapazes ao seu lado apenas observavam. O professor olhou silenciosamente para o aprendiz. Uma professora entrou e disse ao rapaz: “Pára, o que estás a fazer”! O

que foi feito dos nossos filhos? Eu perguntei-me. Imagino que o professor teve de sustentar a respiração porque se ele tivesse dito alguma coisa ou mesmo empurrado o rapaz, teria sido um caso de assédio, já que o castigo corporal foi proibido. Eu percebi que os professores estão à mercê dos alunos, especialmente nas escolas onde a falta de disciplina é um problema.

Estes são apenas alguns casos. As escolas apresentam altos níveis de VGAE, mas muitas vezes são deixadas à mercê de si mesmas.

O sindicato desenvolveu estratégias proactivas e preventivas para lidar com a VGAE. Uma decisão foi incluir o código de conduta dos professores do SADTU nas primeiras páginas da agenda da SADTU, que é distribuída a todos os membros no início de cada ano.

Como sindicato estamos preocupados em criar e promover um ambiente de aprendizagem favorável e seguro tanto para professores como para alunos. O sindicato participa em entrevistas nos meios de comunicação para comunicar a sua posição e pronunciar-se contra actos violentos.

Até ao momento, o SADTU elaborou uma política de género e uma política sobre como lidar com o assédio sexual no local de trabalho para promover os direitos humanos das mulheres e o respeito mútuo entre homens e mulheres de todas as idades. As escolas-piloto de VGAE permanecem e o SADTU conversa com os professores de todas as estruturas sindicais sobre o impacto da VGAE. Mais, através de programas como “Eu sou adepto da escola” promove o acesso à educação para todos e cria condições favoráveis para a aprendizagem e o ensino.

Os recém eleitos encarregados de género são orientados para as intervenções contra a VGAE das escolas-piloto e empoderados para enfrentarem abertamente esses problemas, quando e onde quer que eles ocorram. O sindicato faz uso de todas as estruturas locais relevantes para enfrentar os desafios relacionados à VGAE.



## SONHOS DESTRUÍDOS

Eringu Etonu

(Escritório Regional África da IE)

Afare acordou muito animado. Ele assobiava enquanto tomava banho numa casa de banho que agora era sua, pois não a compartilhava com ninguém. Toda a sua vida ele partilhou casas de banho. Na casa onde cresceu, todos partilhavam uma casa de banho - seu pai, sua mãe e seus quatro irmãos. Ele frequentou o curso diurno nas escolas primárias e secundárias, então ele nunca teve a oportunidade de ver outra casa de banho. As casas de banho da escola de formação de professores estavam sempre ocupadas, especialmente de manhã cedo e à noite. Enquanto os alunos esperavam pela sua vez para usar as casas de banho, contavam histórias que tornavam a espera divertida.

“De qualquer forma tudo isso se foi, Afare lembrou, enquanto sorria: “Agora sou um professor qualificado a preparar-me para o meu primeiro dia na escola como Mwalimu Afare, como todos em breve me chamarão “.

Momentos depois ele estava vestido com a camisa branca que reservou para a ocasião, ou seja, o momento em que mostraria ao mundo que havia se juntado à nobre profissão, onde nem mesmo o magro salário o impediria de receber a recompensa que aguardava a todo professor no céu.

Às 8:00 em ponto, ele estava no gabinete do director. Ele bateu na porta e entrou quando ouviu as palavras: “Entre”.

“Bom dia, senhor” Afare cumprimentou alegremente. “Eu sou Mwalimu Afare.”

“Bom dia Mwalimu” O Director respondeu levantando-se e virou-se para o armário atrás dele. Então, falando por cima do ombro, ele perguntou:

“Qual é a sua disciplina de novo?”

“Geografia, senhor” respondeu Afare.

O Director virou-se, entregou-lhe uma pasta e disse: “Você irá leccionar o ensino secundário e este é o programa de estudos.” O Director então puxou um formulário e disse: “Este é para o horário. O horário geral está na sala dos professores. Peça a quem estiver lá para ajudá-lo a extrair o seu. Eu tenho uma reunião na Secretaria da educação na cidade esta manhã. Boa sorte.”

O Afare agradeceu e foi à procura da sala dos professores. Ele encontrou a sala, mas não havia ninguém lá dentro. De seguida procurou e localizou o horário geral. Conferiu o horário para ver o que estava previsto para si e verificou que tinha uma aula de Geografia.

O Afare não ficou desanimado pela recepção indiferente que recebeu por parte do Director e estava optimista de que as coisas iriam melhorar quando ele conhecesse os seus colegas. Ele tinha ouvido dizer que, como professor, ele pertencia a uma família chamada sindicato dos professores que se ocupa do seu bem-estar e das suas necessidades profissionais. Haveria tempo suficiente para conhecer a todos. Entretanto, ele iria conhecer a sua turma de Geografia. “Com licença” ele chamou um aluno que passava por ali. “Onde fica a sala dois?” “Ali, é a segunda porta daquele edifício” respondeu o aluno sem olhar para ele duas vezes.

O Afare dirigiu-se à sala de aula sem questionar por que o aluno não lhe tinha dado um segundo olhar ou por que não o tinha chamado de “senhor”. Afare poderia, de facto, ter passado por aluno. Não lhe ocorreu que ele não era muito mais velho do que os alunos que iria leccionar.

O Afare foi demasiado ingênuo para perceber que ele não passou por nenhuma orientação significativa sobre a dinâmica da escola. O Director não o chamou pelo seu nome e nem se lembrava da disciplina que ele devia leccionar. Nenhuma referência foi feita a um professor de geografia anterior, ou a qualquer outro professor da turma que ele estava prestes a conhecer. Ele não tinha ideia de quais tópicos tinham sido cobertos pela turma e por onde deveria começar no currículo escolar.

Ele não sabia que alguém lhe deveria ter dado uma indução adequada. O Afare não sabia que um representante sindical poderia ter sido um ponto de entrada ou uma aterragem suave para o acomodar na complexidade da comunidade

escolar. Caso soubesse, ele poderia ter estado melhor preparado para encontrar o que deveria ter sido a realização do seu sonho, na sua classe de sonho pela primeira vez como “Mwalimu”.

Mwalimu Afare ergueu os ombros, levantou o queixo e pôs um sorriso pronto para conhecer a sua turma. A saudação que ele havia ensaiado algumas vezes passou pela sua mente: “Bom dia, turma. Eu sou Mwalimu Afare. Vou ensinar-vos geografia e estou feliz por conhecer-vos”.

Ele virou a maçaneta da porta e entrou na sala de aula. O cenário que o recebeu foi muito mais do que ele poderia ter imaginado. Um rapaz estava deitado sobre uma rapariga visivelmente desesperada numa simulação de um acto sexual, enquanto os outros rapazes aplaudiam. Alguns rapazes estavam empoleirados em cima das suas mesas, rindo alto. Um grupo de raparigas abraçava-se num canto com medo enquanto alguns rapazes atormentavam-nas.

O Afare reagiu à situação com total consternação. O peito batia enquanto a raiva se acumulava dentro dele. Ele juntou todas as suas forças e gritou: “Párem! O que vocês acham que estão a fazer?”

A sala ficou num silêncio completo. Podia-se ter ouvido um alfinete a cair naquele momento. Então, lentamente, um filme começou a desenrolar-se diante dos seus olhos. Como em câmara lenta, as cabeças e os olhos dos rapazes começaram a virar-se em direcção ao intruso. Como num retrato, os olhos da rapariga permaneceram bem abertos e fixos em Afare. O próprio Afare parecia uma estátua com a boca bem aberta e as suas palavras congeladas por dentro.

O que se seguiu só pôde ser retirado da mente inconsciente do Afare algumas horas depois, num hospital. Uma avalanche de sapatos, malas, canetas, material de matemática, e mais, foram atirados na sua direcção. Passos pesados, gritos, pancadas, golpes, respirações pesadas, multidões crescentes de estudantes selvagens atrás dele, foram as imagens que passaram pela sua mente de forma intermitentemente na sua cama de hospital, onde mal conseguia mover o seu corpo. Os seus olhos inchados, meio fechados e o pé imobilizado contavam o resto da história.

Como esta história destaca, muitos professores não estão preparados, como jovens profissionais, para a realidade da Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE) e podem tornar-se verdadeiras vítimas. A VGAE tem sido um tema de discussão nas sectores das afiliadas da Internacional da Educação e da Internacional da Educação África.

Assim, o aumento e a maior cobertura por parte dos sindicatos em África pode assegurar que jovens professores como Afare que ingressam na profissão docente estejam devidamente equipados para pôr fim à Violência de Género no Âmbito Escolar.





## O INFORTÚNIO DE JULIANA

Victor Issaka Kpandja

*(Escritório Regional África da IE)*

A educação é um instrumento que nos permite construir sociedades. A essência da educação, no meu entender, é de promover valores relativos à competência, paz, ao desenvolvimento, à justiça, equidade, prosperidade, entre outros. É tendo estes aspectos em consideração que comumente se diz que a “a educação é a chave para o desenvolvimento.”

Por isso, é recomendável que cada criança tenha a oportunidade de aprender e, igualmente, que cada professor seja capaz de ensinar sem temer o seu local de trabalho, de modo a dar o seu melhor. Na minha posição como assistente profissional na minha organização, percebi que existem vários desafios para fazer da educação aquilo que desejamos que ela seja. Um desses desafios que está impactando negativamente nas nossas escolas, é a Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE).

Como muitas pessoas, antes de ter participado nas sessões de Aprendizagem entre Pares sobre a VGAE, eu pensava na VGAE como sendo assédio sexual ou estupro perpetrado por um professor contra uma aluna. Através da participação nas sessões de Aprendizagem entre Pares, descobri outras formas de VGAE como a perpetrada por um estudante contra uma estudante ou por um professor contra uma professora. A VGAE é também sobre a punição corporal ou a linguagem abusiva.

O Objectivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS4), apela aos governos para que promovam uma Educação inclusiva e de qualidade. Eu acredito que todos os governos estão empenhados em alcançar o ODS4, até 2030. Além disso, em

África existe uma agenda designada Estratégia de Educação Continental para África, adoptada em 2015, na qual todos os governos africanos comprometem-se a providenciar uma educação de qualidade.

Muitas questões me vêm agora à cabeça nomeadamente, “é realmente possível alcançar uma educação inclusiva e de qualidade, quando alguns estudantes ou professores têm medo de ser violados ou assediados sexualmente? Como podemos alcançar a educação inclusiva e de qualidade, quando algumas alunas têm medo de ir à escola, por receio que os professores as chicoteiem, provoquem ou insultem, por se recusarem a ser suas namoradas”?

Penso que é crucial empoderar os sindicatos afiliados da IE, para terem consciência sobre a VGAE e para lutarem contra a mesma nas suas comunidades assim como nos seus ambientes escolares. Pela minha experiência, não conseguiremos alcançar uma educação inclusiva e de qualidade sem acabar com a VGAE. Para ilustrar alguns dos desafios relacionados à VGAE, gostaria de compartilhar uma história.

Havia um Director de uma escola secundária no meu distrito, chamado Anani. Um dia, um vídeo do Sr. Anani a ter relações sexuais com uma das suas alunas, Juliana, viralizou nos medias sociais. Juliana era uma terna menina de 14 anos, de uma família muito pobre. O Sr. Anani, cuja família e filhos moravam num outro distrito, costumava pedir ajuda à Juliana para cozinhar, varrer, limpar e fazer outras tarefas domésticas. Como recompensa, dava-lhe algum dinheiro, comida e presentes em espécie. Os pais de Juliana estavam cientes e orgulhosos do Director por todos os presentes dados à sua filha.

Numa manhã de sábado, enquanto Juliana varria o quarto do Sr. Anani, de repente ele saltou para cima dela e começou a tocar nos seus jovens e pequenos seios. Juliana tentou gritar e fugir, mas ele prometeu dar-lhe uma quantia de dinheiro e uma bicicleta, e ela aceitou ter relações sexuais com ele. O Sr. Anani activou a câmara do seu telefone e gravou o acto. Quando terminou, ele deu-lhe dinheiro e ameaçou-a de morte caso ela o denunciasse.

Infelizmente para o Director, o seu telefone teve de ser enviado para reparações. O reparador viu o pequeno vídeo pornográfico e partilhou-o através da plataforma WhatsApp.

Ao ver o vídeo, os membros do Conselho de Professores convocaram o Sr. Anani e interrogaram-no.

Após ter confirmado que teve relações sexuais com a rapariga e ter sido o autor da gravação do vídeo, o Conselho despediu-o, por incumprimento do Código de Conduta. O Ministério da Educação apoiou a decisão do Conselho de Professores e o Sr. Anani foi despedido.

Os professores que eram muito próximos do Sr. Anani ficaram furiosos com a sua demissão. Eles abordaram os membros do Conselho, o Ministério da Educação, bem como os seus líderes sindicais com o objectivo de trazê-lo de volta à escola. Insinuaram que a profissão docente não é gratificante e que, portanto, ter relações sexuais com uma aluna não é violação mas sim uma compensação por uma profissão que tem poucas recompensas.

Eu chamei a atenção da direcção do meu gabinete para este caso. Foi-me solicitado que redigisse uma carta a alguns sindicatos do país, de modo a obter mais informações para podermos ajudá-los neste assunto. A carta foi enviada, e foi organizada uma reunião entre alguns dos líderes sindicais e o meu gabinete. Os líderes informaram-nos que os professores que estavam contra a demissão do Director da escola ameaçaram retirar-se dos sindicatos, já que nenhuma acção havia sido tomada para defender o Sr. Anani. Além disso, acusaram os líderes sindicais de conivência com o Ministério da Educação para despedir o Sr. Anani.

Todos os professores que apoiaram o Sr. Anani tornaram-se alvo de insultos, por onde quer que passassem ou se encontrassem. Em suma, tornaram-se o diabo a ser combatido a todo o custo.

Na reunião, exortamos os líderes sindicais a organizar uma conferência de imprensa para condenar publicamente o acto do Sr. Anani e deixar claro que ele não era um bom exemplo a ser seguido pelos outros professores. Também pedimos aos líderes sindicais para explicar que, muito embora o seu papel seja de proteger e defender os seus membros, não iam tolerar comportamentos errados, prejudiciais e criminosos. Nesse sentido, consideram o Sr. Anani uma vergonha para a profissão e não deve ser defendido. Foi depois desta conferência de imprensa que a comunidade retomou a sua confiança e o seu respeito pelos professores.

Nós também tivemos a oportunidade, juntamente com alguns dos líderes sindicais, de encontrar os professores furiosos que apoiavam o Sr. Anani. Explicamos-lhes e chamamos a atenção ao facto de, por lei, o acto constituir um crime de estupro. Juliana tinha 14 anos de idade e portanto não podia consentir o acto sexual com

o Director. Além disso, a responsabilidade do Sr. Anani, como um bom pai, era de educar a rapariga e não de gravar actos sexuais com ela.

Profundamente traumatizada, constrangida e envergonhada para voltar à escola, Juliana passou quase duas semanas em casa. Ela perdeu o interesse pela escola e ficou em casa. Apesar de todos os esforços dos seus pais para convencê-la a voltar para a escola, Juliana estava relutante e até agressiva. Ela não sabia o que a esperava na escola. Seguindo os conselhos e o apoio da sua mãe, ela aceitou voltar à escola. No entanto, Juliana recusou-se à voltar para a sua escola e foi transferida para outra escola do distrito. Infelizmente, ela não estava motivada e o seu desempenho escolar caiu drasticamente.

Esta situação apela à IE África para que implemente um programa para empoderar todos os afiliados da IE na Região a posicionarem-se contra a VGAE. Alguns sindicatos tiveram a oportunidade de participar nas sessões sobre a VGAE, durante os encontros organizados pela Rede Africana das Mulheres na Educação (RAMED), que é o Gabinete da Mulher da IE África. Mas eu penso que isto não é suficiente. Para poder-se alcançar a todos os afiliados da IE na Região África e reforçar as suas capacidades no combate à VGAE, deve-se alocar um orçamento autónomo para o programa da VGAE. Isto permitirá ao Escritório Regional, por exemplo, criar mais consciência sobre a questão da VGAE e ajudar os sindicatos que não têm um Código de Conduta a adquiri-lo. Será também nossa responsabilidade encorajar os sindicatos que têm um código de conduta, mas que não o utilizam, a utilizá-lo. Acredito que podemos ter este orçamento disponível, porque a VGAE é uma das áreas prioritárias da agenda da International da Educação.

Não pode haver educação de qualidade enquanto existir a VGAE. Para se ter uma educação de qualidade implica ter professores de qualidade, ou seja, professores formados, conscientes das suas responsabilidades profissionais e do seu papel como mentores e figuras parentais para as crianças que leccionam. Outra condição que ajudará a reduzir o índice de VGAE nas nossas escolas, é ter um ambiente de qualidade. É minha convicção que os alunos devem conhecer os seus direitos e as escolas devem ter o material de aprendizagem e ensino necessários para este efeito. Na maioria das vezes os alunos não sabem que têm o direito de recusar um convite de um professor para a sua casas ou recusar que toque qualquer as suas partes privadas.

# ESCRITOS DAS FACILITADORAS



Fotografia: Gender At Work



## REFLEXÃO DA FACILITADORA: MÉTODOS ANTIGOS, LIÇÕES NOVAS

Nina Benjamin

*(Legal Research Service e Gender at Work)*

Era uma tarde muito quente em novembro de 2018. Nós estávamos no Hotel 5/10 em Freetown para o segundo encontro de Aprendizagem entre Pares do processo AAG. O gerador estava a fazer um barulho muito alto e eu estava a tentar facilitar no meio desse barulho.

O Sindicato dos Professores da Serra Leoa (SLTU) prometeu uma apresentação sobre a Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE), por um grupo de jovens meninos e meninas, estudantes da maior escola muçulmana de Freetown, a escola “Muslim Congress Senior Secondary.”

No primeiro encontro de Aprendizagem entre Pares, a equipa de mudança do SLTU falou sobre a importância do teatro no seu trabalho sindical. Salimatu, membro da equipa de mudança, anunciou: “*Eu sou uma atriz que adora o palco.*” E, o resto da equipa de mudança falou sobre a importância do teatro comunitário para a sensibilização numa sociedade com níveis relativamente baixos de alfabetização.

De acordo com as estatísticas demográficas Index Mundi da UNESCO<sup>13</sup>, em 2013 a taxa de alfabetização de adultos era de 32.43%, classificando a Serra Leoa em 154 lugar dos 158 países. Tal como a Serra Leoa, a Gâmbia é citada como tendo uma taxa de alfabetização de adultos de 41,95% em 2013. Portanto, fazia sentido que os planos de acção das equipas de mudança dos Sindicatos dos dois países da África Ocidental incluíssem o teatro como um método para aumentar a sensibilização e estimular acções para eliminar a VGAE. Além disso, o SLTU

tinha usado o teatro comunitário para a mudança social como parte da sua contribuição para a construção da paz após a Guerra Civil.

Assim, quando chegamos à Freetown para o segundo encontro, não me surpreendeu ouvir Mohammed, o Presidente do SLTU e Director da escola “Muslim Congress Senior Secondary” relatar orgulhosamente que o Clube Escolar formado para sensibilizar os estudantes sobre a VGAE, tinha criado uma peça teatral.

Logo após o almoço do terceiro dia do encontro de Aprendizagem entre Pares, um grupo de cerca de 30 jovens chegou ao hotel com o seu professor de inglês, Sr. Brown. Juntamente com o GTU, o EIRAF e os membros da equipa de mudança do SLTU, fui convidada a sentar-me num semi-círculo à porta da sala de reuniões. Enquanto olhava à minha volta, vi os rostos entusiasmados dos alunos. As raparigas a um passo de se tornarem jovens mulheres, vestidas com os seus uniformes escolares e com a cabeça coberta de hijabs brancos. Os rapazes com todo o atrevimento da sua idade. Eles começaram com uma canção. Rostos jovens e inocentes, sérios e determinados a fazer passar a sua mensagem.

O Sr. Brown, professor de inglês, parecia um pouco ansioso, mas logo relaxou quando os jovens actores entraram no seu ritmo. O grupo fez a abertura com a frase *“A primeira Guerra Mundial terminou em 1918, a segunda Guerra Mundial terminou em 1945 e hoje estamos lutando outra guerra mundial que não tem início ou fim definido - a Violência de Género no Âmbito Escolar”. Devemos resignar-nos a ser vítimas de violência sexual e psicológica? VGAE é outra Guerra Mundial.*

Este foi um alerta chocante sobre o que estes rapazes e raparigas enfrentam todos os dias na escola. Sentada ao lado dos membros da equipa de mudança do SLTU, senti um aperto na garganta. Os meus pensamentos recuaram para os anos 80 durante o regime do Apartheid na África do Sul quando eu era uma jovem activista pronta para enfrentar todas as injustiças do mundo. Lembrei-me da emoção por fazer parte de um grupo de teatro comunitário, o Action Workshop, que foi a diferentes comunidades, sensibilizando-nas para lutar contra o apartheid. Recuei no tempo e lembrei-me das horas passadas a discutir e a criar as peças. Sorri ao recordar da nossa seriedade e actuação amadora. Eu aprendi tanto naqueles dias. Lições que carreguei comigo durante toda a minha vida.

Outro país, outro tempo, mas ali diante de mim via a beleza dos jovens empenhados em mudar o mundo. Enquanto eles carregam o mesmo fervor que eu tinha como jovem activista, aqueles rapazes e aquelas raparigas não estavam concentrados

num inimigo externo. O meu activismo foi moldado por uma luta contra o estado Sul-Africano do Apartheid. Mas, o “inimigo” daqueles jovens encontra-se nas suas salas de aulas, nos seus bairros, nas suas casas e às vezes até em si mesmos, ou seja, nos seus próprios comportamentos como meninos e meninas. A luta deles é muito menos visível. É uma luta para enfrentar as opressões interligadas da pobreza, da violência estatal, das práticas e comportamentos culturais patriarcais que alimentam a violência de género no âmbito escolar.

O Sr. Brown apresentou a peça descrevendo-a como uma mensagem motivadora para a mudança. O que eu senti como facilitadora assistindo à peça foi mais do que uma mensagem. Eu vi jovens viajando através de uma jornada de auto-consciencialização, do aumento da consciência e da criação activista. Os rapazes da peça estavam bem conscientes das escolhas que são obrigados a fazer nos seus relacionamentos com outros rapazes e com as raparigas da sua escola e comunidade. Confiantes, as meninas, tomaram conta da situação e mostraram o que é necessário fazer para passar de sobreviventes à activistas. Na peça, elas discutiram a situação e juntas decidiram escolher certos professores e membros da comunidade da sua confiança, para quebrar o silêncio e pôr fim ao abuso. Como espectadora, membro da audiência, vi a sua convicção e coragem. A sua actuação no palco foi apenas um ensaio para enfrentar os desafios da VGAE no mundo.

Fiquei muito emocionada. Tentei imaginar o trabalho envolvido na criação daquela peça. A determinação do professor de inglês, o compromisso do Director.

Há muitos anos atrás eu leccionava numa escola secundária e conheço o esforço necessário para reunir alunos fora do horário escolar e apoiar um processo que não faz parte do currículo escolar formal. Como público, assistimos a produção e não a criação. Sabemos pouco sobre o que aconteceu nas longas tardes quentes e suadas depois das aulas, onde assuntos foram discutidos, debatidos e idéias foram adoptadas ou rejeitadas. Os ânimos exaltaram-se, e por vezes foram derramadas lágrimas de frustração. O riso soa quando tudo gela, quando as acções convergem e os corpos e espíritos se alegram por ver a sua obra. Os actores - raparigas, rapazes e professores - tornam-se uma família com um propósito comum.

Quem são estes professores que se comprometem a abordar não apenas o assédio entre alunos, mas também o seu papel como perpetradores deste horror da VGAE? Ali estava uma iniciativa em que professores e alunos uniram-se para criar uma



mensagem para compartilhar com os outros. E, nesse processo de co-criação, também aprenderam a ver-se, ouvir-se e a entender-se num relacionamento diferente do tradicional professor-aluno na sala de aula. Os alunos trouxeram todo o seu corpo para o processo revelando, através da sua actuação, os seus pensamentos, as suas experiências, esperanças e dores.

A peça da escola “Muslim Congress Senior Secondary” não foi “dirigida” pelos professores, mas sim apoiada por eles através da criação de um espaço seguro para os alunos expressarem todos os seus medos acerca dos professores, pais, membros da comunidade e colegas. A mensagem dos alunos é clara: *“não somos apenas sobreviventes da VGAE. Somos jovens dispostos a criar escolas seguras. Esperamos o vosso apoio.”* Os professores e membros do SLTU, preparados para ouvir o que os alunos tinham a dizer, receberam a mensagem.

Todas as personagens da peça eram facilmente reconhecíveis. Eram personagens com quem os actores e o público podiam relacionar: o professor trocando “sexo por notas”, o estudante assediando sexualmente a estudante, a estudante inocente apanhada na rede, a estudante corajosa que se defende e se mete em problemas, a mãe preocupada e com receio de desafiar as normas culturais e o pai ocupado e alheio ao assunto. A peça oferece a oportunidade para “quebrar o silêncio”, pois quanto mais ousada for a apresentação, mais intenso é o debate que se segue. Com a evolução da história, a desempenho dos actores, a reacção do público, pouco a pouco o silêncio se quebra.

A peça da escola “Muslim Congress Senior Secondary” apresentada ao ar livre, no calor, na poeira, sem adereços, sem acústica, apenas com o empenho e entusiasmo dos jovens actores mostrou o poder do teatro comunitário na criação de uma comunidade e de um objectivo comum. Os professores, alunos e membros da comunidade partilham a experiência de quebrar o silêncio em torno da violência de género na escola. Nem todos concordam com a peça, ficam felizes ou estão dispostos a avaliar os seus próprios comportamentos. Mas, todos participam no espectáculo das personagens exageradas, das melodias cativantes e mensagens importantes das canções, a poesia divertida ou desconcertante, e a dança. Ninguém sai da peça inalterado.

13. <https://www.indexmundi.com/facts/indicators/SE.ADT.LITR.ZS/rankings>



## FACILITANDO CONVERSAS DIFÍCEIS

Mahlet Hailemariam

*(Gender at Work)*

Sou membro associado da Gender at Work, sediada na Etiópia. Sou uma das facilitadoras do Processo de Acção e Aprendizagem sobre a Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE) levado à cabo pela Internacional da Educação e a UNGEI. O meu papel foi de facilitar o processo de AAG e de orientar as equipas de mudança na Etiópia, Uganda e Quénia nas suas iniciativas para lidar com a VGAE. O processo de mentoria incluiu o acompanhamento e a prestação de apoio técnico às equipas de mudança, de acordo com as suas necessidades.

Durante uma sessão de mentoria, eu estava sentada numa sala de conferência pequena, escura e congestionada com a equipa de mudança, a administração e o pessoal de programas. Todos eles conheciam-se muito bem e eu era a única pessoa de fora. Três homens estavam entre os participantes. Um dos homens estava sentado à beira da cadeira e parecia preparar-se para sair rapidamente da sala. O segundo homem estava a ler uma revista, enquanto o terceiro estava num canto da sala, fingindo ler um cartaz na parede. Eu imaginei que eles estavam a sentir-se deslocados e perguntei-me por quê. As participantes, alheias ao seu ambiente, estavam conversando e rindo.

Depois de uma breve recepção e introdução, começámos a rever o que tinha acontecido nos encontros anteriores. Uma participante da administração, fez uma pergunta. “Eu queria saber mais sobre o que é a VGAE; Eu quero entender como posso identificar a VGAE.” Com base na sua pergunta e reconhecendo que nem todos na sala tinham participado nos treinamentos anteriores, começamos a nossa discussão.

No meio da conversa, um dos homens afastou a mesa para a frente, levantou-se com dificuldade e disse: “oh género!” Algo me soava familiar no seu tom e na maneira como ele se posicionava. Eu já tinha visto isso antes. Ele não estava completamente convencido sobre a VGAE ou a igualdade de género. Ele continuou falando sobre como esta questão, ao focalizar apenas nas mulheres, marginaliza os homens. A sua colega tentou explicá-lo. Ele esticou-se na sua cadeira e olhou para o lado, enquanto ela falava. Eu pude ver que ele não estava convencido. Será que ele estava a ouvir? Ele não parecia interessado em ouvir a resposta dela.

Enquanto a discussão continuava, eu me debatia internamente. Devia mudar o programa da sessão que tinha preparado durante dias? Ao conceber o programa, eu presumi que não havia necessidade de definir a VGAE ou o que significa igualdade de género. Agora estava com dúvidas. Pensei: “Será que estou a chegar a uma conclusão prematura? Será que estou a julgar negativamente as perspectivas dos participantes?” Senti a necessidade de criar um espaço para os participantes discutirem a questão antes de prosseguir. Percebi que definir alguns conceitos como género e VGAE era importante. Então, em vez de me ater ao que tinha planificado, eu permiti que o processo fosse liderado pelas necessidades dos participantes. Ajustei o programa na minha mente.

Eu estava ansiosa, mas que opção eu tinha a não ser adaptar-me à situação? Afinal de contas, como podemos (como facilitadores) permanecer relevantes num processo onde o que preparamos de antemão não se encaixa no que realmente está a acontecer na sala?

Enquanto reflectia sobre como ajustar o programa, outro participante acrescentou à discussão dizendo “V.G.A.E.” enfatizando cada letra muito lentamente, como se fosse a primeira vez que ele dizia. Ele concluiu afirmando que “acontece em toda parte. As pessoas não entendem. Nós ensinamos aos outros o que é..., o que significa...”

Ouvimos várias histórias dolorosas sobre a VGAE. A história de uma rapariga que foi violada numa escola em que o professor saiu impune. Uma professora que foi assediada pelos seus colegas e finalmente foi transferida. Histórias de professoras aplicando castigos corporais aos alunos, alunos que abusavam e assediavam professores. As histórias continuaram. “Ouvi dizer que esta rapariga vestia uma mini-saia.” “Esta professora estava a caminhar lá fora sozinha no escuro.” Estas foram algumas das explicações dadas por certos participantes. Eu

perguntei-me se o grupo tentava justificar estes actos de violência ou tentava entender o comportamento humano ou como alguém pode cometer tal crime. Perguntei-me se estávamos culpar as vítimas. Tive dificuldade em respirar.

De repente, aproveitei a oportunidade e quase gritei “os actos de violência devem ser condenados pelo que são!”

A maioria das histórias parecia concentrar-se no que os homens fizeram a esta ou aquela rapariga. Eu perguntava-me “o que é que estou a ouvir, o que estamos a insinuar? Estamos a dizer que só os homens são perpetradores e não têm controlo sobre os seus impulsos? São as mulheres as únicas vítimas?” Muitas perguntas vieram-me à cabeça e a discussão continuou antes que eu conseguisse articular qualquer um dos meus pensamentos em perguntas propícias a ajudar os participantes a explorarem a questão de diferentes ângulos.

A minha mente continuou agitada, enquanto ouvia a discussão após o meu último comentário. Uma participante que parecia abalada pela discussão sugeriu dizendo “nós precisamos trabalhar na consciencialização.” Os pais, professores, alunos e o governo devem estar cientes do que está a acontecer.” O seu comentário desencadeou outro pensamento em mim e eu disse para mim mesma “como é fácil externalizar e falar sobre o que está a acontecer lá fora e o que podemos fazer lá fora.” Enquanto pensava, uma das participantes resgatou-me. Ela referiu que “a mudança começa dentro de nós.” Fiquei encantada pelo comentário daquela participante. Aquele era o momento exacto para levantar a questão sobre a necessidade de olhar para dentro de si mesmos e para dentro da própria organização. Sem pensar muito, perguntei “podemos, por favor, partilhar casos ou exemplos de VG no escritório?”

Ninguém esperava a minha pergunta. De repente, a sala ficou silenciosa. Eu não esperava aquela reação. Senti-me um pouco culpada e tentei explicar o que eu queria dizer, como se eles não tivessem percebido a pergunta quando a fiz a primeira vez.

Mais uma vez, nada. Olhei à minha volta na esperança de que alguém viesse resgatar-me. Nada. Apenas 20 olhos a olhar para mim. Alguns olhares mostraram que eles não acreditavam no que ouviam. O que foi que eu fiz? Senti medo de ter bloqueado a discussão e perguntei-me: Será que enganei-me? E se eles nunca tiveram experiência de VG? E se eles estivessem a fixar-me porque não me cabia fazer essa pergunta? E se esses olhares dissessem “Quem tu pensas que és?”

Eu queria mudar de tema, mas não consegui. Pensei ter visto um sorriso no rosto de uma senhora que parecia dizer “Sim, era isso que eu procurava”. Não consegui acreditar no que vi e virei-me para o lado. Vi um pequeno aceno de cabeça de um participante no fundo da mesa, ele parecia estar a examinar a sala para garantir que os outros não o vissem. Isto encorajou-me a prosseguir o tema. Mas como?

Eu sabia que precisava de correr um risco. Eu não podia ignorar o assunto, mas ao mesmo tempo percebi que tinha feito uma suposição errada. De repente, eu senti-me zangada comigo mesma pela minha falta de sensibilidade e compaixão. Pensei para mim mesma: “Sou louca. O que me fez pensar que isto é algo sobre o qual eles vão falar sem temer consequências? Como alguém pode sentir-se seguro para falar abertamente sobre tais questões num ambiente como este? Sou uma forasteira. Vou-me embora no final desta sessão, mas...” A minha própria luta interna obrigou-me a colocar-me no lugar deles.

Não sei quantos minutos se passaram. Alguns olhos não estavam mais fixos em mim. Algumas participantes trocavam sorrisos ténues pela sala, enquanto outra parecia estar ocupada rabiscando em seu caderno. A sala permaneceu em silêncio!

Devido à intensidade do silêncio e da linguagem corporal de alguns dos participantes, decidi prosseguir com a questão, mas mudar a minha abordagem. Contudo, o meu dilema era sobre como continuar a discussão, criando um espaço onde as pessoas pudessem aprender da sua própria experiência de uma forma segura e não julgadora.

No meio do desespero tive uma ideia e disse: “Por favor, escrevam uma carta para um amigo querido, dando um exemplo de casos de VG que aconteceram no vosso local de trabalho. E, por favor, entreguem-me sem colocar o vosso nome.” Eu prometi tomar conta das informações e das cartas com muito cuidado.

Sem hesitar, os participantes começaram a escrever e rapidamente entregaram as suas cartas. Revi as cartas durante a noite e, no dia seguinte, partilhei os exemplos identificados pelo grupo. Para minha surpresa, ninguém se opôs. As pessoas começaram a falar abertamente sobre a maneira de usar as informações para iniciar mudanças culturais dentro da organização.

Reflectindo sobre essa experiência, percebo o quanto temos que nos conter como facilitadoras. Acho que tive sorte naquele dia. Devo agradecer aos participantes por confiarem em mim e no processo. Isto não significa que terei sorte todas as

vezes. Como facilitadora fico com as seguintes perguntas: “Como trabalhar de forma a ampliar as experiências dos participantes? Como facilitar de tal forma que as pessoas adquiram não apenas habilidades, mas também a vontade de olhar para dentro de si mesmas criticamente e de mudar? Como avançar neste sentido sem fazer perguntas difíceis? Sem correr riscos?”



## DILEMAS NA FACILITAÇÃO: COMO RESPONDER E SOBRE QUEM RECAEM AS RESPONSABILIDADES?

Michel Friedman

*(Gender at Work)*

*“Como agente de mudança que trabalha para criar escolas mais seguras e livres de VGAE, o que devo fazer? Estou preso entre a espada e a parede. Como posso partilhar histórias difíceis quando receio que os meus colegas me ridicularizem? Sem a sua protecção, não posso partilhar. Às vezes sinto que como agente de mudança nem sempre sou capaz de ser a mudança que quero ver” (membro da equipa de mudança da África Oriental).*

VIOLÊNCIA

DE GÉNERO

NO ÂMBITO

ESCOLAR

Depois de três anos de trabalho nesta iniciativa, estas palavras saem facilmente da nossa boca. A abreviatura VGAE esconde a complexidade, dor e coragem por detrás da palavra. Ela disfarça as gargantas asfíxiadas e os corpos trémulos de quem olha fixamente para a realidade da VGAE. Sou Sul-africana e fui convidada pela Internacional da Educação e pela UNGEI para fazer parte da equipa de facilitação do Processo de Acção e Aprendizagem em Género abordando a VGAE no Quénia, no Uganda e na Etiópia.

É a minha segunda vez nesta região e não me sinto tão assustada, estranha e desconfortável como na primeira visita em 2007. Ainda assim, estou muito consciente de que tenho muito a aprender. Como abrir bem os ouvidos, esvaziar a cabeça das minhas próprias suposições e abrir o meu coração para vivenciar as experiências, perspectivas, realidades da vida das equipas de mudança, das crianças em idade escolar e dos outros membros do corpo docente que irei conhecer nesta jornada.

Apesar de muitos anos de experiência de facilitação trabalhando em questões de igualdade de género e violência de género, tal como os colegas da equipa de mudança, por vezes não sei o que fazer. Como encontrar a resposta mais apropriada no vasto campo da VGAE, sabendo que estas realidades existem mas ninguém quer falar sobre elas?

Início de 2017, depois de quase um ano no processo, encontro-me na sala da nossa reunião. Paredes nuas, excepto as notas das sessões e desenhos coloridos criados pelos participantes. Chegamos ao fim de uma longa e intensa semana de trabalho com a equipa de mudança e outros participantes. Ouvi histórias que reflectem ambos lados do ser humano - coragem, cuidado, compaixão, acções de solidariedade e transformação, bem como violações, maus tratos e argumentos que tentam justificar comportamentos abusivos. Viajei longas horas por estradas poeirentas para chegar onde os membros do sindicato moram ouvindo conversas emocionais. O meu corpo e a minha mente guardam tudo isto nos meus ossos e células. Há tanto para digerir. Estou cansada.

A equipa queria explorar como abordar e analisar normas sociais e práticas culturais ligadas à VGAE. Terminamos a nossa primeira sessão explorando mensagens recebidas sobre normas culturais que ditam o que as meninas e os meninos podem ou não fazer. Um membro da equipa de mudança chamou-me à parte na hora do chá, querendo perguntar-me algo e disse: *“Um dos professores do secundário que frequentou um dos encontros de sensibilização sobre VGAE disse-me: “Temos um problema de lesbianismo desenfreado nas nossas escolas. Isto é VGAE?”* Ele olhava para todo o lado, menos para os meus olhos.

Eu perguntei: *“o que você quer dizer com lesbianismo desenfreado?”*

*“As meninas mais velhas abusam das mais novas no internato”* respondeu o membro da equipa de mudança.



Tanta coisa passou-me pela cabeça. No ano passado, ouvi muitas histórias descrevendo como os alunos e professores têm comportamentos considerados inaceitáveis na sociedade da África Oriental, mas normalmente ignorados. Todas essas histórias são difíceis de enfrentar, mas até agora, tanto quanto sei, os membros da equipa de mudança não sentiram que as suas vidas ou empregos estivessem ameaçados caso partilhassem as tais histórias.

Eles aproveitaram o espaço como uma oportunidade para aprendizagem por forma a discutir as questões livremente. No entanto, aprendi que qualquer assunto relacionado com a orientação sexual de pessoas do mesmo sexo é uma verdadeira batata quente. Tenho a certeza de que deve ser um dos tópicos mais tabu e ofensivo relativos à VGAE. Nas primeiras sessões do encontro “Ouvindo Nossas Histórias”, há um ano atrás, a orientação sexual do mesmo sexo foi apresentada como um exemplo de VGAE - geralmente com referência a actos entre rapazes ou entre rapazes e professores - acusados de sodomia - sempre assumida como sendo violenta ou violadora. Logo depois, numa sessão de aprendizagem entre pares, o tema ressurgiu, quando uma das pessoas que está comigo hoje, um líder sindical que é um feroz defensor dos direitos humanos e dos direitos dos professores, questionou se fazer parte da equipa de mudança obrigava-o a apoiar os direitos das pessoas LGBTI. Para ele, os direitos dos LGBTI era algo que o Ocidente trouxe para destruir a cultura local. Ele é um cristão, um polígamo, advogado, protector apaixonado das mulheres que se descreve como sendo um homem africano “tradicional.” Como facilitadoras, sentimos que não nos cabia decidir sobre quem podia ou não ser membro das equipas de mudança. A própria equipa de mudança tinha que decidir. Essa pergunta ficou sem resposta naquele encontro. No início desta reunião, o mesmo líder sindical partilhou dizendo “Agora sou mais humano nas minhas relações com os outros.” Ele pareceu-me mais gentil, mais suave, mais consciente de como tratar as pessoas com mais respeito. Respeitei o trabalho interno que fez para alcançar esta mudança.

Confrontada com a questão da “lésbica desenfreada” na hora do chá, sinto-me desprevenida. Não estava à espera deste pedido e fiquei surpreendida por ouvir um participante apresentá-lo. No entanto, percebo imediatamente que aquela era uma oportunidade para abrir uma discussão. Vinda da África do Sul, estou ciente de que somos um dos únicos países do continente com uma constituição que expandiu o significado de “direitos humanos” para proteger legalmente os direitos das pessoas que têm uma orientação sexual do mesmo sexo. Tenho que

lembrar-me como era antes de 1994, quando a África do Sul teve as primeiras eleições democráticas e reescreveu a constituição dominada pelo apartheid. Eu já ouvi muitas vezes as pessoas dizerem: “Deus criou Adão e Eva, não Adão e Steve.” “Sodom e Gomorrah, foi destruída, por causa da homossexualidade.” Outros cristãos contestam com: “Nós não somos Deus, fomos criados à sua imagem, e Deus ama todos os seus filhos.” Tendo uma origem judaica, sei o que é viver num contexto que exige lealdade e obediência ao que é considerado culturalmente normal. Ouvi primos discutindo sobre se os filhos deveriam ser excluídos dos seus testamentos por terem feito escolhas que a cultura judaica não aprova. Se alguém quisesse casar com um não-judeu ou viver com alguém do mesmo sexo, a ofensa à cultura era igual.

Desde os meus oito anos de idade fui proibida de brincar com as minhas vizinhas, duas meninas alemãs, e tenho tentado entender por que, como humanos, precisamos sempre encontrar alguém para definir como diferente de nós e depois tratá-lo como se não pertencesse ao homo sapiens, o que, por sua vez, muitas vezes leva a justificar a violência e o assassinato.

Agora eu também estou presa entre a espada e a parede . É a primeira vez que se levanta a questão da orientação sexual das meninas. Como é que eu respondo e sobre quem recai a minha responsabilidade? Sobre as meninas envolvidas na história que me conta o membro da equipa? Qual é a verdade? Existe violência e abuso ou são jovens adolescentes a experimentar a sua sexualidade? Podem tornar-se vítimas com as vidas destruídas se não obtiverem apoio? As responsabilidades são para a cultura do sindicato, as normas existentes e os participantes com quem trabalho? A cultura e o contexto legal do país em que estou a trabalhar? O órgão de tutela da Internacional da Educação e a sua resolução de 2015 que visa “defender os direitos LGBTI ao longo de todas as campanhas e políticas<sup>14</sup> da IE e a “disponibilizar recursos da Internacional da Educação para pressionar os governos a acabar com a criminalização e perseguição de pessoas LGBTI, e a fazer campanha pelos direitos humanos para todos”?

Não há tempo para processar todas essas questões que me passam pela cabeça e não tenho nenhum co-facilitador com quem discutir uma estratégia. O intervalo para o chá acaba em breve, e eu tenho que decidir. Será que posso servir de modelo para que seja possível ter uma conversa sobre um assunto tabu, difícil, sensível, onde possamos ouvir todas as vozes, por mais dolorosas ou vergonhosas que possam ser? Eu sou orientada pela minha experiência sul-africana. O enigma

que o membro da equipa de mudança levantou, a pergunta inicial - “Isto é VGAE?” - é uma oportunidade. Eu salto para o fundo e decido olhar o tabu na cara. Quando nos reunimos de novo no grupo, convido este membro da equipa a partilhar o enigma com o grupo.

Sem resposta...

Mmmm - ok então, pensei. Eu mesma terei que levantar a questão, já que o membro da equipa de mudança está relutante em o fazer. Também pensei, claramente é um problema que os professores e os membros do sindicato estão a enfrentar, então seria útil para a equipa ser capaz de discutir a questão, usando este espaço de aprendizagem “seguro” para começar a reflexão. Eu não ignorei a pergunta que me foi feita e partilhei com o grupo o que o membro da equipa de mudança perguntou-me, se o “lesbianismo desenfreado” é VGAE. “O que vocês acham?” Eu pergunto ao grupo reunido: “Isto é automaticamente algo abusivo/violador/forçado, ou as meninas podem estar envolvidas em relações consensuais e estão sendo assediadas porque estão a fazer algo que não se espera culturalmente que elas façam?”

Silêncio.

Eu podia ter largado uma bomba.

O advogado na sala, finalmente falou. Disse que as relações entre as pessoas do mesmo sexo são agora comuns em áreas urbanas e estão a tornar-se mais aceitáveis. Explicou o contexto legal. A conversa começa desconfortavelmente e depois continua. O homem que antes havia questionado se ele poderia continuar a participar da equipa de mudança caso não concordasse com os direitos dos LGBTI estava agora bastante claro e referiu que se ele fosse um Director de escola e encontrasse um menino tendo um relacionamento com outro menino, ele os expulsaria, sem fazer perguntas. Na sua opinião, qualquer tipo de relacionamento entre pessoas do mesmo sexo é uma violência, uma abominação, é desumano. Eu ouço a equipa a debater. Também ouvimos como algumas raparigas, quando são apanhadas, tentam suicidar-se ou simplesmente fogem de casa.

Fazendo retrospeção, eu pergunto-me sobre o que eu poderia ter feito de diferente - em vez de mergulhar no fundo do poço com um assunto tão tabu. Eu poderia ter ido mais devagar, ter sido mais curiosa e levado mais tempo para lançar as bases para a conversa. Reconheço que no meu cansaço quebrei uma directriz básica de facilitação ao não pedir permissão ao membro da equipa de mudança para partilhar a sua pergunta com o grupo.

Eu poderia ter começado por esclarecer que eu estava a sair um pouco do lugar de facilitadora e tornar-me uma defensora para colocar uma questão que me foi levantada mas que o participante sentiu-se tímido para apresentar. Eu poderia ter reflectido primeiro sobre as questões mais amplas, como por exemplo, o que é que cria uma sensação de falta de liberdade em torno da questão da sexualidade e homossexualidade em particular? Perceber mais sobre como os outros na sala entendem o “lesbianismo desenfreado”. Explorar se alguém mais teve esta questão a si colocada ou ouviu falar sobre ela em qualquer outra escola e como isso aconteceu. Eu poderia ter aprendido sobre as diferentes formas como o grupo entende e responde ao que está acontecendo, ou o que significa para os agentes de mudança, professores e sindicatos lidar com um assunto sensível e culturalmente tabu. Mais, poderia ter explorado se, para o grupo, existe diferença entre o abuso feito num contexto heterossexual ou num contexto homossexual ou lésbico.

Só depois, poderia ter perguntado se existe uma diferença entre o abuso e a orientação sexual diferente. Ou, se qualquer orientação sexual que não seja heterossexual é sempre vista como abusiva, independentemente do contexto. E se for esse o caso, o que isso significa para os direitos humanos das pessoas com orientações sexuais alternativas. Quem decide quem é elegível para ser tratado como “humano” e quem merece ter um “direito humano.” As nossas escolas só devem ser seguras para os heterossexuais? Como as equipas de mudança podem apoiar os membros do sindicato que se vêem obrigados a lidar com temas tão sensíveis?

Escrevo agora, dois anos depois do incidente. A pesquisa da Unesco<sup>15</sup> confirma a existência de índices preocupantes de violência dirigida à estudantes cuja expressão de género não se encaixa ou é percebida como não se encaixando nas normas binárias de género. *“A violência homofóbica e transfóbica em ambientes educacionais tem um impacto significativo na educação e nas perspectivas de emprego dos estudantes com um desempenho académico mais fraco. As vítimas muitas vezes sentem-se inseguras na escola, evitam actividades escolares, faltam às aulas ou abandonam a escola. As vítimas desta violência correm maior risco de ansiedade, depressão, automutilação e até de suicídio.”*

Eu ainda penso naquele momento em que senti-me entre a espada e a parede. Enquanto escrevo, ouço dizer que ainda é difícil relatar casos de relações entre pessoas do mesmo sexo por medo de vitimização. *“Irá manchar a reputação*

*da nossa escola. Se a administração ouvir que estamos a falar deste assunto, eles poderão vir atrás de nós e até poderemos ser interditados”.*

Como facilitadoras da Gender at Work esperamos ser capazes de criar espaço para que todas as perspectivas sobre um assunto sejam ouvidas mesmo que não gostemos delas ou que culturalmente sejam percebidas como “erradas” ou “más”. Será que as equipas de mudança dos sindicatos devem criar esses espaços? Será que eles querem criar tais espaços? E se assim for, o que será necessário de nós, como facilitadores/professores/líderes sindicais, para nos prepararmos para “manter o espaço” para conversas difíceis - para assuntos tabu - especialmente quando esses tabus potencialmente também vivem dentro de nós? No final, o que significa abuso? Os abusivos são aqueles que desafiam a cultura - como um homem que desafia a Mutilação Genital Feminina num contexto onde isto é “normal”? Uma mulher que escolhe o divórcio? Uma rapariga que não quer casar? Pessoas que desejam amar outras do mesmo sexo? Ou são abusivos aqueles que usam o seu poder para violar os corpos, as mentes, os corações de outras pessoas contra a sua vontade? Ainda pergunto-me o que será necessário para expandirmos os nossos corações e o significado de “direitos humanos” para ser plenamente inclusivo das diversas expressões da humanidade.

14. Cláusula 16 da Resolução sobre os direitos LGBTI. Texto por: Internacional da Educação. Publicado: 26.07.2015. 7th Congresso Mundial da Internacional da Educação (IE) em Ottawa, Canadá, de 21 à 26 de Julho de 2015: <https://ei-ie.org/en/detail/14752/resolution-on-lgbti-rights>
15. UNESCO (2016): Out in the open: education sector responses to violence based on sexual orientation and gender identity/expression, <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244756>, accessed 13-09-19.



## O ACTO DE REFLEXÃO É UMA LUTA HUMANA

Nosipho Twala

*(Legal Research Service e Gender at Work)*

É uma manhã de segunda-feira em Abril. As árvores estão a soprar com o vento suave, o sol está a brilhar. Estou à caminho da sede do Sindicato Nacional dos Professores da Zâmbia. Leah segura a minha mão enquanto passamos por grupos de professores que vieram à sede por diferentes razões. Ela apresenta-me aos seus colegas. Passamos de escritório em escritório cumprimentando e apertando a mão de todos. Um grupo de professores chega e pede para falar com o organizador. Sou levada à sala de reuniões enquanto Leah e Simon conversam com o grupo de professores.

Há um silêncio na sala de reuniões em contraste com os zumbidos que acabo de deixar na área da recepção. A fornecedora de refeições está a preparar a mesa. Ela cumprimenta-me com um sorriso caloroso e oferece-me uma chávena de café. Aceito de bom agrado, o cheiro agradável do café não me permite recusar.

Os membros da equipa de mudança começam a chegar. Herbert, da província do sul, chega primeiro. Há risos e júbilo à medida que outros chegam, todos felizes por se verem mais uma vez.

Eu ponho a música do Tai Chi e começamos a fazer os exercícios, todos em sincronia. Pode-se constatar que eles têm praticado. Quando estamos prestes a terminar o Tai Chi, duas pessoas espreitam pela porta, dizem olá, olhando para Leah, Joe e Samuel. Eles dizem: “Estes são os exercícios que a Leah obrigou-nos a fazer no outro encontro”.

Sentamo-nos à volta da mesa prestes a começar os nossos trabalhos, quando a porta abre-se mais uma vez. Desta vez os professores estão à procura do Samuel.

Eu suspiro e penso para mim mesma, se a reunião vai começar. Foi um erro realizar a reunião no escritório do sindicato?

É possível que a equipa de mudança esteja concentrada se houverem tantos distúrbios? Joe apercebe-se da minha ansiedade e explica que as primeiras horas da manhã são sempre agitadas no ZNUT, mas que naquele dia em particular era mais agitado porque estavam a ser realizadas diferentes formações.

Depois de dez minutos de espera, Samuel junta-se a nós. Ele aproveita o seu humor para pedir desculpas pelas interrupções. Ele contou-nos que os professores que ele foi apoiar eram membros do grupo de referência da VGAE em Lusaka e tinham vindo relatar um caso de VGAE que ocorreu na sua escola.

Durante o início, todos partilham como se sentem na reunião de mentores. Todos partilham a partir do coração.

Peço-lhes então que partilhem como eles e o ZNUT estão a manter viva a iniciativa sobre a VGAE. Eles olham uns para os outros e respondem como se estivessem num coro. “Na verdade, não fizemos muito por causa do surto de cólera.” Eu soube que escolas e reuniões públicas foram suspensas por alguns meses como medida de prevenção, após um surto de cólera.

Só quando fiz perguntas sobre o surto de cólera e como o sindicato respondeu a esta crise é que eles começaram a reflectir sobre o seu papel como equipa de mudança e grupo de referência. Eles mapearam e reflectiram sobre as suas diferentes intervenções para lidar com a crise da cólera. Disseram-me que não tinham visto a necessidade de partilhar as acções comigo porque as mesmas não tinham sido parte dos seus planos de mudança. Eles interviram porque tinham que responder à crise. Depois de uma hora de reflexão, eles ficaram surpresos ao perceber que a crise serviu de catalisador, porque cultivou a urgência e permitiu-lhes trabalhar aberta e voluntariamente como uma equipa, bem como fazer as coisas de forma diferente, a fim de criar um ambiente de aprendizagem limpo e seguro, livre de cólera e VGAE.

Através destas reflexões, a equipa de mudança também surpreendeu-se ao perceber que tinha feito contribuições ao lidar com a VGAE. Através deste exercício, a equipa de mudança começou a perceber a importância da reflexão para tornar o seu trabalho visível.

Eu percebi que muitos de nós lutamos com a reflexão, especialmente com a auto-reflexão, porque ela requer a busca da alma. Muitas vezes, como activistas,

ignoramos o facto de que a reflexão ajuda-nos a entender onde estamos em nossa própria prática. Ter consciência do que fazemos e da forma como o fazemos, é uma luta que dificulta a reflexão.

Eu costumava pensar que a reflexão era relacionada ao género, sentindo-se as mulheres mais desconfortáveis para reflectir sobre as suas forças e os seus sucessos por terem sido socializadas para serem vistas e não ouvidas. Isto as impede de “soprar os seus próprios trompetes” ou elogiar a si mesmas. Mas, através deste processo, eu percebi que a reflexão é uma luta humana geral.

A reflexão depois de uma acção permite-nos aprender com a nossa experiência e tem enormes benefícios no aumento da autoconsciência. Com a reflexão, aprendemos sobre as nossas próprias incertezas e erros. Ela é importante porque ajuda-nos a descobrir “o que sabemos, mas não temos consciência que sabemos” assim como “o que não sabemos e queremos saber”.

Quando eu saí do escritório no segundo dia, haviam sorrisos de alegria e satisfação. O zumbido das conversas e das gargalhadas tinha enchido a sala silenciosa em que entrei pela primeira vez. Pude perceber pela energia vibrante na sala e pelos sorrisos no rosto das pessoas que o encontro tinha sido um grande sucesso. Como facilitadora, fiquei emocionada ao ver a equipa a reflectir sobre a sua prática e o impacto. Um dos membros da equipa de mudança disse “queremos que os programas de VGAE permaneçam em nossos livros por muito tempo. Devem fazer parte do ZNUT mesmo quando já não estivermos lá. Tem de fazer parte do nosso ADN.” Era evidente que a equipa estava a trabalhar em conjunto e a tentar o seu melhor para fazer mais com poucos recursos. Mencionaram estar a monitorar de perto para verificar se os membros estão a relatar incidentes de VGAE. A equipa desenvolveu hipóteses que irá testar. De facto, a iniciativa permitiu que a paixão da equipa de mudança acendesse a chama na vida dos professores. O encontro de mentoria trouxe perguntas nunca antes feitas e inspirou o Joe a escrever um poema sobre a natureza e os crocodilos.

Gostei do facto de, como agentes de mudança, eles estarem conscientes de que a mudança começa com eles próprios e que eles deveriam ser a mudança que gostariam de ver nos outros. Esta iniciativa tocou os seus corações e todos eles estão entusiasmados por ver a mudança acontecer e por tornar-se a mudança. A grande questão para eles era sobre como usar o seu entusiasmo e o das equipas provinciais de mudança para manter a iniciativa de lutar contra a VGAE.



A realização do encontro na sede do ZNUT ajudou-me a compreender o contexto da equipa de mudança, das suas realidades e dos seus desafios do dia a dia. A maioria dos membros da equipa de mudança são directores de diferentes departamentos do sindicato. Assumi que o director lidasse só com a gestão e delegasse os outros trabalhos aos seus subordinados.

Fiquei surpresa ao ver os membros da equipa de mudança correndo de um lado para o outro, consultando outras pessoas das suas equipas para ajudar os membros que vinham ao escritório em busca de ajuda. Tive a oportunidade de sentir e vivenciar a cultura do escritório.

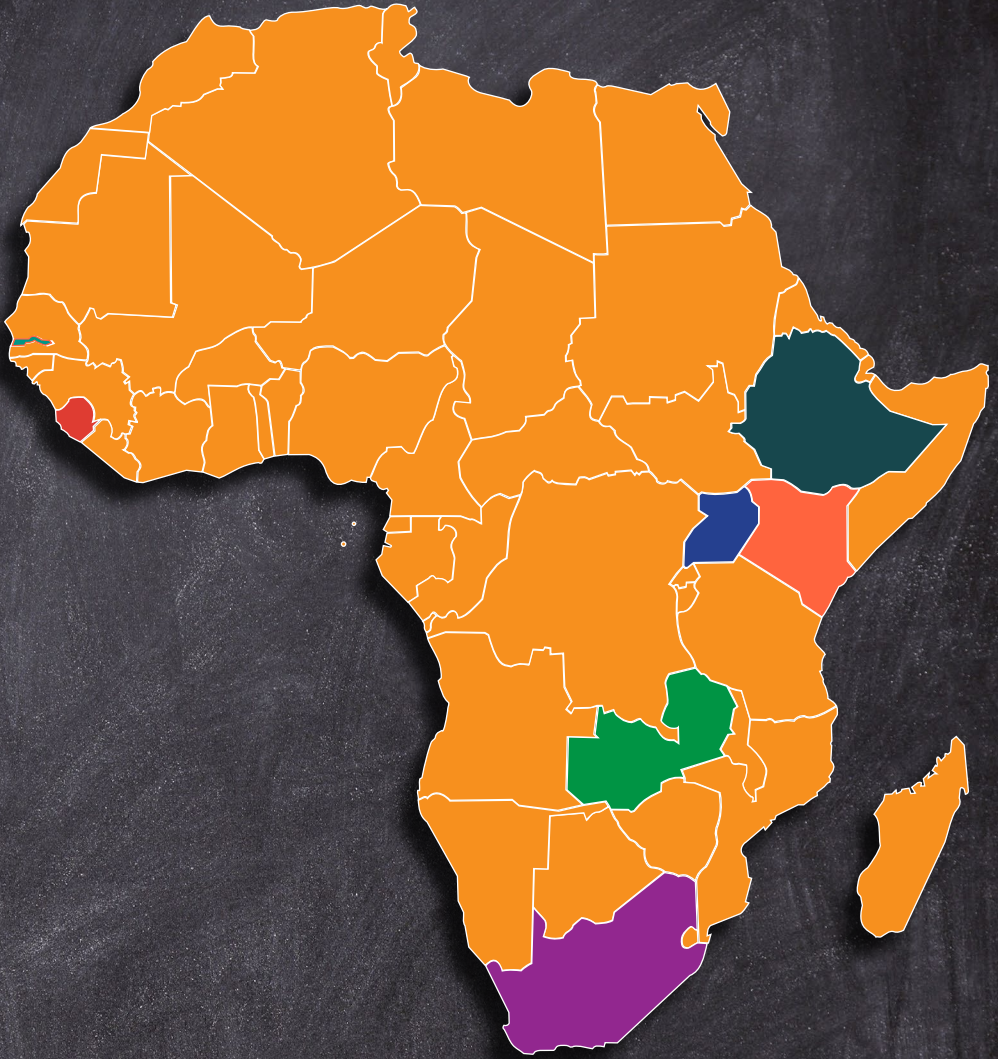
Quando os confrontei com as minhas suposições sobre as suas funções como directores, Samuel disse que a iniciativa da VGAE mudou o seu entendimento sobre liderança. “Tivemos que nos adaptar e mudar porque isto não é um projecto, mas uma iniciativa. Não vai desaparecer no próximo ano. Vai ajudar-nos a recuperar o nosso respeito e a nossa dignidade como professores. Obrigado pela iniciativa, porque hoje podemos arregaçar as mangas e trabalhar arduamente para apoiar, orientar e construir a confiança dos membros”.



Fotografia: Joe Kasaka (ZNUT)







Government  
of Canada

Gouvernement  
du Canada